

Kamatho Ortigas

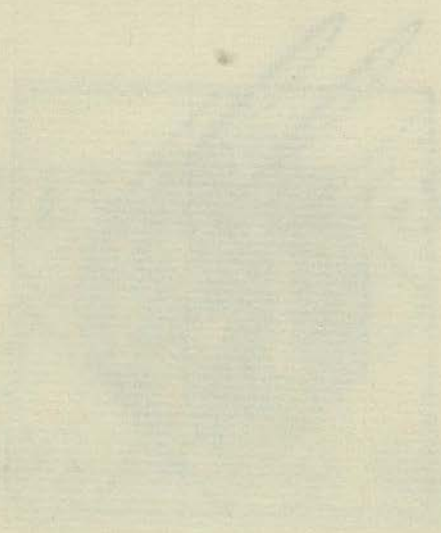


AS

FARPAS

VOLUME 2

EDITORIA
LISBOA



AS FARPAS

RAMALHO ORTIGÃO

AS FARPAS

TOMO II

AS EPISTOLAS

77-145-209-248-
272-



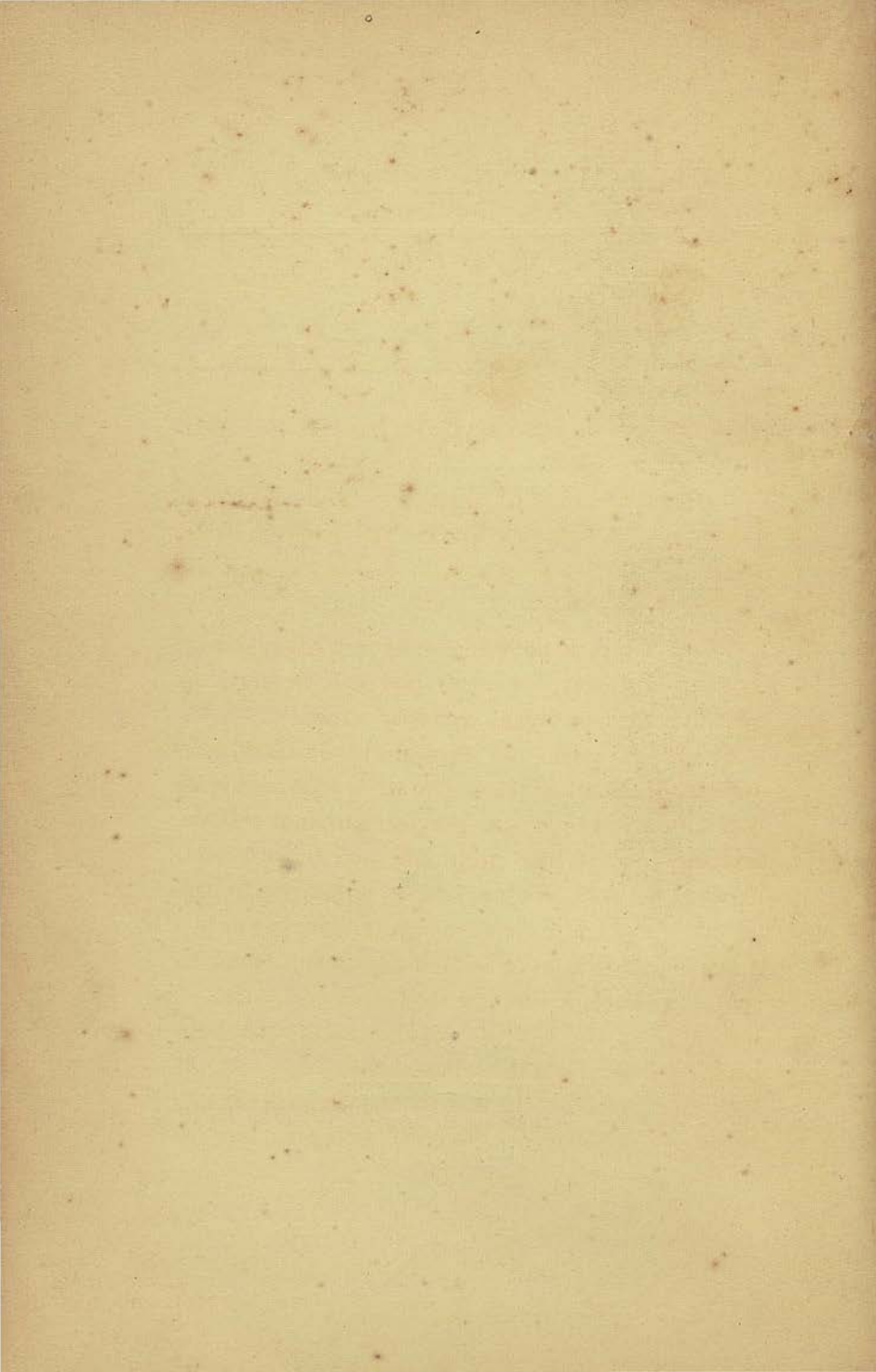
DAVID CÔRAZZI - EDITOR

40, Rua da Atalaya, 52, Lisboa

BAHIA

1877 da Alfandega, 50







AS EPISTOLAS

I.^a

A SUA ALTEZA O SERENISSIMO PRINCIPE SR. D. CARLOS
REGENTE EM NOME DO REI


Lisboa, 25 de Maio de 1883

Senhor

É de interesse particular mas importantissimo o assumpto que ora nos traz por meio de carta aos pés interinamente reaes de vossa alteza.

O § 28 do artigo 145 do titulo VII da Carta Constitucional da monarchia garante a todo o cidadão o direito de communicar por escripto com o Poder Executivo, e é d'esse direito que hoje tomamos a liberdade de usar, ao abrigo da lei, aproveitando para tal fim o momento presente, em que vossa alteza é o chefe temporario do sobredicto Poder, como regente do reino na ausencia em partes de Castella de seu augusto pae El-Rei nosso senhor, que Deus guarde por longos e dilatados annos.

Senhor, ha obra de tres para quatro mezes que os papeis publicos nos deram a boa nova de que



vossa alteza iria em breve completar o tirocinio da sua educação como príncipe, como cidadão e como vertebrado, correndo algumas terras e partidas do mundo, como o finado infante sr. D. Pedro, que Deus em sua santa gloria haja.

Por essa data puzeram as folhas o dedo sobre os nomes de algumas pessoas, que vagamente se suppunha virem a ser chamadas para acompanhar vossa alteza em sua peregrinação de estudo pratico atravez dos homens e das cousas da civilisação entre gentes extranhas.

Seguimos as indigitações da imprensa ácêrca do pessoal d'essa embaixada pedagogica, e sorrimo' nos entre desdenhosos e galhofeiros, pois abrigavamos a convicção indestructivel de que os redactores d'*As Farpas* eram os cavalheiros naturalmente indicados pela opinião publica e pelo consenso geral da côrte para a honrosa e ardua missão de que se tratava.

Effectivamente, Senhor, relanceando os olhos ao passado, e investigando, atravez do movimento politico e do movimento intellectual do seculo, quaes as instituições nacionaes a cuja campainha tenhamos de tanger para encontrar os varões comprovadamente aptos para se incumbirem no momento presente do honroso encargo de preceptores de vossa alteza, o que é que vossa alteza vê? Porque, em nossa acrysolada modestia, nós preferimos perante

essa interrogação remetter-nos a um silencio discreto, *ponere custodiam ori nostro*, dar dois passos atraz, curvos e submissos, com os olhos no chão e os claqués debaixo do braço, aguardando tranquilos o real veredictum de vossa alteza.

Vossa alteza, havendo por bem baixar sua serenissima vista sobre as instituições patrias, vê para um lado as duas camaras, a Sociedade Geographica, a Universidade de Coimbra e o salão da senhora D. Maria Krüz; e para o lado opposto, á outra banda, vê vossa alteza *As Farpas*, quarenta a cinquenta volumes de uma prosa divina, a 200 réis o volume, que será a mais bella, a mais pura e a mais duradoura gloria litteraria do seculo do felicissimo principe, augusto pae de vossa alteza.

Os litteratos vindouros, chamados a illustrar pelo labor de suas pennas o reinado de vossa alteza, procurarão á porfia depois da nossa morte imitar esta obra sublime. Porém de balde. Porque nada ha mais inimitavel, pela affabilidade do trato sobretudo, do que o critico no estado benigno de morto! Seremos pois os classicos da lingua, nós outros, para esse tempo. Seremos os Vieiras e os Bernardes do cyclo do rei Luiz, o venturosissimo. As academias archivarão, como preciosas reliquias, a lanterna e o bordão nodoso com que atravessamos a vida espargindo sobre a terra claridades e pisaduras. Vossa alteza,

octogenario, coroado de cãs, porá os seus reaes oculos para nos lêr aos seus netos, aos quaes vossa alteza dirá, batendo com os nós dos dedos sobre a nossa obra amarellecida e veneranda:

— O velho rei Carlos foi tão bom e tão presenteiro rei como o principe seu progenitor, mas faltaram-lhe Curcios e Livios d'esta laia para o immortalisarem no eterno jubilo das gentes!

E vossa alteza soluçará de saudosa magua sobre as cabeças infantis da sua prole, considerando-se um monarcha desditoso porque na vasta perspectiva do seu reinado lhe faltou a projecção grandiosa d'esta obra cathedralesca.

Queira vossa alteza ir sempre seguindo, por partes.

Que é que as duas camaras do parlamento têm botado durante o decurso dos ultimos quinze annos em beneficio da educação de vossa alteza ou da educação d'alguem que seja n'este mundo?

Nada, serenissimo senhor! pela palavra nada!

Ha de ter constado porcerto a vossa alteza o que elles ainda ultimamente fizeram com um projecto de lei sobre a instrucção secundaria, o qual Thomaz Ribeiro, esse bemquisto vate, ministro de vossa alteza e porta-alaúde da sua côrte, arrancou a ferros das entranhas da musa para o mandar para a mesa como uma especie de gémea administrativa da *Delphina do mal*.

Como vossa alteza não era a esse tempo regente soberano do reino, e se achava ainda então sob o dominio da auctoridade paterna, não sabemos se lhe teriam permittido a leitura d'esse debate...

Foi uma cousa enorme, respeitavel senhor!

Um queria que lhe abolissem o latim, lingua morta e má lingua, sevandijada de verbos exquisitos, como *sum es-fui* e outros que taes; e em substituição pedia *disciplina psychologica*, que era para os rapazes ficarem bem ao facto da alma humana. E voltando-se para a mesa, o orador berrava:

— Eu cá, sr. presidente, não me importa com Tito Livio, nem me importa com ninguem n'este mundo. Alma e mais alma para cima do alumno, que é do que os rapazes precisam para ir para leis!

Outro queria religião, porque sem religião o que é o homem? O homem sem religião é, com licença, um bruto. E citava Renan, que fôra vizinho d'elle em Paris, e que não era bruto. Porque? Porque tinha temor de Deus, de noite, ás escondidas, em casa. O orador soube-o pela porteira do sabio.

Houve um deputado que insistiu em que se afastasse o publico dos lyceus, porque muita canalha junta não aprende nada. Um menino até dois é o dado para os mestres se concentrarem e fazerem uma educação capaz.

Houve mais um que pediu institutos de instrucção

secundaria para a mulher, pela razão de que, segundo elle, se tornava mistér que a mulher, *que é já a rosa, fosse tambem o perfume*. Textual!

E houve ainda um outro que, abundado nas idéas do precedente, exclamou enternecido, com os olhos em alvo: *É indispensavel, sr. presidente, que os dois sexos, o masculino e o feminino, caminhem na senda do futuro ao lado um do outro, de mãos dadas*. E igualmente textual!

Emfim, ao cabo de vinte dias de discussão, a decencia obrigou a agarrar no projecto pelas orelhas e a levar-o de rastos para a camara dos pares; mas como esta camara o não quiz por cousa nenhuma do mundo, o ministro das *Flôres d'alma*, e do Reino, levou o para casa no louvavel intuito de o pôr em verso. E consta agora que o vão aproveitar sob a forma de magica no theatro de D. Maria.

Logo depois da instrucção publica não viu vossa alteza como elles pegaram n'uma questão d'arte?...

Lembra-se um de falar no leilão do diplomata Zéa Bermudez, o qual reunia ás qualidades do mais excellenté homem uma pequena collecção d'arte com *quatro potes etruscos*.

Ao ouvir falar pela primeira vez durante toda a sua longa carreira parlamentar em quatro potes etruscos, a camara e o governo embasbacaram por

um momento, mas recahindo immediatamente em si com maravilhosa presença de espirito, camara e governo menearam as cabeças familiarmente, como se cada um dos legisladores não tivesse feito desde muito pequeno outra coisa senão jogar a pucara com potes d'esses.

Houve um assentimento geral na assembléa, e os gestos e as vozes exprimiram com unanimidade:

— Oh! sim!... os potes etruscos... conhecemos perfeitissimamente!

— O paiz, sr. presidente, não pode consentir que preciosidades de tão inestimavel valor artistico saiam do reino para ir enriquecer os museus estrangeiros!...

— Apoiado! apoiado! — opinou o sr. presidente do conselho, convicto, e subitamente illuminado pela Providencia como um vidente da Etruria em potes.

E a camara em peso, por todos os votos menos um, votou um credito supplementar de 5 contos de réis. Para que, senhor? Para proteger a arte nacional, que nem tem escholas, nem mestres, nem discipulos, nem modêlos, nem livros, nem cousa nenhuma, além do sr. conde de Almedina, e a qual a camara, ao cabo de vinte annos de esquecimento ou de desdem, se lembra de patrocinar afinal com 5 contos extraordinarios! Cinco contos por quatro cãos feissimos, meu rico senhor!... por quatro po-

tes, que uns dizem que foram feitos em Pompeia, e outros que foram feitos nas Caldas antes da vinda de Christo, e que, em todo o caso, admittindo-se mesmo que houvessem sido feitos ha muito mais tempo e muitissimo mais longe, só seriam de alguma utilidade aos artistas se lh'os dessem cheios de compota de marmelo ou de conserva de pimentos com cenouras!

Tal é a camara, ó serenissimo principe!

E a Geographica pode vossa alteza crer que é outra que tal. A sabia corporação da rua do Alecrim não passa de um parlamento como o de S. Bento, com a differença de que, em vez de ser electivo, é de assignatura, a cinco tostões por mez, e n'elle a rethorica é consultiva em vez de ser deliberante. É a camara ou a ante-camara dos aprendizes a deputados e a ministros; é o vitello mamão de que a representação nacional é o boi gordo.

Na primeira quinta feira de despacho digne-se vossa alteza ordenar que o trinchante-mór da real casa lhe raspe bem raspado um dos seus ministros e lh'o sirva sem casca: ahi está o geographo.

Encasque-se o geographo: eis ahi o ministro.

Sobre a Universidade corramos o véo da pudicia. O mesmo governo, considerando recentemente a influencia deslumbrante que esse luminoso foco do saber exercia sobre a imaginação da mocidade, de-

liberou com prudencia applicar-lhe um apagador. A respeito de ensino — disse em portaria o sr. ministro do reino ao reitor d'aquelle instituto de instrucção — o melhor é pôr-lhe ponto. E assim se fez com applauso geral dos doutos.

Resta-nos o *drawing-room* da senhora D. Maria Kruz.

Este centro intellectual está indubitavelmente acima de todos os outros e exerceu na educação nacional uma influencia dôce e benefica. É certo que durante muitos annos foi pela escada tapetada da *Abbaie aux Bois* presidida por essa dama, e não pelos degraus sordidos da sociedade geographica, que os litteratos, com algum estylo e respectiva pera, iam a deputados e iam a ministros.

A esta intervenção senhoril, que por algum tempo deu á politica portugueza uma leve atmosphaera de delicadeza e de graça, um fugitivo *odore di femina*, se deve o accôrdo que se fez em alguns caracteres entre a avidez das ambições e o respeito pelas escovas d'unhas.

Apesar d'isso ha para todos os effeitos uma differença consideravel entre o entrar na vida dando o braço a uma senhora, e o entrar levado em charola pelo sr. Pequito e pelo sr. Luciano Cordeiro.

A senhora D. Maria Kruz abdiçou porém ha muito tempo da influencia da sua amabilidade perante o

prestigio politico d'esses dois geographos fura-vidas, e contenta-se hoje em offerecer á sua antiga côrte a amizade, a conversação e o chá das suas quintas feiras.

Toda essa gente, no fim de contas, se tem importado tanto com vossa alteza como com minha avó torta. Ao passo que as *As Farpas* desde o primeiro dia da sua existencia até hoje jámais desfitaram os olhos desvelados e respeitosos dos interesses da real familia, em geral, e muito em especial dos de vossa alteza serenissima.

Era vossa alteza um baby da altura de uma bengala, quando seus illustres paes, vilmente illudidos por indignos conselheiros, appareciam com vossa alteza nos sitios publicos apresentando-o aos povos em traje de mascara, já de coronel de comedia, já de tabellião de entremez.

Em uma occasião levaram-o ás corridas de cavallos vestido de funcionario publico: calça até abaixo, apolainada em cima dos botins apiorradados, jaquetão, collarinho alto, chapéo redondo, grillhão de ouro no relógio e luva branca. Vossa alteza poderá ter uma idéa da figura que estava fazendo dignando-se de olhar por um binoculo ás avessas para o prior da Lapa. Era aquillo em louro, sem a corôa e sem o anel liturgico.

As Farpas protestaram com energia, clamando

em estylo vehemente que vossa alteza tinha direitos inilludiveis a não ser confundido, por meio dos nefandos artificios do algibebe da côrte, com um padre pequeno. Que vossa alteza era o herdeiro presumptivo de um sceptro; nunca o de um cachucho de prégador! Que mais nobre do que essa vestimenta seria a pura nudez com a decencia apenas garantida pela extincta folha de parra ou por um simples phylloxera.

As Farpas aconselharam que vestissem vossa alteza sensatamente, de flanella, meias de lã, knickerbokar, blusa, collarinho chato, e sem luvas.

Hoje, que vossa alteza é um homem, deixamos ao seu juizo emancipado o decidir quem tinha razão: se os aulicos conselheiros do guarda-roupa de vossa alteza, se nós, seus criticos.

Mais tarde, quando vossa alteza penetrou nos dominios da instrucção secundaria, e que de Coimbra foi chamado por cartas regias o mestre de hebraico Joaquim Alves de Sousa para o fim de vir lêr a vossa alteza Logica e Rhetorica, *As Farpas* apoderaram-se sollicitas e velozes d'esse sapiente caturra, e provaram por meio de argumentos irrespondiveis que era abusar da submissão de um joven principe, innocente e ingenuo, o pôr defronte d'elle, sob o pretexto de o instruir, esse agoirento mocho, pilhado na lobrega escuridão da metaphysica univer-

sitaria, e posto na Ajuda, com a borla doutoral a um lado e o comedouro do rapé ao outro, a explicar as regras do enthymêma, do epichirêma e do sorites, e bem assim o emprego da synédoche, da antonomasia e da catachrese.

Apesar de todas as nossas objecções, esse nefasto humanista amargurou os dias preciosos de vossa alteza, procurando cavilosamente fazer-lhe acreditar que o epichirêma era tão indispensavel ao homem como o proprio pão.

Se tinhamos razão ou não sabe-o hoje muito bem vossa alteza, que é homem ha uns poucos de annos, sem ter precisado nunca até hoje nem do epichirêma, nem do sorites, nem de cousa alguma d'aquellas com que por tanto tempo o estopou, sem proveito para ninguem, esse semsaborão tremebundo, seu mestre.

Quando foi da nomeação do sr. conselheiro Viale, do sr. Martens Ferrão, do sr. Santa Monica, *As Farpas* intervieram de novo, mostrando que a educação de vossa alteza não era precisamente a piscina da pudica Susana, para assim o rodearem em grupo mythologico de todos os velhos barbaças aposentados da magistratura e da Academia.

Os resultados confirmaram quanto por essa occasião predissemos. Os pedagogos de vossa alteza educaram-o dentro da virtude mas fóra da natureza, fa-

zendo de vossa alteza uma especie de Rosière de Nanterre, cuja vida tivesse por fim servir de assumpto a um romance coroado pelas sociedades sabias e destinado a conferir-se em premio de animação ás engommadeiras virtuosas.

Conhece vossa alteza a *Educação de um principe*, de Edmond About? Recommendamos-lhe com empenho a leitura d'essa obra tão importante aos principes como o proprio livro de Machiavel.

Em licção digna das nossas mais graves meditações, About mostra-nos a tragica situação do principe Paulo no primeiro dia do seu noivado.

É alta noite. Findaram as festas do hymeneu em palacio. O monarcha agradeceu n'um bem elaborado speech as manifestações geraes do regosijo da côrte por occasião do feliz consorcio do principe herdeiro, applaudindo incondicionalmente as dansas e as cantatas, e queixando-se apenas de pouca pimenta nos môlhos, mediocrementemente incendiarios, do real banquete. Os musicos, desencanudadas as flautas, mettido o rabecão na caixa, e confiados os timbales ao moço da real capella, haviam-se retirado a seus tugurios. Os aulicos resonavam enconchados nos catres da régia mansão. E o commandante da companhia dos vivos, incumbido, mediante a esportula de 3:200 réis e jantar, de fazer de Povo nos dias de gala, havia terminado os seus trabalhos; o rei,

com sua natural affabilidade, havia-lhe dicto commovido batendo-lhe no hombro e mettendo-lhe na mão os 3:200 — *Obrigado, meu povo!* — e elle, com o vozeirão restaurado por duas gemmadas, partira á pressa para ir levantar os vivas á Republica n'uma manifestação de provincia para que estava escripturado.

Tudo pois era silencio e trevas no régio alcáçar, quando o monarcha se ergueu, de chambre e chinelas, no louvavel intuito de espairecer dos duros encargos da publica governação espreitando um momento pela fechadura da porta da camara nupcial do principe Paulo e da princeza Margarida. N'isto, ao atravessar nas trevas o salão de baile, mudo, apagado e deserto. . . . catrapuz! Era o rei que ia de corôa para baixo e de chichelos ao ar por cima de um *fauteuil*, encambulhado n'um homem que dormia sentado alli assim. Gritos de pavão do monarcha aterrado, e cortezãos em ceroulas que chegam com luzes! Descobre-se que o rei cahira por cima do principe real, que estava noivando sósinho n'uma cadeira, com o chapéo de bicos na cabeça, abraçado á espada dos reis seus avós.

— Que faz você aqui, seu estúpido? — lhe perguntou o monarcha com voz acre.

— Eu nano — respondeu o principe sorridente e doce. — Como a princeza Margarida me disse que ia nanar para a sua camara, e como eu agora não

tenho camara para nanar, vim nanar para esta cadeira.

— Chamem os mestres de sua alteza! — bradou o rei iracundo, com um gallo na testa e com os braços cruzados no peito.

Um momento depois, como os tres pedagogos comparecessem á real presença, enrolados á pressa nas togas do professorado, de barretes de dormir, com as competentes pennas de pato aparadas da vespera e mettidas atraz das orelhas, o rei disse-lhes:

— Esse jumento que ahi está, (e estendendo o seu dedo magnanimo, com um largo gesto antigo indicava o príncipe, vestido de general, de esporas e chapéo armado, que bocejava encostado ao sabre de seus antepassados) esse real jumento ignora completamente os deveres mais rudimentares de um príncipe para com a sua princeza! E é para isto que eu tenho tido aqui á engorda durante quinze annos tres burros de tres mestres! . . . Ora muito bem: vou deixar-vos a sós por espaço de cinco minutos com tão repulsivo idiota. Se ao cabo de cinco minutos, contados pelo relógio, elle não estiver ao facto d'aquillo que todo o homem de barbas na cara deve saber para não vir para aqui a estas horas *nanar* n'uma cadeira, decapito-vos a todos tres esta noite como quem decapita pelo entrudo tres perús gordos e emborrachados!

Uma vez sós com o real alumno, os tres peda-

gogos cahiram em desfeito pr'no nos braços uns dos outros, porque nenhum d'elles sabia nem se lembrava de haver jámais lido nos auctores cousa alguma relativa aos *deveres mais rudimentares dos principes para com as suas princezas*.

Quando sua alteza se dignar de passar um exame sobre esta materia aos seus pedagogos, pedimos, senhor, e ousamos esperar da vossa clemencia, que a pena ultima lhes seja commutada.

Piedade, principe, piedade!

Quer vossa alteza mais provas da desinteressada solitudine com que *As Farpas* teem sempre velado com diurno e nocturno olho sobre o prestigio de tudo quanto mais directamente se relaciona com a sua pessoa, com a sua familia, com a sua côrte?

Compulse vossa alteza essa collecção immarcescivel, e a cada momento encontrará n'ella os conselhos mais amigaveis e mais justos, sobre as maneiras, sobre a *toilette*, sobre a linguagem, sobre a etiqueta do palacio; ácerca dos discursos da corôa, dos uniformes, das librés, dos cavallo, das carruagens, dos bailes, dos jantares, das viagens, das caçadas, das récitas de gala, das revistas militares, etc.

Quem foi que mais ardentemente pugnou para que não pegasse a vossa alteza e a seu augusto irmão a alcunha piegas dos *cabeças louras* e dos *louras creanças*, que lhes puzeram os noticiaristas?

Quem mais do que nós se esforçou em obstar que sua majestade a rainha cahisse, sob a antonomasia de *anjo de caridade*, nos logares communs da rethorica sordida de procissão e fogo preso, de bandedolim de murta e de peixe frito?...

Não faremos a vossa alteza a injuria de o suppôr assaz destituido de bom-gosto para não comprehender quanto a notoriedade, levada até esse ponto de incontinencia, melindra e emmurchece aquella delicada e fina flor do recato, que é a mais bella joia das princezas que bebem silenciosamente e heroicamente a vida na obscuridade inviolavel, como a imperatriz da Allemanha, por exemplo, ou a imperatriz do Brazil.

Por todos estes titulos julgavamos nós ter a certeza de ser os individuos chamados a acompanhar vossa alteza na sua viagem de instrucção.

Quando ultimamente lêmos nas gazetas os nomes dos srs. Antonio Augusto d'Aguiar e Martens Ferrão em vez dos nossos, aquelle que escreve estas linhas telegraphou a Eça de Queiroz, nos seguintes termos:

Eça de Queiroz — Laurence's Hotel — Cintra. Diga se recebeu rei convite ir estrangeiro principes, e se vae.

E recebemos a seguinte resposta:

Ramalho Ortigão — Caetanos — Lisboa. Só recebi Alberto Braga convite ir Collares burros, e não vou.

Havieis-nos pois lançado a ambos ao ostracismo... Maldição e prudencia!

O preclaro major Quillinan, que tão galhardamente defendeu ha pouco a honra nacional publicando no *Morning-Post* uma bisca contra o detestavel Bright, annuncia agora e faz publico que, visto o governo de sua majestade fidelissima não haver prestado a consideração devida ao feito alludido, elle, major Quillinan, não mais volverá a soccorrer-nos nas molestias de Bright. Bright tem d'ora avante o rim da gente ás ordens. Tripudie sobre elle a capricho, que o major Quillinan dá licença! A camara dos communs pode desde hoje beber-nos o sangue á vontade, que o bebe por conta do lavrador.

Regala te para ahi, ó vibora sedenta, que o major Quillinan, despeitado, não torna a valer-nos!

Nós porém, senhor, — como se diz na «*Vie Parisienne*» — *não somos esse major.*

Vamos pois dar a vossa alteza, n'este momento decisivo e solemne, os derradeiros conselhos que a nossa dedicação a vossa alteza nos inspira, para que a todo o tempo se não diga que um mesquinho despeito nos reduziu n'esta suprema contingencia a um silencio criminoso, saracoteando-nos cynicamente no vil mutismo, como dois peixes vermelhos dentro de uma redoma cheia d'agua, emquanto vossa alteza caminha para o abysmo, levado ao estrangeiro,

como quem leva uma retorta, pelo nefando chimico sr. Antonio Augusto d'Aguiar.

Fomos vilmente preteridos — é certo — por esse cavalheiro... Um chimico, senhor! como se dissessemos um perfumista desaproveitado! um baldroqueiro de drogas! um troquilha de liquidos de laboratorio, nojosos e peçonhentos! Além d'isso, um gordo descommunal, um gordo inverosmil! um d'estes gordos que não passam ás alfandegas sem que as apalpadeiras venham e ponham o visto! um gordo que vae alarmar a Europa, e que vossa alteza, em justa satisfação da curiosidade dos povos, se ha de vêr forçado a exhibir á avidéz do publico na feira de Saint-Cloud ou na feira *au pain d'épices*, a dois sous por cabeça. Elle, do alto de um estrado, dirá á França: — *Messieurs! je suis jeune fille, je suis née à Marseille, j'ai seize ans, je pèse 150 kilos, tatez mon mollet, S. V. P!*

E vossa alteza, de casaca e gravata branca, piscando o olho ao povo, com malicia, terá de accrescentar:

— *Il n'y a pas de coton là dedans, messieurs!*

Elle de mais a mais usa uma luneta forrada de cautchú...

E é este homem que vae ser o real olheiro de vossa alteza através do que ha que vêr por esse mundo!

Um olheiro, de galochas de borracha na vista!

Um olheiro, que vae para vêr tudo, e que a si mesmo se não viu nunca senão até metade do ventre, porque da outra metade até os pés principia para o seu raio visual o hemispherio do grande indecifrável, do eterno incognoscível!

Que, pela nossa parte, tome vossa alteza nota que não pretendemos censurar ninguem! Uma vez que os paes de vossa alteza decidiram que esse cavalheiro nos devia substituir para o acompañar, nós não temos que dizer senão que vae muito bem acompanhado. Vae lindo! Não haja duvida nenhuma que vae perfeito!

E todavia é possível que o veneravel sabio venha a abusar um pouco do algebrismo technico da sciencia que tão gloriosamente professa, e que, quando vossa alteza o consulte sobre o *menu* da sua ceia no café Anglais ou sobre o governo do seu *cob* na Avenue des Potins, elle lhe responda pela formula $KO + 2SO^3$, ou $KO,2SO^3$, a qual formula não é precisamente a da elegancia mais garantida, a do bissulfato de potassa.

Antes de entrarmos agora na ordem dos conselhos que o nosso mistér de criticos nos impõe o dever sagrado de ministrar a vossa alteza, considere-

mos por um momento o estado presente da educação que vossa alteza vae concluir na sua proxima viagem.

Um jornal insuspeito, o *Commercio de Portugal*, resume o programma d'essa educação no seguinte quadro:

«*Conhece o príncipe o latim, francez, inglez, italiano, allemão, hespanhol, e estuda o grego. Faz com muito aproveitamento o curso de humanidades; tendo ahi principalmente alargado os estudos sobre a historia universal e patria. Estuda um curso regular de sciencias naturaes e mathematicas. Nas sciencias sociaes, que, pode-se dizer constituem a SCIENCIA DO GOVERNO para um príncipe, o curso de disciplinas seguido por sua alteza tem sido o seguinte, que indicamos mais desenvolvidamente por entendermos que muito interessa saber-se.*

Começou pelo estudo aprofundado da philosophia, especialmente dirigido para o estudo superior da philosophia do direito.

Em 1878 começou os estudos de philosophia racional e moral, e historia systematica da philosophia.

Preparado assim, começou em seguida o estudo de direito natural ou da philosophia do direito. Passou depois a estudar o direito publico interno e politico; direito constitucional portuguez; e historia tanto antiga como moderna das instituições politicas

da nação; organização da administração publica em Portugal nos seus diferentes ramos; leitura e explicação do código administrativo e das leis eleitoraes.

Estudo comparado das instituições politicas das principaes nações cultas e analyse de seu systema eleitoral.

Parallelamente e em licções alternadas, sua alteza seguiu o estudo systematico da historia do direito publico da Europa, seguindo como base a notavel obra «Le droit public et l'Europe moderne», do Vicomte Lagueronière.

Estudos dos principaes tratados por que foi alterada a carta e a organização politica da Europa desde os tratados de paz de Westphalia até a actualidade.

Estudo dos trabalhos do conde de Cavour sobre a organização do reino de Italia, e da correspondencia diplomatica mais importante sobre os grandes acontecimentos politicos contemporaneos, seguindo esse estudo pela excellente collecção dos ARCHIVES DIPLOMATIQUES.

Estudo dos principaes tratados diplomaticos de Portugal com a Inglaterra; tratado de Bombaim 1661; tratado de Metwen 1703; tratados de aliança e de commercio de 1810; tratados da quadrupla aliança 1834; tratados para a repressão do trafico de 1817 e 1822, e tratado de commercio d'este mesmo anno.

Terminado o estudo especial do direito publico interno, e parallelamente ainda com o estudo das disciplinas, que ficam indicadas, começou sua alteza a estudar o curso de Direito Publico Internacional, segundo uma introdução dos principios, que dominam este ramo importante da sciencia do direito, e da theoria das nacionalidades, seguindo depois o estudo especial sobre o DROIT INTERNATIONAL CODIFIÉ, de Bluntschli, 1880.

Sua alteza está ainda cursando estas disciplinas.

Em maio de 1872, começou sua alteza conjuntamente com o estudo do direito publico internacional o curso do economia politica, seguindo especialmente o TRAITÉ D'ECONOMIE POLITIQUE SOCIALE, de Joseph Garnier (1880), comprehendendo muito especialmente o estudo do systema fiduciario nas differentes nações, e dos caminhos de ferro e canaes, como meios economicos.

Actualmente em seguimento á economia politica, estuda a sciencia de fazenda segundo o TRAITÉ DES FINANCES, de Joseph Garnier (1883) com applicação á organização de Portugal.

Para complemento do plano de estudo de sciencias sociaes, que foi adoptado, ainda faltam outras disciplinas. Nesse estudo, e nos outros, continuará sua alteza finda que seja a sua viagem.

Com licções de duas horas, e com uma exacta ap-

plicação, o principe tem podido vencer os estudos difficeis e variados, que ficam indicados.

Assim educam os reis de Portugal os seus filhos.»

É claro que estas informações procedem directamente do Paço. Tudo o comprova: as datas, os titulos dos compendios e as suas edições, a ordem detalhada dos estudos, as horas de licção, etc. Estamos por tanto em frente de um testemunho autentico, de um documento historico.

Analysemol-o.

Vossa alteza é bastante moço ainda e bastante robusto para que o seu cerebro haja resistido ás influencias d'esse regimen aniquilador de toda a intelligencia.

Note pois vossa alteza, em primeiro lugar, a lingua de preto em que está redigida esta exposição.

Para dizer uma cousa tão simples, o estylo do mestre de vossa alteza rabeia na confusão mais comichosa, em lucta com a pobreza de um vocabulario estreitissimo, de creada de servir. *Começou pelo estudo aprofundado... Depois começou os estudos de philosophia... Começou em seguida o estudo do direito... Parallelamente seguiu o estudo systematico... seguindo como base, etc.* Mas, Deus piedoso! isto não é escrever, isto é coçar-se. Quem não pode exprimir-se melhor é que vae ter furun-

culos, e não deve escrever, deve tomar salsa-parri-lha.

Para julgar um tal plano de estudos, basta que vossa alteza um dia, ás escondidas d'esses senhores, abra um livro de um pedagogista, seja qual fôr. Em qualquer artigo de encyclopedia vossa alteza lerá, além d'isso, que o fim da educação é preparar o homem para a mais perfeita felicidade d'elle mesmo e para a felicidade dos seus semelhantes em virtude da sua adaptação mais fecunda ao meio physico, ao meio economico, ao meio politico, ao meio esthetico, ao meio moral. Na parte relativa aos conhecimentos, ou á instrucção propriamente dicta, a educação tem por objecto fazer-nos conhecer as manifestações ou os phenomenos do universo, principiando naturalmente por estabelecer as diversas categorias em que esses phenomenos se dividem. O *cathecismo da doutrina do real*, (citamos o que ha de mais elementar), reduz succintamente todos os phenomenos que a educação tem por fim submeter á nossa investigação ás seis ordens seguintes :

1.º — Os phenomenos da quantidade, da forma, da extensão e do movimento, ou phenomenos *mathematicos*.

2.º — Os phenomenos do movimento dos astros, da sua dimensão, das suas distancias etc., ou phenomenos *astronomicos*.

3.º — Os phenomenos do calor, da luz da electricidade, do magnetismo, da acustica, ou phenomenos *physicos*.

4.º — Os phenomenos de combinação e de decomposição, ou phenomenos *chimicos*.

5.º — Os phenomenos proprios aos seres vivos, ou phenomenos *biologicos*.

6.º — Os phenomenos do desenvolvimento das sociedades, ou phenomenos *sociaes*.

Entre estas diversas ordens de phenomenos ha uma correlação de dependencia successiva. De sorte que se não podem conhecer os phenomenos da 6.ª categoria sem conhecer os da 5.ª; não se podem conhecer os da 5.ª sem conhecer os da 4.ª; e assim por deante.

Não se aprende a astronomia e a physica terrestre sem noções mathematicas. Não ha chimica sem uma constituição anterior da physica. Não ha phenomeno vital que se comprehenda sem o conhecimento prévio da synthese chimica. Não ha finalmente facto social que se defina scientificamente sem o conhecimento da synthese biologica.

As sciencias cujas leis regem os phenomenos dos differentes grupos a que nos referimos acham-se hoje constituidas e chamam-se as sciencias fundamentaes.

Cada uma d'estas sciencias se estuda por um me-

thodo que lhe é privativo e a que corresponde o desenvolvimento progressivo das nossas faculdades. Assim o methodo das mathematicas é o do *raciocinio* por deducção; o da astronomia é a *observação*; o da physica é a *experencia*; o da chimica é a *analyse*; o da biologia, assim como o da anthropologia, ou biologia applicada ao homem, é a *comparação*; o da sociologia é a *observação critica* e a *filiação historica*.

A enunciação d'esta ordem jerarchica dos conhecimentos deve-se a Augusto Comte; e esta é a parte da doutrina d'este poderoso renovador da mentalidade humana que até hoje ninguem discutiu nem contestou nas grandes linhas geraes. Esta methodisação é tão clara, tão consistente e tão fecunda, que não ha hoje systematisador que a não adopte como a mais segura das chaves para a coordenação das idéas.

Emquanto á applicação d'este principio á educação diz Spencer:

«Que na educação se deve proceder do simples para o composto é uma verdade sobre a qual em certa medida todos se fundam. O espirito desenvolve-se. Como todas as cousas que se desenvolvem, elle progride do homogeneo para o heterogeneo; e como um systema normal de educação é a contraposição objectiva d'essa marcha subjectiva, elle deve conter a mesma progressão. Esta formula assim in-

terpretada tem um alcance muito maior do que á primeira vista parece, porque o seu principio implica não sómente que temos de proceder do simples para o composto no ensino de cada um dos ramos da sciencia, mas que outro tanto devemos fazer com relação ao conhecimento total. Como o espirito não começa por dispôr senão de um pequeno numero de faculdades activas, e que as faculdades desenvolvidas mais tarde entram successivamente em acção até chegarem a funcionar todas simultaneamente, segue-se que o ensino não deve abraçar primeiro senão um pequeno numero de objectos, successivamente accrescentados até que se comprehendam todos. Não é sómente na especialidade que a educação deve proceder do simples para o composto, é tambem no conjuncto.»

Em seguida Spencer accrescenta, de accôrdo com todos os pedagogos modernos, que a educação da creança deve concordar no modo adoptado e na ordem seguida com a educação da humanidade considerada historicamente. A génesis da sciencia no individuo não pode seguir uma marcha differente da génesis da sciencia na raça. E n'este ponto Spencer invoca o nome de Comte e curva-se respeitosa mente deante d'elle, porque a ordem positivista dos estudos corresponde exactamente á evolução dos conhecimentos na humanidade, a qual principiou por

investigar os factos cosmologicos e inorganicos mui longo tempo antes de attender ás leis biologicas e á vida historica da especie.

Vejam os agora á luz d'estes principios como os pedagogos de vossa alteza regularam a distribuição dos conhecimentos que foram incumbidos de ministrar-lhe.

Sua alteza — diz a informação que analysamos — *começou pelo estudo aprofundado da philosophia.*

Esta simples proposição inicial basta pelo seu profundo alcance pathologico para sobre ella se diagnosticar a inepecia verdadeiramente tragica que presidiu á educação intellectual de vossa alteza.

Principiar pela philosophia!

Mas a philosophia é precisamente a ultima das cousas que se ensinaria a um homem, se a philosophia fôsse cousa que se impuzesse a alguém pelo dogmatismo dos mestres.

O que é uma philosophia senão um systema de leis, deduzidas pelo espirito de cada um da confrontação das causas e dos effeitos dos phenomenos physicos e dos phenomenos moraes, e destinadas a fazer-nos prever, á mais longa distancia da nossa comprehensão pessoal, o destino do homem no gremio da sociedade e no seio da natureza?

Como é pois que alguém emprehende crear um philosopho de um menino de instrucção primaria,

fazendo-o systematisar pelas altas e subtis correlações de causa e effeito um conjunto de phenomenos, que elle nem sequer conhece na sua funcionalidade concreta, quanto mais na abstracção psychologica de fim e de origem?

O principio fundamental de todo o systema de educação e de ensino é — como já vimos — que sempre e invariavelmente, se proceda dos factos particulares para as leis geraes e das leis geraes para as leis de applicação.

Como é então que a vossa alteza ensinaram leis de applicação sem o conhecimento prévio das leis geraes e sem o conhecimento anterior dos factos particulares?

Que especie de philosophia é esta que vossa alteza apprendeu, tão extranhamente e tão miraculosamente como poderia ter apprendido a leitura sem o conhecimento das letras ou a arithmetica sem a noção dos numeros?...

É a *instauratio magna* de Baccon? É o scepticismo systematico de Descartes? É o metaphysismo de Hobbes e de Leibnitz? É o deismo de Locke ou o de Voltaire? É o sensualismo de Spinosa ou o de Condillac? É o scepticismo de Berkeley? É o materialismo de Holbach ou de La Mettrie? É o encyclopedismo de Condorcet? É o sentimentalismo de Rousseau? É o idealismo de Kant e de Hegel? É o

pessimismo de Härtmann e de Schopenhauer? É o eclecticismo do sr. Cousin? É o revolucionismo de Proudhon? É o objectivismo de Stuart Mill e de Herbert Spencer? É o evolucionismo de Darwin? É o positivismo de Comte ou de Littré?

A informação que tão opportunamente baixou da aula de vossa alteza á redacção do *Diario de Portugal* arranca o nosso espirito perplexo a esta cruel duvida.

Diz-nos esse papel precioso que a philosophia que vossa alteza apprendeu é a *philosophia racional e moral*.

Ora, como vossa alteza talvez sabe, todo o termo affirmativo implica a negação de um termo contrario. Assim quem diz uma philosophia objectiva ou uma philosophia *materialista*, dá a perceber d'esse modo que ha uma philosophia *subjectiva* e uma philosophia *espiritualista*, mas que não é d'essas que se trata.

Os pedagogos de vossa alteza, insinuando-lhe que é *racional e moral* a philosophia que lhe ensinam, deixam entender que ha tambem uma philosophia *immoral* e uma philosophia *irracional*, opposta a essa.

É triste o pensar que vossa alteza está desde de 1878 a estudar uma cousa que se converterá n'um systema de *irracionalidade* e n'uma doutrina de

desmoralisação desde que vossa alteza se dê ao ligeiro trabalho de virar pelo avêso a tal cousa que lhe ensinaram.

O programma que tem regulado a instrucção de vossa alteza accrescenta que vossa alteza tem estudado essa philosophia *na direcção do estudo superior da philosophia do direito*, e que *assim preparado começou em seguida o estudo do direito natural*.

Perante uma tão espantosa affirmativa deitamos abaixo das estantes todos os livros de «*direcção philosophica*» desde a mais remota antiguidade até os nossos dias.

Interrogamos avidamente as tradições egypcias do tempo das dynastias pharaonicas, contemporaneas das pyramides e anteriores de quatro mil annos á era de Christo, os vestigios que restam dos *papydo Ritual funerario* e do *Livro dos mortos*.

Interrogamos quanto se sabe ao presente da passagem no tempo e no espaço da philosophia chinezesa do *Y-King* e do *Chou-King*.

Inquirimos tambem, posto que com mais reserva, bem entendido, quanto se deslinda para a especulação philosophica dos mythos e dos emblemas indecentes das religiões e das liturgias phallicas da Chaldea e da Syria.

Relêmos com ôlho pressuroso, e manuseamos com mão nervosa e ligeira tudo quanto o sr. Vasconcel-

los Abreu tem feito a mercê de nos communicar a respeito dos systemas philosophicos e mais systemas dos Aryas.

Consultamos Thales de Mileto e Democrito, Socrates e Platão, Aristoteles, Zenon e Epicuro, Pomponacio e Averroes, todos os escolasticos, todos os platonicos, todos os peripateticos, todos os epicuristas, todos os pantheistas, todos os scepticos, todos os materialistas, e todos os atheus, sem excepção de um só, desde os *Dialogos da Natureza* do seculo XIII até o nosso moderno *Trinta*, comprehendendo todos os atheus verdadeiros e todos os atheus fingidos, desde Vanini, que morreu queimado como impio pelo parlamento de Tolosa, até um bom tenreiro nosso amigo que deixou de ir á missa ha mais de um anno para não se comprometter com os socios do club *Gomes Leal*.

Pois bem: ao cabo de tão laboriosas excavações eruditas e de tão vastas investigações historicas, podemos asseverar, sob nossa palavra de honra, a vossa alteza, que nada encontramos nem nas tradições, nem nos livros sabios, nem na conversação viva dos doutos, que nos possa dar, ainda que mui remotamente, idéa alguma do que venha a ser o estudo de uma philosophia especialmente dirigido para o estudo de outra philosophia, como aquella de que tão gloriosamente se trata no quadro dos conheci-

mentos propinados a vossa alteza pelos seus venerandos mestres.

O *Direito Natural*, em que se diz que vossa alteza entrou depois do preparo da *philosophia especialmente dirigida para a philosophia* é a réliquia rarissima de um estado mental que desapareceu da esphera philosophica, mas cujos vestigios tivemos a fortuna de poder encontrar ainda entre os ferros-velhos da historia do pensamento.

Parece que houve com effeito, em tempos, o que quer que fôsse a que se deu o nome hoje archaico de *Direito Natural*.

Além da gente anonyma e desconhecida que com mão mysteriosa taberneia em Portugal o ensino publico e o de vossa alteza, ninguem mais ignora hoje em dia que todo o Direito é um producto da civilização, e nunca uma manifestação ou uma obra da natureza. Nas sociedades rudimentares não se conhece o Direito. Nas sociedades civilisadas o Direito varia, segundo as concepções intellectuaes que dirigem o progresso em cada uma d'essas sociedades. E d'ahi vem que o Direito é eterno. É eterno precisamente porque é progressivo, como é progressiva a moral e a arte, e não porque seja um ideal innato á natureza do homem.

O erro da velha denominação de *Direito Natural*, procedia de que os philosophos desconheciam a na-

tureza, e em sua boa fé a consideravam recta e justa. Mas Darwin veio. Desde então ficou demonstrado que, pelos processos por que ella opéra na formação dos aggregados humanos, a natureza é immoral e é iniqua.

A lei do universo basea-se sobre o concurso d'estes dois grandes agentes: a *lucta pela vida* e a *selecção natural*. A lucta pela vida é o estado permanente de todos os seres, para os quaes a criação é uma eterna batalha. A sorte do conflicto decide-a a selecção natural. Como? Fixando na especie, pela adaptação ao meio, os seres mais fortes, e expulsando os seres inferiores. Por isso o professor Haeckel affirma: «A theoria de Darwin estabelece que nas sociedades humanas, como nas sociedades animaes, nem os *direitos* nem os *deveres* nem os *bens* nem os *gosos* dos membros associados podem ser eguaes.»

Ora o que é que estabelece o Direito? O Direito estabelece precisamente o contrario d'isso: a egualdade dos deveres reciprocos para a mais equitativa distribuição dos bens.

O Direito portanto não só não é uma funcção da lei natural mas é uma reacção contra essa lei.

A natureza é o triumpho brutal decretado ao forte. A sociedade é a protecção consciente assegurada ao fraco. A criação funda a *lucta pela vida*. A sociedade organisa o *auxilio pela existencia*.

Uma civilisação é tanto mais adeantada quanto mais ella submete ao seu dominio as fatalidades naturaes. E é assim que o homem, de conquista em conquista, chegará um dia, como diz Buchner, ao paraizo futuro, ao paraizo terreal, d'onde não veio mas para onde vae, e que não é um dom divino primitivo mas o fructo derradeiro do trabalho humano.

Todo aquelle que, no meio d'este esforço compacto da intelligencia de cada um para o progresso geral, se detem no caminho a apprender com os seus pedagogos a cousa a que elles chamam o *Direito Natural* está por esse facto fora da civilisação e fora da humanidade.

Se o nosso intento fôsse perturbar o dôce repouso dos preceptores de vossa alteza poderíamos perguntar como é possivel ensinar todo o direito que vossa alteza apprende, sem préviamente fazer conhecer os grandes phenomenos que o Direito tem por fim dirigir e que se chamam a *nação*, a *familia*, a *propriedade*, o *trabalho*, etc.

Poderíamos perguntar ainda quem é que assume a responsabilidade de ensinar a vossa alteza a *historia patria* e a *historia universal* antes de se haverem recusado a exercer esta funcção os individuos idoneos, os que pelos seus estudos especiaes demonstraram na imprensa ou no professorado ser os mais conhecedores d'essa materia, como o sr. Pi-

nheiro Chagas, o sr. Oliveira Martins, o sr. Theophilo Braga, o sr. Jayme Moniz ou o sr. Consiglieri Pedroso.

Poderíamos perguntar mais, se a Lingua não será em uma nacionalidade um facto tão importante pelo menos, como o Direito, e se é permittido que, no quadro dos estudos de um principe de vinte annos, se não diga uma só palavra relativa ao conhecimento dos grandes escriptores, depositarios das tradições poeticas da sua patria.

Poderíamos perguntar, finalmente, como é que a *Economia politica*, a qual Mac Culloch tão concisamente definiu dizendo que a *sciencia economica é a sciencia dos valores*, se pode ensinar a um menino de redoma, sem noção alguma dos elementos constitutivos dos valores; sem o conhecimento das sciencias que produzem a riqueza, como são a mechanica, a physica e a chimica; sem a minima idéa das materias primas que as industrias transformam, nem dos instrumentos que effectuam essas transformações, nem dos movimentos commerciaes que modificam e alteram de logar para logar o valor dos productos; um menino que o vacuo enorme do seu quadro de estudos nos mostra na ignorancia absoluta do que é o milho, do que é o trigo, do que é o arroz, do que é o assucar, do que é o algodão, do que é a lã, do que é o carvão, do que é o ferro;

um menino que nunca foi a uma lavoura, nem a uma officina, nem a uma fabrica; um menino que nunca viu em exercicio uma charrua, um torno, uma serra, uma broca, uma bomba, uma machina de vapor ou um moinho de vento; um menino que nunca olhou de perto para esse instrumento vivo de todas as transformações industriaes chamado o obreiro; um menino emfim, que nunca sahio só, e que a sua mãe nunca levou ás compras, á tenda, ao talho ou á feira; e que, sabendo todos os direitos que ha — naturaes e sobrenaturaes, publicos e particulares, nacionaes e internacionaes, — só não sabe ainda como se faz o pão que come e o vinho que bebe, o tecido que o veste e a vela que o allumia, nem quanto custa o kilo da carne, ou o litro do azeite!

Nós porém não pretendemos affligir os mestres de vossa alteza. O mestre é irresponsavel, pela boa razão de que o mestre é nullo, ou quasi nullo, na direcção intellectual do homem.

E' por esse motivo que *As Farpas* propuzeram sempre que a instrucção de vossa alteza se fizesse, como a dos demais cidadãos, nas escholas publicas do seu paiz. Porque a forte, a fecunda, a verdadeira licção não vem da auctoridade dogmatica dos mestres, vem do livre impulso dado ao espirito e dado ao character pela convivencia dos condiscipulos e dos companheiros no estudo.

E' n'esta intima communhão de interesses com individuos da mesma raça, da mesma nação, da mesma idade, que o homem começa a comprehender a primeira e a mais importante noção social, — a noção da solidariedade humana, o mechanismo de todo o verdadeiro progresso, tendente ao triumpho final das forças sympathicas sobre as forças egoistas e á adaptação mais perfeita do individuo á communi-
dade.

E não é sómente o rhythmo do egoismo e da sympathia que se forma e se regularisa nas relações de convivencia com os nossos semelhantes. São as curiosidades intellectuaes que despertam, e os conhecimentos que se transmittem no sentido dos problemas mais importantes para a geração a que pertencemos.

Metade d'aquillo que valem, moralmente e intellectualmente, devemol-o aos contactos e ás suggestões dos individuos que nos têm rodeado aavez da existencia. E' esta uma divida que poucos se lembram de pagar reconhecendo com veneração os beneficios da amizade. Todas as mães estão promptas sempre a declinar sobre as «más companhias» dos seus filhos a responsabilidade dos seus desvarios. São rarissimas aquellas que sabem agradecer, como collaboração dos seus desvelos, a parte enorme que as «companhias bôas» tiveram na formação

do espirito e na formação do character, na intelligencia, na dignidade, na honra, na gloria de seus filhos.

O homem mais perfeitamente educado por um mestre foi Stuart Mill. Aos vinte annos de idade elle tinha apprendido com James Mill, seu pae, tudo quanto a sciencia pode ensinar a um sabio e a um philosopho. E todavia Stuart Mill conta-nos na sua auto-biographia que, ao perguntar um dia a si mesmo se seria feliz uma vez realisadas nas instituições e nas idéas todas as reformas que elle projectava, a sua consciencia lhe respondera: — Não. «Senti-me então desfallecer, — diz elle; — todas as fundações sobre que se tinha architectado a minha vida se desmoronaram de repente.» Mais tarde elle sentiu a dôr, sentiu depois o amor, o amor apaixonado, absorvente, enorme, dominando todo o seu ser, submettendo *a força dissolvente da analyse*; e foi só então que elle se sentiu homem, revivendo para a natureza, forte da grande força que a natureza lhe communicava, equilibrado para sempre no seu destino, cingido ao coração palpitante da mulher que elle amou — elle o sabio, o philosopho, o reformador frio e implacavel — com o amor illimitado, enthusiastico, cavalheiresco, que as velhas legendas lyricas attribuem aos grandes amantes celebres.

A educação ministrada a vossa alteza pelos mes-

mos processos por que se ministra o alimento ás gallinhas nas cevadeiras mechanicas, apesar de o não ter feito um sabio como Stuart Mill, impediu-o egualmente de se fazer um homem.

Não basta, para educar um mancebo, vir o sr. Martens Fetrão ou o sr. Santa Monica duas ou tres vezes por dia com a bomba da papa espiritual, abrir-lhe o bico, carregar n'um piston, e encher-lhe o papo de doutrina haurida nos compendios do sr. José Garnier.

Hoje em dia, menos do que nunca, se podem inculhir a um homem opiniões feitas, introduzindo-lh'as por injeccção pedogogica. Já Stendhal dizia que estamos n'um seculo em que sómente será escutado o homem que tiver opiniões individuaes. Só os timidos, os preguiçosos e os tôlos é que têm como suas as opiniões em giro. Ora as opiniões individuaes só se adquirem pela livre critica da opinião da massa, que é indispensavel conhecer e tratar.

E' o que ha muito tempo comprehenderam todas as familias reinantes ácêrca da educação de seus filhos.

Os principes de Orleans sentaram-se nos mesmos bancos com os filhos dos burguezes do seu tempo no lyceu Henri IV.

O principe real da Allemanha fez os seus estudos na universidade de Bonn. Seu filho o principe Wi-

lhelm seguiu o seu curso na mesma universidade, tendo por condiscipulos o principe de Saxe-Meiningen, filho do grão-duque de Baden, e o principe d'Oldembourg. Os que passaram em Bonn de 1878 a 1880 viram esses principes, envolvidos com os demais estudantes, e vestidos como elles, de chapéo mole e veston curto, irem a pé para a universidade com a pasta de couro debaixo do braço, beberem juntos o *meiwein* nos cafés, e passearem de sapatos ferrados e cachimbo nos beijos pelos suburbios de Bonn, em Godesberg ou em Heisterbach.

O principe Frederico Alexandre Carlos, hoje rei regente de Wurtemberg, fez os seus estudos nas universidades de Berlim e de Tubing.

O principe Carlos Alexandre, grão-duque de Saxe-Weimar-Eisenach, é alumno das universidades de Iena e de Leipzig.

O principe Christiano Augusto Frederico, principe herdeiro de Slesvig-Holstein-Souderbourg, é alumno da Universidade de Bonn.

O principe Frederico Guilherme, grão-duque de Mecklembourg-Strelitz, é egualmente formado em Bonn.

O principe Ernesto IV, duque reinante de Saxe-Cobourg-Gotha, auctor da conhecida Viagem do Egypto, fez em Bonn um curso de economia politica.

O principe reinante da Servia, Milão Obrenovitch, fez os seus estudos em Paris, no lyceu Louis-le-Grand.

Os filhos da rainha de Inglaterra foram educados nas universidades de Cambridge e de Oxford; e todos elles, assim como os filhos do principe imperial da Allemanha, sabem um officio. Uns são lithographos, outros são torneiros, outros encadernadores, outros typographos. Se vossa alteza houvesse apprendido um officio, como as *Farpas* propuzeram em tempo opportuno, vossa alteza teria obtido então a singular aptidão cerebral que anda ligada ao mais perfeito desenvolvimento da coordenação dos movimentos nervosos e musculares, e forrar-se-hia agora, na convivencia dos seus primos da Allemanha e da Inglaterra, á desconsoladora melancholia que sempre invade os espiritos inferiores em capacidade entre homens eguaes em condição.

Os dois filhos do principe de Galles estão presentemente estudando na Suissa, com a simplicidade de dois jovens cidadãos da sábia e modesta republica helvetica.

O rei Affonso XIII de Hispanha, o principe da Hollanda, o principe Eugenio Napoleão, etc., fizeram egualmente os seus cursos nas escholhas publicas, convjveram n'ellas com homens de todas as opiniões politicas e de todas as opiniões religiosas,

apprenderam a distinguil-os pelo seu valor pessoal, fizeram-lhes favores, receberam-os d'elles, crearam finalmente um circulo de affeições, ligadas ás memorias da mocidade, e constituindo um dos mais doces e dos mais nobres encantos da vida.

Vossa alteza, que até hoje não teve ainda um companheiro e um amigo, conserva em folha um dos principaes instrumentos da actividade humana, o seu coração, e n'elle, improductivo e inutil, o capital precioso dos seus affectos desempregados.

Em um exordio sentimental que precede a exposição dos estudos de vossa alteza publicada no *Diario de Portugal*, lêem-se as seguintes linhas:

Sua magestade a rainha quiç especialmente tomar a seu cuidado seguir dia a dia com grande discernimento, e extremo cuidado, a educação dos seus filhos.

Deploravel, serenissimo senhor, profundamente deploravel semelhante intervenção!

E' realmente preciso que os pedagogos de vossa alteza abusem de mais do encyclopedismo da sua ignorancia sobre a materia que professam para não terem devidamente aconselhado sua majestade n'este importante assumpto.

A missão da mãe na educação do homem termina quando este chega aos quatorze annos. Charles Robin o disse. Até essa idade são os sentimentos que inspiram os actos, e é a mãe que cumpre diri-

gir os sentimentos. Dos quatorze annos em deante são as idéas que dirigem as acções.

As psychoses, assim como as manifestações anatomicas e as funcções physiologicas, características da puberdade, encerram mysterios que nenhuma mãe tem direito de devassar na educação de um rapaz, assim como nenhum pae tem direito analogo na educação de uma menina.

Toda a mãe que intervem fiscalmente nas legitimas curiosidades intellectuaes de um mancebo affronta egualmente o pudor d'elle e o d'ella.

Não sabemos se vossa alteza adquiriu já a firme e clara comprehensão de que não veio ao mundo trazido do Norte n'um cabaz ornado de topes azues e côr de rosa, ou achado entre as violetas do jardim sob uma folha de couve. Se vossa alteza chegou já com effeito ao conhecimento da secreta verdade embriologica que destroe essa ingenua e graciosa legenda da sua meninice, vossa alteza começou desde esse dia, pela subita renovação do amor e do respeito a sua mãe, a ser para ella o verdadeiro filho, mas cessou para todo sempre de ser o alumno d'essa senhora.

Desde que um homem entra no periodo da virilidade a mulher em cuja convivencia elle tem que educar as suas faculdades estheticas e as suas faculdades criticas é a sua noiva ou é a sua amante.

A personalidade sagrada d'aquella que nos deu o ser é preciso, para a honra, para a dignidade, para o encanto carinhoso da familia, que fique para sempre extranha aos processos pedagogicos com que cada um de nós arrancou da arvore da sciencia e mordeu com a voracidade dos reprobos o fructo delicioso e terrivel do bem e do mal.

O amor maternal é o anjo legendario do Eden, que, perante a curiosidade scientifica do homem e do gladio de sangue que o expulsa da innocencia, cobre o rosto lacrimoso e se encerra eternamente na alvura immaculada das suas azas pendentes.

E é preciso que assim seja para que um pouco de céu fique no fundo do coração d'aquella que nos deu á luz, e junto da qual é ineffavelmente dôce para todo o homem ir, de longe a longe, dessedentar-se das amarguras ardentes da vida desilludida, pousando os beiços com veneração na corrente humilde e melodiosa, escondida no mais longinquo e mais ridente valle do passado, da qual gottejou sobre a nossa infancia a perola da candura.

Considere agora vossa alteza os resultados em que a sua educação começou já a fructificar.

Vossa alteza, na idade de vinte annos, continua a assistir todos os dias ao santo sacrificio da missa, e não fez ainda a um companheiro ou a um amigo

o sacrificio pessoal de um lapis ou de uma penna de aço.

Vossa alteza frequenta ainda regularmente o tribunal da penitencia. Em periodos determinados o cardeal bispo do Porto vem ouvir de confissão a vossa alteza. Sua eminencia reverendissima recolhe no sacrario de seu peito a narrativa dos peccados que vossa alteza não perpetrou e dos beneficios que vossa alteza egualmente não distribuiu. Depois do que, feito o acto de contricção, elle o absolve em nome de Deus Padre Todo Poderoso, fazendo-lhe por Elle a solemne promessa de um commodo e confortavel thronosinho rutilante de estrellas que o espera nas alturas da Via Lactea para o dia em que vossa alteza resolver honrar a celestial mansão com a sua agradavel presença, indo trocar um aperto de azas com os anjos que o esperam saudosos no Emypyreo.

Para os effeitos celestiaes é evidente que não pode haver melhor vida que a que vossa alteza tem, nem melhor morte que a que lhe está destinada.

A unica cousa de recear é que a historia não seja por ventura tão accommodaticia como a Providencia, porquê, no dizer de um outro padre mestre, o patriarcha Voltaire, a historia só diz bem d'aquelles que praticam o bem. Ella é de um desprezo incivil com todos os que delicadamente se encerram na missão directa de não praticar cousa alguma.

É n'esse bello socego que no tempo antigo se endurecia o coração aos tyrannos e que ainda hoje se engorda o figado aos patos. Não é porém com tal regimen que de ordinario se desenvolve nos homens o sentimento da responsabilidade, o espirito do sacrificio e o amor do dever.

E no emtanto as escholas de medicina, as escholas polytechnicas, a universidade, a eschola naval e a eschola do exercito trasbordam de uma mocidade contemporanea de vossa alteza, a qual vae entrar agora no conflicto da vida civil e reorganisar a sociedade sobre a qual vossa alteza ha de reinar um dia. Do espirito d'essa mocidade, das suas tendencias, das suas aspirações, das suas vistas futuras, é vossa alteza em Portugal o unico homem da sua idade que não tem conhecimento algum.

Creado no meio de cavalheiros de cincoenta a sessenta annos, conservadores e cortezãos, mais velhos ainda pelas suas idéas que pelos seus annos, vossa alteza só conhece do seu tempo os individuos que cessaram de tomar parte no movimento d'elle e pertencem pela sua immobilidade mental ás gerações mortas.

Vossa alteza chegou á maioridade; as côrtes da nação prestaram-lhe venia; em tórno de vossa alteza quarenta ou cincoenta servidores, antigos militares, antigos ministros, antigos magistrados, beijam-

lhe a mão em cada manhã, fazendo alas, de dorso curvo e de olhos no chão, para que vossa alteza passe, intemerato e majestoso, da sala em que lhe servem o seu latim para a sala em que lhe servem a sua merenda; vossa alteza é o herdeiro presumptivo do throno, é o regente do reino em nome do rei, é o senhor de Guiné e da conquista, navegação, commercio da Ethiopia, Arabia, Persia e da India; e todavia não é senhor de tomar simplesmente um bilhete de ré no vapor da outra banda, e de ir a Cacilhas sem licença prévia de sua augusta mãe.

Todos os dias a augusta mãe de vossa alteza pede a nota das suas licções, e, sempre que vossa alteza não decorou inteiramente o seu verbo, a excelsa soberana prohibe-o de se ir divertir, isto é, de ir á noite aos Recreios Whitoyne entre dois homens de dragonas e de espada á cinta, como quem vae preso para o calabouço.

Quando porém ha graves negocios pendentes da deliberação do poder executivo, medidas excepcionaes de administração, tratado importante que assignar com alguma potencia estrangeira, ajustes de paz ou declarações de guerra imminentes, então, quer vossa alteza tenha satisfeito as suas licções quer não, sua majestade a rainha não se oppõe a que vossa alteza saia, porque vossa alteza é conselheiro de Estado desde os dezoito annos, e sempre que

os grandes negocios da republica se complicam, vossa alteza tem por missão deslindal-os.

Se coincidentemente com um conflicto politico nas relações internacionaes do paiz occorre algum erro palmar no thema de vossa alteza, então a pena disciplinar de reclusão por negligencia no estudo é substituida pela privação de sobremesa, afim de que vossa alteza, corrigido como mau estudante, vá ao mesmo tempo salvar a patria como bom conselheiro.

Além de conselheiro de Estado, vossa alteza é alferes de lanceiros e é segundo tenente da armada.

É summamente extranhavel—não o esconderemos — que honrando a carreira das armas por meio da adopção d'essas duas patentes assumidas *in absentia*, vossa alteza não honre egualmente as profissões liberaes dignando-se de assumir tambem algum diploma nas carreiras scientificas e litterarias.

Não pretenderiamos que logo aos quinze annos de idade o tivessem feito doutor de capello e socio de merito da Academia. Poderiam porém com vantagem, segundo nos parece, começar por nomeal-o associado provincial da Academia, por exemplo, e pharmaceutico.

Mais tarde, no dia em que vossa alteza celebrou o seu 16.^o anniversario natalicio, teriam podido eleval-o á categoria de segundannista da faculdade de

philosophia e a socio do Instituto. E assim consequente e progressivamente. De sorte que, hoje em dia, exactamente assim como é alferes do exercito e segundo tenente da armada, vossa alteza poderia muito bem—creia o— ser socio effectivo da Academia e bacharel formado em direito.

Não podemos tão pouco attingir as razões mysteriosas em virtude das quaes vossa alteza não foi ainda nomeado capellão. Dados os habitos de devoção de vossa alteza, nada mais commodo do que essa patente ecclesiastica. A qualquer hora a que se levantasse para se entregar aos seus estudos, vossa alteza faria a barba e diria a missa a si mesmo; e logo em seguida sem mais perda de tempo, vestido de alferes, iria tirar significados.

Vossa alteza digna-se talvez de sorrir docemente á idéa comica de ser o seu proprio capellão... Vossa alteza é extremamente bom e amavel em sorrir. Esperamos que vossa alteza terá egualmente o espirito sufficiente e a malicia precisa para comprehender perfeitamente que não é, em rigor, muito menos padre do que é tenente de si mesmo.

Tal é, senhor, o absurdo grotesco da etiqueta cortezã, na qual o obrigam a vegetar trabalhosamente como uma bella e rica planta de ar livre dentro de uma estufa.

Vossa alteza tem sido submettido aos rigores te-

nebrosos d'esse regimen no proposito de o tornar mais perfeito e mais feliz.

Está succedendo a vossa alteza o mesmo que succede aos povos a que os reis procuram dar a felicidade por meio da tyrannia. Os povos agradecem, mas preferem o infortunio, porque o coração do homem aspirar eternamente á liberdade e vae para ella, com mais ou menos lentidão mas n'um esforço constante, como vae a crecscença da planta para a parte d'onde lhe vem a luz.

Ora como nos não parece justo que para os povos se peça uma cousa, e aos principes se offereça a cousa contraria, toda a nossa opinião ácerca da educação de vossa alteza se resume n'isto:

Que o libertem!

Para conhecer a realidade do mundo, unico fim sério da sciencia, é preciso entrar no combate da vida como entram na liça os paladinos bastardos — sem pae e sem padrinho.

Os principes não constituem excepção a esta lei geral da formação dos homens. Da educação de gabinete, do bafo enervante dos mestres, dos camareiros e das aias, nunca sahiram senão doentes e pedantes.

Na sagração dos czares ha uma cerimonia de alta significação symbolica: o imperador não se confirma em quanto por tres vezes não haja descido do

throno e penetrado só na multidão; e isto quer dizer que na convivencia do povo a auctoridade e o valor dos monarchas recebe uma tão sagrada uncção como a da santa chrisma.

Todos os reis fortes se fizeram e se educaram a si mesmos nos mais rudes e mais hostis contactos da natureza e da sociedade humana.

Veja vossa alteza Carlos Magno, que só aos quarenta annos é que mandou chamar um mestre para apprender a ler. Veja Pedro o Grande, do qual a educação de camara começou por fazer um poltrão. Aos quinze annos não se atrevia a atravessar um ri-beiro. Reagiu, emfim sobre si mesmo pela sua unica força pessoal. Para perder o medo aos regatos, um dia, da borda de um navio arrojou-se ao mar. Para se fazer marinheiro começou por apprender a manobra, servindo como grumete. Para se fazer militar começou por tambor na celebre companhia dos jovens boiardos. E para reconstituir a nacionalidade russa começou por construir navios, a machado, como official de carpinteiro e de calafate, nos estaleiros de Zandam. Tambem não teve mestres, e foi consigo mesmo que elle aprendeu a lingua allemã e a lingua hollandeza. Veja vossa alteza, emfim, todos aquelles que no governo dos homens tiveram uma acção efficaz, e reconhecerá se é na licção dos mestres ou se é no livre exercicio da força e da von-

tade individual que se criam os caracteres verdadeiramente dominadores, como o de Cromwel, como o de Bonaparte, como o de Santo Ignacio, como o de Luthero, como o de Calvino, como o de Guilherme o Taciturno, como o de Washington, como o de Lincoln.

Vossa alteza acha-se precisamente agora na grande crise de toda a sua vida, no momento psychologico da escolha entre a sujeição á direcção inepta dos seus pedagogos e a reacção ds sua vontade para uma educação nova, como a que deram a si mesmos Pedro I na Russia e Carlos XII na Suecia.

A proxima viagem é a occasião propria, é a unica, para se tomar essa resolução suprema. Vossa altezã tem até hoje vivido no carcere da obediencia. Fazem no circular agora pela Europa, de côrte em côrte, como um animal domesticado pelo sr. Martens Ferrão e trabalhando á voz do sr. Aguiar, dentro da jaula da disciplina.

E chamam a isso uma viagem! Mas não é mais do que uma nova licção isso! a licção derradeira, fatal e tremenda, exaltando, confirmando e fixando do modo mais perigoso no espirito de vossa alteza os erros de todas as outras licções funestas que lhe têm dado.

É preciso que vossa alteza se compenetre bem, n'este momento e de uma vez para sempre, como

príncipe, como rei, como cidadão e como homem, para regra de todo o seu procedimento presente e futuro, quer de si para cima, quer de si para baixo, — que o regimen da obediencia é o systema da negação do character. O homem só é homem desde o instante em que, perante o conflicto da consciencia e da auctoridade, apprende a ser um rebelde. A obediencia é a fôrma forrada de manteiga em que se molda a massa saponacea dos servís, mas em que perde o feitio, porque se quebra ou porque se esborôa, a nobre personalidade humana.

Submisso á vontade de seus preceptores, vossa alteza ficará para sempre um príncipe de fôrma, pretencioso, apelintrado e piegas, bonito para ornar uma pendula n'um salão, ou para se pôr em cima de um kake coberto d'assucar, em pompa de sobre-mesa, n'uma bôda aldeã.

Vossa alteza preferirá decerto ser aquillo para que a simples natureza o destinou — um nobre ser vivo, um bello e forte rapaz altivo, intelligente e honrado.

Em presença pois da companhia obrigatoria e nefasta dos semsaborões officiaes incumbidos de o guardar, vossa alteza, apenas transposta a fronteira, não tem senão um d'estes dois partidos a tomar relativamente aos seus aios, pedagogos, camareiros

e mestres:—subjugal-os á sua unica e exclusiva vontade, corrompendo-os; ou desfazer-se d'elles, fugindo.

Encaremos com serenidade e firmeza cada uma d'essas duas soluções.

A corrupção do mestre pelo alumno tem sido por vezes vantajosamente intentada com resultados satisfactorios para a razão e para a humanidade.

Cumpre-nos sobre este ponto referir a vossa alteza o que succedeu com a educação do fallecido marquez de Niza, um dos raros e derradeiros homens de espirito que produziu a aristocracia portugueza para encanto do mundo elegante na Europa e para horror e escandalo dos caturras da côrte de vossa alteza. A velha e veneranda senhora marquez de Niza, avó do actual conde da Vidigueira fidalgo da casa de vossa alteza, tinha sobre a educação de seu filho os mesmos preconceitos lamentaveis que affligem o coração amantissimo da mãe de vossa alteza. Para dirigir a educação do joven marquez veio expressamente de Roma para o solar dos Nizas, auctorizado por um breve pontificio, o mais sabio e o mais veneravel dos monges toscanos. A presença austera do abalisado pedagogo, a sua fronte pensativa e pallida, a sua longa barba negra esparsa no escapulario do habito, a compostura de suas maneiras, o recolhimento singelo de seu porte, a alta e preciosa cultura de seu espirito encyclope-

dico e a sua extremada devoção, puzeram em todos os velhos parentes da familia um sentimento profundo de respeito, de veneração e de confiança illimitada.

Nos intervallos dos exercicios litterarios e dos exercicios religiosos, quando o monge depois de haver terminado a sua licção de musica, tomava a rabeca do seu alumno e acordava n'elle os primeiros sentimentos estheticos, tocando por sua mão um *nocturno* ou um *tremolo*, era tão viva e tão pungente, sob a vibração do seu arco magistral, a voz do violino, que não só o pequeno marquez empalidecia, movido de uma nova e extranha commoção mysteriosa, mas a propria senhora marqueza chorava, docemente enternecida, subjugada pela expressão penetrante da melodia que o grande artista, humildemente occulto sob a roupeta d'esse frade, espargia em tórno de si n'um lento soluço orvalhante de perolas.

Terminada a educação theorica, era preciso completal-a na pratica por meio de uma viagem na Europa, e o marquez de Niza, abençoado por sua mãe, purificado pela eucharistia e pela confissão geral, partiu para Paris com o seu preceptor.

Durante os primeiros mezes correu tudo n'uma serenidade e n'uma ordem verdadeiramente claustral. O preceptor escrevia por todos os correios. O

menino, cada vez mais commedido, mais respeitoso e mais temente a Deus, parecia disposto a passar, sem solução de continuidade, da innocencia de um cherubim para a santidade de um doutor da Egreja. Depois, a pouco e pouco, foi successivamente diminuindo o numero das cartas e augmentando o numero das contas. Os dois poços de santidade tinham-se convertido em dois sumidouros enormes de dinheiro. A senhora marqueza queixava-se repetidamente com severidade cada vez mais acrimoniosa. Chegou afinal uma carta do padre. Explicações evasivas, e razões debeis, com um perfume fortissimo de *patchouli*, que era então o cheiro da moda, o cheiro *selected*, o cheiro *v'lan* segundo o termo com que mais tarde o galante rei da Hollanda tinha de enriquecer o vocabulario precioso do coquettismo. Depois do que, nunca mais o ecclesiastico escreveu. Acabou-se, em ultimo recurso, por suspender toda a remessa de numerario para Paris. Mas nem esta supressão violenta dos meios determinou uma mudança sensivel em tão lastimoso estado de cousas. Para obter noticias positivas do marquez de Niza e de seu aio foi preciso mandar de proposito a Paris o procurador da casa ; e só então se veio no conhecimento do occorrido.

O veneravel monge, depois de ter sido uma noite rebaptisado a Champagne n'um gabinete do Café In-

glez, esqueceu-se do burel pendurado no cabide d'esse gabinete. Depois, por um louvavel sentimento de respeito pela inviolabilidade sacerdotal, deitou abaixo inexoravelmente as suas barbas d'asceta, profanadas á traição por bailarinas que o adoravam, e guardou unicamente, como symbolo da rigidez de seus principios, um severo e implacavel bigode.

Mais tarde, quando chegou a noticia terminante que de Lisboa lhes não enviariam nem mais dez réis, o marquez tremeu. O padre então ralhou, fazendo observar que seria preciso que elles fôsem ambos dois pulhas indignos para precisarem para alguma cousa do dinheiro da senhora marqueza; que seria preciso ainda que essa senhora houvesse sido miseravelmente roubada durante todo o tempo que durara a educação de seu filho, para que tanto elle como o seu mestre não estivessem perfeitamente habilitados a ganhar a sua vida pelo trabalho em qualquer parte do mundo onde a senhora marqueza se dignasse de os abandonar.

E em seguida, mettendo as caixas das rabecas de baixo do braço e accendendo uma cigarrilha, foram ambos apresentar-se ao director de um theatro que os escripturou como violinos.

Depois do espectáculo, um tanto ebrios da commoção capitosa da musica que tinham feito ao lado um do outro, sahiam juntos, e iam beber a sua *chope*

d'artistas felizes na calmante frescura dos boulevards.

Os pedagogos de vossa alteza não estão no caso do pedagogo do marquez de Niza. A nós, pelo menos, não nos consta que o sr. Martens Ferrão toque algum instrumento, nem que as prendas musicaes entrem no numero das que exornam o sr. Antonio Augusto de Aguiar. Um e outro são rebeldes á arte, e foi pela fenda da arte que o humanismo do marquez de Niza penetrou o arnez theologico de seu amavel aio.

E é preciso isso, a picada da arte no intimo do coração de um homem, para que elle, venha d'onde vier, saia d'onde sahir, se converta depressa no digno companheiro do mais espirituoso e do mais elegante dos *gentlemen*.

Quando elles não têm a arte por si, ou contra si, o melhor, real senhor, é deixal-os ser o que são, e não lhes bulir. Incorruptos são insipidos. Corrompidos tornam-se porcos.

Resta pois a vossa alteza um unico recurso: — a fuga.

Parece uma bicha de sete cabeças, ao primeiro aspecto. Pura illusão! Lê-se a historia de todas as evasões celebres: é a cousa mais simples d'este mundo! Basta ter calcanhares, e vossa alteza tem-os. Basta ter uma pouca de terra que dar para feijões,

e vossa alteza tem deante de si o mundo inteiro que dar para esses legumes.

Tudo o mais é simples accessorio.

Convirá apenas que n'uma estação de bufete, em qualquer linha de caminho de ferro, vossa alteza encontre á sua disposição, do lado oppôsto á linha, um cavallo prompto e ligeiro.

Uma palavra telegraphica de vossa alteza á redacção d'*As Farpas*, e *Frontin*, o proprio *Frontin*, o vencedor do ultimo Grand Prix de Longchamps, o esperará no ponto que vossa alteza designe, submisso e relinchante, immovel e estacado nas suas quatro pernas d'aço, de ventas altas, redondas, ávidas, nervosas e palpitantes.

Emquanto os pedagogos, abancados no restaurante da gare, comem, mascando ruidosos, vorazes de azote e de carbone, vossa alteza, em bicos de pés, prega-lhes um rabo de papel em cada um e desaparece veloz pelo fundo.

Um pullo á sella, redea baixa, e ávante!

Que importa tudo quanto possa succeder em seguida?! A pedagogia que rebente ahi assim! a jurisprudencia que desmaie! a chimica que caia para a banda! a etiqueta que estoire!

A humanidade triumphá, porque, desde esse momento, vossa alteza é livre.

Quem ousará constrangel-o, coagil-o, violental-o?

Vossa alteza é verdade que é príncipe, mas é também homem, chegou á maioridade, é o unico e exclusivo senhor de si mesmo.

Todos os pavilhões dos paizes livres, — da França, da Suissa, da Hollanda, da Inglaterra, dos Estados Unidos da America — subirão desfraldados ao tope dos mastros para cobrirem de toda a sua força e de toda a sua gloria na pessoa de vossa alteza a sua inviolabilidade sacrosanta de *touriste*.

Todos os codigos e todos os tribunaes do mundo estão abertos para lhe prestar defesa e homenagem.

Rei, pôsto na Ajuda, sobre o seu throno, com a purpura ás costas, corôa na testa e sceptro em punho, vossa alteza tem apenas para o defender um exercito de cinco mil coroneis, com duzentos soldados, e o habil Antunes. Fora da fronteira, com um passaporte no bolso, um sacco de noite na mão e um chapéo de chuva debaixo do braço, vossa alteza tem á sua disposição, como qualquer outro, para salvaguardar e manter os seus inviolaveis direito de homem provído de uma chapelleira e de um guia Baedeker, todas as armadas e todos os exercitos do mundo.

Se a côrte portugueza recalcitrar, se os seus pedagogos intentarem impôr-se-lhe e embargar-lhe o passo, vossa alteza, com um simples gesto, chama

um gendarme, que lhe encafurna todos esses massadores na cadeia.

— Deixem circular, meus senhores! deixem circular! — tal é a palavra da força publica, de um extremo ao outro extremo em todo o mundo civilizado.

Considere vossa alteza o que em circumstancias analogas fez o principe herdeiro da Hollanda, o sabio, o dôce, o ineffavel *Citron*. Desde que se achou em Paris, nos seus pequenos aposentos da rua Auber, não houve mais forças humanas que o obrigassem a voltar á estopada do seu reino.

A nós outros, senhor, coube-nos ainda a gloria de conhecer no Bignon esse adoravel cosmopolita, que tinha a sabedoria de preferir a commodidade de um chapéo molle de *Pinaud et Amour* ao pêso de qualquer corôa d'este mundo. Era, como vossa alteza, um louro, — um pouco mais fulvo apenas. Usava as suissas em *côtelette*, caminhava lentamente, como um picador fatigado ao acabar de desmontar, e apesar do seu desdem de toilette e de maneiras, havia n'elle a distincção dolente de um antigo sangue nobre, a alta aristocracia cançada e fastienta da preclara familia de Nassau.

Não houve cartas régias, nem negociações diplomaticas, nem enredos, nem violencias, nem ameaças, nem esforços de ordem alguma que o levassem a remover jámais de Paris a sua mala grande.

Um dia o rei da Hollanda, que os encantos de Madame Musard distrahiam algumas vezes dos interesses da politica neerlandeza para as convivenças da *Maison Dorée*, encontrou-se com Citron, de passagem, no foyer de um theatro de boulevard. O soberano incognito abraçou o filho pela cintura com effusão e firmeza, e disse-lhe peremptoriamente :

— O menino vae d'aqui sem mais perda de tempo lá para baixo para a Hollanda reinar. Quem fica em Paris agora sou eu. Tenho aqui no bolso a minha abdicação, e vou já lá dentro ao foyer dos artistas assignar-lh'a. Acceite os meus parabens.

Citron, inclinando-se, agradeceu commovido, e accrescentou :

— Espera-me então aqui um momentosinho, que eu venho já...

Foi essa a derradeira vez que o monarcha dos Paizes-Baixos viu o seu herdeiro n'este mundo. Pouco depois Citron morria na sua cama de rapaz na rua Auber, firme e feliz na inveterada convicção de que é melhor ser um *viveur* morto de que um rei vivo.

Uma vez em Paris, simplesmente mas confortavelmente installado n'um *entresol* nos Campos Elyseos, ou n'um terceiro andar no Luxemburgo, segundo os seus gôstos de *clubman* ou os seus gôstos de litterato, qual tem de ser ahi o novo

quadro de estudos destinado a refazer nas suas verdadeiras bases a educação de vossa alteza? Nada mais simples! Quem sabe mais d'essa materia do que os melhores pedagogos é toda a gente. Vossa alteza fará sábiamente o que faz toda a gente que se instrue, isto é, começará a apprender tudo aquillo que o trato do mundo em que entra lhe mostrar que não sabe.

Vossa alteza levanta-se, como todos os que se prezam, ás seis horas da manhã; toma o seu duche ou um banho morno, fazendo-se pistonar com agua gelada pelos seus lados fracos; monta em seguida o seu cavallo irlandez, e vae galopar para o Bois de Boulogne. Confere-se depois uma hora de esgrima e de tiro ao balão, e em seguida almoça no *Cercle*. Vae ao Collegio de França e ouve a licção do sr. Renan. Vae ao Louvre e olha para a Venus de Milo. Sobra-lhe ainda tempo para dar a volta da tarde em carruagem no Bois, e para comparecer n'um *five o'clock*.

Á noite — como se não é príncipe impunemente — as conveniencias exigem a toilette cerimoniosa para jantar, a casaca ingleza, a gravata branca, e a perola preta cercada de brilhantes no peito da camisa. É inutil dizer que se não põem condecorações. Só os porteiros, os dentistas e os prestidigitadores é que usam hoje esse arrebique de mau genero.

À noite convem á idade e á posição de vossa alteza uma hora de conversação mysteriosa ao fundo de uma *baignoire grillée* n'um pequeno theatro.

Um só dia d'estes prehencherà melhor a educação de vossa alteza do que seis annos de estudo do *Direito publico*, do visconde de Lagueronière, ou do *Direito internacional*, de Bluntschli, com o sr. Martens Ferrão debruçado em cima do hombro de vossa alteza, a explicar os textos no lento rom-rom coceguento e rythmico dos sabios antigos e dos gatos velhos, tão propicio ás somnecas!

De quando em quando será util que vossa alteza vá ao Bullier beber cerveja com os estudantes, ou que ponha o chapéo tyrolez e o veston de flanela branca para consagrar um domingo de sol a um *croquis* de impressão na floresta de Fontainebleau, indo em seguida provar as frituras de Barbizon em companhia de artistas.

Ouvirá talvez vossa alteza falar nas *cocottes*. Chamavam-se antigamente as *cortezãs*, chamaram-lhes depois as *lorettes*, e principiam a chamar-lhes agora as *horisontaes*. A trajectoria do nome indica bem a decadencia de um genero, que nem desaconselhamos nem aconselhamos a ninguem.

Diremos apenas que, economicamente, a cocotte representa no equilibrio social o mais importante be-

neficio. Ella é o apparelho dispensor do dinheiro, da influencia e da auctoridade, que o agiota condensa. Se a cocotte não desregrasse o agiota, o agiota englobaria em si o universo.

De tempos a tempos lá surge no horisonte um filho-familia desolhado, casoso e de unhas roídas, a queixar-se aos caixeiros sentimentaes e ás burguezas romanticas de que uma d'essas más mulheres o trahiou e o abandonou, a elle, alma enthusiastica e pura de poeta pobre, á qual a perfida preferiu os joanetes de um banqueiro rico.

Se ellas não tivessem o sublime bom-senso de produzir periodicamente algumas choradeiras d'esta ordem, veja vossa alteza em que linda posição social que ficavam para a velhice os filhos-familias que se apaixonam por essas damas e que em nome da poesia lyrica se julgam no direito de ficar ao pé d'ellas para toda a vida!

Bem estamos vendo d'aqui o sr. conselheiro Viale velando as faces horripilado perante este genero de conversação. É certo porém que, se d'este mesmo assumpto Homero não houvesse feito um poema, o mesmo sr. pudico Viale não teria hoje a *Illiada* para n'ella dar licções a vossa alteza.

Para os reis insalubres, productos de velhas raças nobres, aristocratisadas de mais e cahidas em languor pelo derramamento excessivo do azul no

sangue, são frequentemente utilíssimas as mulheres da categoria a que nos estamos referindo...

(O sr. Martens Ferrão contorce-se ao escutar-nos. Se s. ex.^a se acha incommodado, é talvez melhor retirar-se, porque nós temos de continuar ainda por um momento. E quando voltar, que s. ex.^a traga consigo a *timbale d'argent*. Vossa alteza reclama-a. Que lh'a dêem!)

A gloria do reinado de Luiz XV, por exemplo, vem toda da Pompadour. Se essa elegante e espirotuosa mulher não tivesse feito ao rei de França a alta honra de ser por algum tempo sua conviva, uma multidão enorme de cousas encantadoras, que ennobrecem a civilização moderna, não teriam jámais vindo ao mundo. A essa ligação, providencial para a arte, devemos hoje os deliciosos retratos de Lattour, o fino genero pastoril de Watteau, as *pâtes tendres* de Sèvres, as mimosas estatuasinhas de Saxe, os mais lindos relogios de algibeira e os mais graciosos canapés do mundo.

Da gloriosa protectora e mestra de Luiz XV dizia Voltaire: — *Elle est des notres!*

Ha fortes probabilidades para crer que de nenhum dos mestres de vossa alteza elle dissesse outro tanto.

Vossa alteza vae ponderar talvez que é bem destituída de grandeza, vulgar e corriqueira de mais, a existencia a que o introduzimos...

Ai de nós! a vida é em realidade assim, magnanimo senhor!

Ninguem é grande nem pequeno n'este mundo pela vida que leva, pomposa ou obscura, sôlta ou aperreada. A categoria em que temos de classificar a importancia dos homens deduz-se do valor dos actos que elles praticam, das idéas que diffundem e dos sentimentos que communicam aos seus semelhantes.

É binaria a natureza de todo o homem superior. Metade d'elle pertence ao ramerrão passageiro de cada dia; a outra metade pertence ao ideal eterno de um mundo mais perfeito, em cuja obra cada um collabora procurando tornal-o, na orbita da sua aptidão pessoal, ou mais justo, ou mais rico, ou mais bello.

Assim, cada um tem em si, superior a todas as torpezas da terra, impolluta, inviolavel e sagrada, a mystica torre eburnea em que habita a aspiração immortal do espirito do homem.

É preciso amar, meu senhor. Eis ahi tudo!

É preciso amar fora da esphera de todos os interesses pessoas creados pela sociedade de que fazemos parte e estabelecidos pelo estado, pela profissão ou pela jerarchia. É preciso amar pela abnegação e pelo sacrificio de tudo para se chegar a ser alguma cousa. É preciso amar uma idéa, uma pro-pensão da sociedade, um intuito da natureza, uma

expressão da arte, ou simplesmente e unicamente uma mulher, como as amou Musset, Lord Byron, Shakspeare ou Petrarcha, afim de sahir fora da massa obscura do vulgo, e ser homem.

Ame pois vossa alteza, e deixe correr o mundo!

Não ha hoje em dia educação especial para o officio de rei nem para outro qualquer officio. Ha uma instrucção geral e ha uma instrucção technica para cada modo de vida. A educação essa é una e indivisivel.

Em todo o estado e em toda a condição social o homem bem educado é um homem superior. O homem sem educação, por mais alto que o colloquem, fica sempre um subalterno.

No regimen de liberdade e de iniciativa, em que começam agora a viver as sociedades contemporaneas, a lei da concorrência absorve tudo, e os reis mais solidamente equilibrados em seus thronos não são senão os homens mais perfeitamente equilibrados na vida geral. Veja vossa alteza os molles principes dos reinos da Italia, que o avô materno de vossa alteza unificou, como em tão pouco tempo desapareceram todos, sepultados nas trevas de um silencio tragico! Compare-os com os reis, tão fortemente instruidos, das pequenas nações confederadas da Allemanha, e pondere como estes persistem na tradição e na continuidade historica!

Portanto e em conclusão :

Para dar ao throno portuguez um bom rei, pense vossa alteza em dar na sua pessoa á patria um cidadão instruido ; á humanidade um homem justo ; á natureza um sadio e valente animal. A seus paes, a seus mestres e á sua côrte, é doloroso mas é indispensavel que vossa alteza dê egualmente aquillo que lhes deve : — desgostos !

Esquecia-nos tocar n'uma questão secundaria, mas opportuna : a questão dos meios, na previsão de que, perante a fuga de vossa alteza, o sr. Nazareth delibere cortar-lhe os viveres.

N'este ponto, como em tudo o mais, *As Farpas* estão á disposição de vossa alteza. Ainda uma linha pelo telegrapho a esta redacção, e nós abriremos desde logo para o fim de occorrer, em nome da justiça e do bom-senso, ás despesas da livre viagem de vossa alteza na Europa, uma subscrição nacional.

Poderíamos consagrar aqui algumas considerações ás vantagens economicas que n'esta conjunctura teria para vossa alteza a posse de um officio. Desde este momento, porém, a nossa attitude de banqueiros de vossa alteza põe em nosso labio o sêllo da reserva.

Faremos fervorosos a subscrição. O sr. Brazza ainda ultimamente fez uma em favor do rei Macôco, e tirou consideraveis resultados. Ora vossa alte-

za não é menos que Macôco, e nós somos mais que Brazza. Porque esse sujeito só o outro dia é que descobriu o Congo, e veio com isso para os jornaes, como com o mais rendoso achado d'este mundo; ao passo que nós somos os descendentes d'aquelles que ha alguns centos d'annos descobriram esse mesmo Congo, e — como vossa alteza sabe perfeitamente — nunca o mandamos botar á folha!

Aos pés de vossa alteza.

AOS MEMBROS DA ASSOCIAÇÃO CATHOLICA DO PORTO

Novembro 1873.

Meus senhores e minhas senhoras. — Em nome de Nosso Senhor Jesus Christo e da Santa Madre Egreja Catholica Apostolica Romana eu vos saúdo e vos desejo a divina graça. Como tenho obrigação de vos suppôr—taes como dizeis—sinceros e dedicados servos de Deus, devotados a cumprir a sua lei e a divulgar a sua doutrina, mais vos desejo que nunca vos persigam os bens e as riquezas temporaes de que certamente vos despojastes para seguir a Jesus. Eu sei que o divino mestre, antes de mandar aos apóstolos que o acompanhassem, lhes ordenou que deixassem as redes, fazendo-nos sentir por esta forma que ninguem pode estar com Deus estando ao mesmo tempo com o mundo, e que para ter os bens do céo é condição essencial—abandonar os da ter-

ra. Primeiro: *deixae as redes*; depois: *vinde comigo*.

Amados irmãos, presumindo-vos pobres, desvalidos, tendo préviamente dado o vosso pão aos que tinham fome e os vossos vestidos aos que tinham frio, eu desejo ainda sobre a vossa nudez a mortificação da vossa carne, a santa mortificação que raspa a vaidade e o orgulho, e limpa o entendimento e a alma das lepras mundanaes.

Que a graça de Nosso Senhor vos assista e que nada mais do que é temporal se vos pegue, porque n'este mundo tudo é esterco: *Omnia ut stercora*, como muito bem disse S. Paulo!

Se vos não puderdes furtar aos contactos impuros do seculo, permitta o céo que em todas as vossas relações com a sociedade todas as invectivas e todas as malquerenças pharisaicas vos punjam e vos espicacem o coração, assim como os chacaes famintos furam e rasgam no deserto as tendas dos piedosos peregrinos. Porque—bem o sabeis—só com as inimizadas do mundo podereis merecer e lograr a amizade de Deus: *amicitia hujus mundi inimica est Dei*.

Finalmente, meus senhores e minhas senhoras, resumindo os meus votos pelo molde mais consentaneo ás vossas aspirações, que o Senhor vos veja eternamente do céo e vos aplane o caminho da

promissão, tendo-vos tanto de sua mão que nunca sobre vós deixem de chover as dôres e as ruínas, por isso que, como diz o psalmista, será pela somma das vossas penas contingentes, transitorias e mundanaes, que serão medidas as vossas alegrias celestiaes e eternas!—*Secundum multitudinem dolorum meorum in corde meo, consolationes tuæ lætificaverunt animam meam.*

Permitti-me agora que, antes de entrar em algumas breves considerações que a natureza do vosso instituto me suggere, eu me detenha um momento na simples contemplação do nome que lhe puzestes.

Que razões poderiam levar-vos, beatissimos senhores, a denominardes *catholica* a associação que fundastes, ahi no Porto, em certa casa da rua da Picaria? Que significa uma associação chamada *catholica* no meio de uma sociedade igualmente *catholica*? Quem é que não é *catholico* em Portugal? Não temos nós todos a mesma religião, que não é uma religião especial da rua da Picaria, mas sim a bem conhecida religião do paiz, a religião do Estado, a religião famosa da Carta? Ignoraes por acaso que nenhuma associação pode ser em Portugal senão isso—*catholica*? Ignoraes que não temos a liberdade dos cultos, a divergencia de religiões?...

Ora, não havendo o mosaismo aqui no Chiado, não existindo o pantheismo no Rocio, nem o luthere-

ranismo no Terreiro do Paço, nem o fetichismo no Arco de Bandeira, o que vem a ser um catholicismo da rua da Picaria na cidade do Porto? Terá cahido o Porto porventura no paganismo idolatra? Estará elle sacrificando a Jupiter a sua rica vacca cozida? Tel-o-hiam levado os seus representantes, os seus philosophos, os srs. Faria Guimarães e Pinto Bessa, ás vertiginosas regiões do livre exame, onde o espirito humano, abatido, fatigado, morde na solidão o fructo amargo da Sciencia?...

Não. Eu visitei o Porto ha pouco tempo. Cheguei ahi no dia 24 de junho. A cidade tinha o aspecto mais jubiloso e festival. Erguiam-se arcos triumphaes nas embocaduras das ruas, palpitavam á viração matutina bandeiras desfraldadas nas janellas das casas. Na rua de S. João os habitantes, de camisa lavada e barba feita, passavam com bandejas cheias de lanternas para luminarias, outros espetavam no chão mastros embandeirados, iam, vinham, falavam alto, tinham gestos abundantes e felizes. As egrejas por onde passei estavam cheias até a porta de fieis que ouviam as primeiras missas. Os sinos repicavam em todas as torres, e os foguetes furavam o limpido azul da manhã.

O Porto, onde n'esse dia devia celebrar-se um grande *meeting* liberal, começava no emtanto—por festejar o S. João.

Portanto, meus senhores, se vós vos denominaes catholicos, não é porque supponhaes que os outros o não são; é porque vos parece o sabeis ser melhor que os outros, e pretendeis vos considerem como unicos catholicos perfeitos, catholicos affiançados, catholicos garantidos.

Se é isto o que quereis dizer-nos com o titulo escolhido para a vossa associação, e não podeis querer outra cousa, então—meditae-o—achaes-vos em peccado mortal de soberba, de jactancia, de presumpção de merecimentos.

Localisando por esse modo a religião na rua da Picaria, vós lancaes tacitamente a suspeita de impiedade nas demais ruas da cidade da Virgem.

Pois bem, que a Picaria o saiba: a viella do Ferraz tambem vae á missa, e Deus sabe se jejua ou não, ás sextas-feiras, a Ferraria de Cima!

Advirtamos agora como a Associação Catholica tem correspondido pela importancia dos seus actos á audaciosa escolha do seu titulo.

Até o momento em que vós vos apoderastes do catholicismo para vos fechardes com elle na Picaria, cabia ao catholicismo a gloria de ter inspirado as maiores obras produzidas pelo espirito humano.

Foi esse pobre catholicismo, ainda então desprotegido do valioso patrocínio que n'este seculo lhe de-

O chefe da propaganda italiana era um dos espiritos mais rectos e mais benignos, era o dôce e pacifico poeta Manzoni, recentemente fallecido.

I Promessi Sposi, o celebre romance tão conhecido, foi como o *Genio do Christianismo*, de Chateaubriand, e como as odes religiosas de Lamartine, inspirado por essa reacção catholico-litteraria com que os romanticos de 1830 bateram as idéas philosophicas do seculo xviii.

Manzoni porém, servindo a causa catholica como propagandista, e abrindo um exemplo que se tornou eschola de muitos escriptores e poetas italianos, Manzoni, em primeiro logar, escrevia para esse fim livros adoraveis, — o que vós, meus queridos senhores, não resolvestes ainda começar a fazer na vossa officina religiosa da rua da Picaria. Em segundo logar Manzoni considerava a idéa religiosa como um elemento de emancipação e de regeneração para a Italia então opprimida e escravizada. Finalmente Manzoni não tinha por fim especial glorificar os padres, arregimental-os, armal-os, pôl-os em pé de guerra, como o está fazendo a Associação Catholica portuense. Pelo contrario, Manzoni sabia que os padres italianos do seu tempo eram, como Cantú os descreve tomado do mais santo horror: «glutões, avaros, estupidos e bandidos». O perfil ideal do padre Borromeu nos *Promessi Sposi* não tinha pois a

intenção de um retrato, era o estabelecimento de um novo nivel para a opinião, era um exemplo, era uma licção dada pelo modo delicado e brando com que o desgosto profundo inspirara a alma candida e honesta do piedoso escriptor.

Feita assim, n'estas circumstancias, n'estas condições, por estes meios, eu comprehendo a propaganda catholica, e inclino-me respeitosa e deante dos que a servirem e a promoverem. Não me parece todavia seja esse o caso da Associação Catholica portuense, nem no que diz respeito aos fins que ella se propõe, nem no que toca aos meios que emprega para conseguir o seu fim.

Que pretende a Associação Catholica ?

Libertar a patria, chamal-a á independencia, fortificando com o sentimento religioso a fé patriotica, como fizeram Manzoni, Rosmini, Gioberti, Balbo e outros na Italia invadida pela dominação ? Não, porque Portugal é por emquanto independente e livre.

Estabelecer a catechese ? Diffundir a moral ? Regenerar os costumes ? Não, porque, não sendo publicas as sessões da Associação e não tomando parte n'ellas senão os mesmos associados, pessoas cujos costumes e cujas crenças religiosas foram de antemão afiançados, estes acham-se satisfactoriamente moralizados e instruidos.

via conceder a vossa associação, meus illustres senhores e minhas preclaras senhoras, foi elle, ainda desalbergado da rua da Picaria, que na idade média fez brotar da imaginação dos povos o que ha mais bello nas artes, os maravilhosos poemas, as ternas legendas melancholicas, as portentosas cathedraes. Foi elle que levou Pedro Eremita e Godofredo de Bulhões a descerem o valle do Danubio e a seguirem o caminho de Attila. Foi elle que inspirou Tasso e Dante. Foi elle que produziu S. Thomaz, o *boi mudo de Sicilia*, o Aristoteles do christianismo — como lhe chamou Michelet, — o mais poderoso cerebro da Egreja. Foi elle que creou em Hespanha desde o seculo XVI até o seculo XVII, no meio da maior escravidão e do maior fanatismo, o mais brilhante grupo de artistas que tem visto o mundo: Velasquez, Murillo, Herrera, Zurbaran, Lope de Vega, Calderon, Cervantes, Tirso de Molina, Luiz de Leon. O profundo mysticismo de «Quixote» é um reflexo do poder da fé em todos esses espiritos. Calderon era official do santo officio e Lope de Vega desmaiava em extasis ao dizer missa. O catholicismo inaugurou ainda a sociedade mais popular, mais accessivel, mais equalitaria. No meio da barreira levantada deante da plebe pelos privilegios do sangue, a Egreja era o portico de todos os grandes talentos e de todas as elevadas ambições: o papa Urbano VI,

filho de um sapateiro, edificava a igreja de Santo Urbano e expunha n'ella, bordado em uma rica tapeçaria, o retrato de seu pae fazendo sapatos.

Por outro lado o catholicismo deu-nos ainda a Saint Barthelemy, a carnificina nacional dos christãos novos, a Inquisição, a guerra dos Trinta Annos, os monges bretões que envenenaram o calix de Abeilard, e os dominicanos de Buon Convento que assassinaram Henrique VII, fazendo-lhe commungar veneno na hostia consagrada.

Protegido por vós, meus senhores, tutelado pela vossa sociedade propagandista da rua da Picaria, o catholicismo portuense tem-nos dado apenas: — como carnificina, quatro pranchadas nas espaldas de quatro patriotas á porta da Sé; como arte, a *Palavra*, um pobre jornal piegas, lacrimoso e beato, com pouca elevação, com pouca fé, e com alguns erros de grammatica.

Ora realmente, meus senhores, para resultados tão mediocres não valia a pena de vos dardes o aparato de quem funda uma agencia para a Bemaventurança e nos fecha o céu — n'um armazem de commissões.

Em 1849 havia na Italia uma propaganda catholica, cujos membros todavia não chegaram nunca a agremiar-se e a constituir-se em sociedade como os cavalheiros e as damas da rua da Picaria.

Educar o clero, aprestando-o para uma influencia mais directa e mais proficua nos interesses do céo? Tambem não, pelas razões seguintes :

Os padres portuguezes acham se todos incluidos em uma d'estas tres classes : — os indifferentes, os liberaes e os reaccionarios.

O padre indifferente vive obscuro e tranquillo no fundo de uma aldeia entre a sua lavoura e o seu campanario. Baptisa as creanças, confessa os adultos e absolve os que morrem. Se não forem todos para o céo, a culpa não é d'elle. Cartilha e bons conselhos propina-lh'os todos os domingos depois da missa conventual ; se os não tomarem para seu bem, lá se avirão com o demonio no outro mundo e cá na terra com o regedor. Além d'isso elle cava a sua horta, é grande madrugador, deita-se com as galinhas, diz a missa ao romper d'alva, caça a perdiz no inverno e pesca os barbos no verão. Afóra um bocado de breviario, não lê senão um repertorio para estar ao facto das luas e saber quando convem alporcar as pereiras e semear os pepinos. Bom homem, rijo, satisfeito, sanguineo, infatigavel companheiro na caça e na mesa, se tentardes esgrimir com elle algumas idéas politicas ou religiosas, algumas subtilezas de critica, de controversia, terá tonturas, arregalará os olhos, ouvir-se-lhe-hão rugidos interiores e não sentirá senão um desejo: o de vos açarlar

ás pernas os seus cães e cascar-vos pela cabeça com o seu grosso marmeleiro argolado.

O padre liberal habita as cidades, lê os periodicos, intervem nas eleições, frequenta os botequins e as casas de jogo, fuma cigarros, e protesta vigorosamente contra a reacção e contra o jesuitismo, trazendo os dedos amarellos e tomando medicamentos secretos.

O padre reaccionario anda quasi sempre de loba; tem os olhos baixos, o passo miudo e commedido, o sorriso contrafeito como uma cousa azeda misturada com assucar; gordura fria e pallida, um tanto sinistra; mãos brancas, suadas, viscosas; pés molles, de pato, arrastando. O confessorio é para elle uma vocação, um destino, um prazer: é a sua arte. Algumas vezes mobila-o com certo luxo, introduz-lhe um sophá e abastece-o de viveres: uma lata de pão de ló e copos com geléa. É ahi que elle escuta, de olhos meio cerrados e mãos cruzadas no peito, as confidencias secretas das mulheres, os casos encobertos ás mães e aos maridos, os inveterados vicios escondidos e os grandes crimes occultos, as obras e os pensamentos, os alvoroços da carne no meio da penitencia e da oração, as tentações do inimigo, os ardentes desejos diabolicos, os pungentes escrupulos de alcôva, a grande tragedia intima dos mysticos e dos solitarios. Elle escuta, manda repetir, in-

quire, investiga, indaga, minucia por minucia, as circumstancias que aggravam e as circumstancias que attenuam; disseca o peccado, desfibra-o musculo por musculo, nervo a nervo, arteria por arteria; depois reconstitue-o, recompõe-o, inteira-o, evoca-o, fal-o resurgir aos olhos da penitente — para a moralisar com a enormidade do erro. A culpa, assim rediviva pelos retoques finos, dialecticos, incisivos do estylo theologico e casuistico dos commentadores do Decalogo, a culpa repintada com essa arte mais sábia, mais poderosamente minuciosa que a de todos os modernos romancistas psychologos dos vicios torpes e vergonhosos, cinge outra vez a peccadora, colleia-se estreitamente com ella como a serpente do Eden, envolve-a em suas espiraes, penetra-a de sua essencia magnetica, communica-lhe a electricidade de seus filtros. É então, n'esse momento terrivel de crise, nevralgico, hysterico, allucinado, que elle critica friamente, com uma analyse perpendicular, dominadora, arbitra da commoção; e consola, aconselha, admoesta, subjuga, domina, e absolve ou condemna, elle, elle em nome do Creador, a fragil creatura desmaiada a seus pés. O padre reaccionario faz parte da grande centralisação catholica, é uma das rodas do grande machinismo, vive no systema de partido como na obediencia e na regra de um instituto. Não pensa nem discute. O seu rumo está

tomado: segue-o apesar de tudo, atravez de tudo, como um boi abre um rêgo, com os olhos tapados. Tem heranças de velhas devotas, avultadas esmolas de missa, frequentes presentes de confessadas. Vende agua de Nossa Senhora de Lourdes ou de La Salette. Cobra os dinheiros de S. Pedro e remette-os para Roma. Assigna a *Nação*, e quasi sempre é rico.

Dos padres d'estas tres categorias quaes são aquelles que a Associação Catholica influe, aconselha ou dirige?

O padre obscuro nem mesmo sabe que tal associação existe. O padre liberal é seu inimigo e adversario intransigente. Resta-lhe o padre ultramontano.

Ora este ultimo padre é o ôvo de que a Associação Catholica é a ave. Ella não o modifica, não o educa, não o adverte, não o illustra. Faz-lhe simplesmente isto: choca-o. Depois, quebrada a casca do sr. Padre Couto, o sr. conde de Samodães apparece.

A Associação Catholica celebra periodicamente reuniões a que chama *academias*. Que se faz n'estas reuniões frequentadas por muitas senhoras da primeira sociedade portuense, o que ha de mais digno, de mais inviolavel e de mais sagrado?

Relevem-nos este ponto de interrogação, que não

tem de nenhum modo a impertinencia de uma pergunta e deve apenas ser considerado da nossa parte como um simples ponto de perturbação e de pasmo.

Se os homens estivessem sós comprehendemos que as reuniões da Associação Catholica fôsem para elles um meio de repousarem suavemente das fadigas temporaes dos enganos do mundo, das illusões e das vaidades do seculo. Concebemos perfeitamente que depois de terminados os seus negocios, assignada a sua correspondencia, pagas as suas lettras, despachadas as suas mercadorias, fechada a sua caixa, comido amplamente o seu jantar, saboreado o seu café e o seu *kümmel*, elles encerrassem o seu dia juntando-se todos fradescamente, sem etiqueta, sem cerimonia de elegancia nem de *toilette*, e que, em seguida, descalçassem as botas e dissessem: «Ora dissertemos lá um bocado sobre a immortalidade da alma!»

Mas, com senhoras, com senhoras elegantes e bellas, que hão de apear-se das suas carruagens, depôr os seus burnous no *vestiaire* e penetrar no salão, sob o gaz, n'uma onda scintillante de setim e de renda, que farão os homens?

Hão de ter espalhado na atmosphaera os perfumes da *toilette*, os murmúrios dos vestidos, os reflexos das joias e as confusas palavras finas, magneticas, que sussurram sob a palpitação dos leques. Sup-

pomos que não ha orchestra nem piano, de modo que as pessoas devotas não poderão dirigir-se immediatamente ao sr. padre Couto para que as faça valsar ; não estarão patentes os ultimos telegrammas dos acontecimentos de Hispanha ; não haverá um serviço de gelados trazido em bandejas de prata por creados de calção curto ; não se terá á mão um numero da *Illustração* nem um album que se folheie . . .

Extranha perplexidade !

Tem um simples associado de abotoar as suas luvas, de adeantar um *fauteuil*, de se approximar de um grupo e de lançar um assumpto pela seguinte formúla : «Minha senhora, será vossencia assaz boa para querer fazer-me a honra de me dizer se já tem interlocutor para uma breve dissertação sobre os novissimos do homem ?»

Ou talvez que haja uma organização parlamentar para a distribuição dos assumptos e para ordem das discussões. E n'esse caso, reunido o claustro pleno será o sr. conde de Samodães quem abrirá as sessões, persignando-se, tocando a sua campainha e dizendo :

— «Tem a palavra o relator da commissão encarregada de dar o seu parecer ácêrca das Divinas Pessoas da Santissima Trindade. Meus senhores e minhas senhoras, está em discussão o Espirito Santo.»

Porque emfim, meus senhores, celebrando como catholicos as vossas academias religiosas, das duas uma : ou vós estabeleceis a controversia e discutis os canones e os dogmas, ou não a estabeleceis e não os discutis.

No primeiro caso usurpaes os poderes que só competem aos concilios, entregaes aos debates da razão as materias de obediencia e de fé e cahis no racionalismo heretico.

No segundo caso, reunidos em nome de Deus, vós não tendes o direito de fazer senão uma cousa : elevar humildemente ao céo os vossos espiritos e prostrar-vos na penitencia e na oração.

Mas para os exercicios da oração e da penitencia vós tendes a egreja para rezar e a solidão no interior de vossas casas para meditar o arrependimento. Para semelhantes effeitos congregar os fieis nos salões da rua da Picaria é desviar dos templos a corrente natural da devoção e arrancar do interior da familia o saudavel recolhimento dos propositos bons.

Eu creio profundamente que entre vós existem homens dignos, honrados, de uma piedade limpida, com as mais rectas intenções de espirito e de consciencia. Acredito mesmo que essas almas, timoratas mas boas, constituem a grossa maioria dos vossos consocios. Por isso vos consagro, passando, esta palavra séria :

Nada mais funesto para os costumes do que ensinar ás mulheres que ha instituições especiaes para o serviço de Deus, para a conquista do céo, para a remissão da culpa. O pôsto digno da mulher christã é em sua casa ao pé de seus filhos. Os exercicios espirituaes e as contemplações mysticas escurecem a alegria domestica, alvoroçam a virtude, perturbam a consciencia. Na sociedade actual a mulher pertence, integralmente, com toda a responsabilidade do seu destino, á missão sublime da regeneração do homem pela attracção do lar. Desviar sob qualquer pretexto que seja a attenção da mulher dos interesses da familia é commetter para com a moral um sacrilegio. A casa conjugal tambem é um templo, e a maternidade é uma religião.

Meus senhores, tenho procurado tanto quanto me tem sido possivel ser amavel comvosco, tomando para vos observar todos os pontos de vista. Olho-vos como christão, olho-vos como catholico romano, olho-vos como cidadão, olho-vos como simples espectador, como *dilettante*. De todos os modos vós me pareceis ou incongruentes, ou ridiculos, ou absurdos.

Todavia, meus senhores, depois de tão exactas observações, eu não concludo que dissolvaes o vosso synodo e que vos retireis para vossas casas. Os se-

nhores liberaes, que vos combatem, são egualmente incongruentes, egualmente absurdos e um pouco mais comicos de que vós, e os senhores liberaes tambem se não retiram.

Elles dão morras ao papa, chefe supremo da religião catholica, e todavia continuam a dizer-se catholicos. Odeiam e guerreiam os padres e no emtanto continuam a entregar suas mulheres aos confesionarios e suas filhas á catechese. Insultam a theologia do vosso jornal a *Palavra* mas não acceitam com elle a controversia porque não sabem theologia. Não lhes importa o irem para o inferno, mas não querem ir para o Carmo. O seu atheismo leva-os a quererem «esmagar a infame» como elles mesmos dizem, mas com a clausula de não molestarem com essa operação os callos do sr. Bento de Freitas, governador civil, ou do sr. Pinto Bessa, presidente da camara. Ultimamente vós festejaveis com um *Te Deum* na igreja da Sé o anniversario de Pio IX: estaveis inteiramente no vosso direito e na logica dos vossos principios. Elles, em vez de combaterem com uma affirmação de sciencia a vossa protestaço de fé, esperaram-vos á porta da igreja, deram vivas á liberdade, a Victor Manuel e a Garibaldi e alguns morras ao Papa infallivel. Foi com esta elevação de critica que analysaram o Concilio de Vaticano, consti. 4.^a cap. iv *De infallibilitate romani pontificis ma-*

gni, a qual constituição nunca leram. A policia interveio, espancou varias pessoas, prendeu varias outras, e eis em resumo o que os periodicos liberaes chamam os conflictos da liberdade e da reacção religiosa na cidade do Porto!

Profundas graças ao Altissimo, que não são inteiramente estas as circumstancias que determinaram as antigas crises do poder entre os burguezes do senado do Porto e os poderosos barões feudaes da Sé portuense ou do bailio de Leça! Os srs. padre Rademaker e padre Couto não afivelaram os arnezes de aço dos antigos bispos e dos freires hospitalarios, não reuniram os seus sergentes e homens d'armas, não mandaram erguer as levadiças dos seus paços acastellados nem desembainharam as suas espadas famosas... Não, elles apenas entoaram a ladainha de todos os santos, e prometteram, não excursões armadas sobre os rebeldes, dos seus feudos, mas sim jubileus e benções telegraphicas aos seus adeptos.

Ora não vemos realmente em que estas cousas possam aterrar a liberdade e sobresaltar o paiz.

É singular esta coincidencia:

O clero catholico tem hoje em toda a Europa o papel sympathico. Os unicos paizes do mundo em que ainda se gosa a liberdade religiosa são os paizes catholicos. Na Russia, na Allemanha, temos o despotismo e a perseguição protestante. O sr. de

Bismarck prende, processa e desterra os sacerdotes catholicos. Em o novo imperio do rei Guilherme, o patriotismo reforça-se na religião do Estado; a recente legislação allemã submete todos os casos de disciplina ecclesiastica e todas as deliberações episcopaes ao poder civil, e prohibe o clero sob as mais severas penas de cumprir preceitos que dimanem de qualquer auctoridade ecclesiastica extranha á nacionalidade allemã.

Ferida violentamente na sua liberdade, perseguida pela força, a egreja catholica — quem o diria! — appella para as garantias espirituaes e quer a distincção dos poderes como salvaguarda da liberdade. Na Allemanha os ultramontanos mais ardentes fortificam-se nos seus ultimos entrincheiramentos pedindo como Cavour a Egreja livre no Estado livre. A tal ponto chegou desprestigiado e abatido o antigo poder clerical!... Elle já não quer exercer a sua velha tyrannia, contenta-se em não supportar a perseguição; e, como todos os martyres, pede a liberdade como o extremo refugio das consciencias apavoradas.

Violentemente ferida no coração, perseguida pela força, a Egreja apresenta esse symptoma infallivel da sua suprema dôr — o grito das garantias espirituaes, o appêllo em ultima instancia para a distincção dos poderes.

Pio IX, fortificado no Vaticano, como n'uma cidadella gloriosa, desmoronada e vencida, posto que respeitada, soffre as ultimas consequencias fataes da sua politica, e, indomavelmente pertinaz e corajoso, esse velho batalhador veneravel, despojado da sua corôa temporal, arroja aos vencedores o derradeiro desafio do seu desprezo, arvorando impavidamente o dogma e metralhando com as excommunhões a opinião liberal em ultimo sacrificio a uma causa perdida.

É curioso até o ponto de se tornar ligeiramente comico que seja este o momento escolhido pela burguezia portuense para começar a apontar-nos a egreja catholica como um perigo para a liberdade!

No Porto os livres pensadores da calçada dos Clerigos principiam agora a recear que os catholicos da rua da Picaria assoberbem e esmaguem sob a desmaiada e quasi esvahida legenda pontificia o poderoso mundo scientifico moderno.

Pela sua parte vós, catholicos da Picaria, reunis vossas mulheres e vossas filhas, entoaes ladainhas e procuraes com preces e com penitencias desaggravar a divindade offendida com as invectivas dos periodicos liberaes — no que nos parece confundis tambem um pouco a religião com a sacristia, e tomaes frequentemente o sr. padre Couto pelo Padre Eterno. É o vosso erro. No emtanto ficae

no vosso pôsto. A civilisação precisa de vós, não como elemento reconstituente, mas como producto laxante. A sciencia estima-vos... como droga. O velho mundo invoca a vossa assistencia para o ajudar a morrer, para o enterrar. Para mim, que acabo de vos discutir como fazendo eu mesmo parte do meio burguez em que existis, vós sois certamente um absurdo. Perante a philosophia vós sois porém uma necessidade historica. Nos annaes do progresso transcendente do espirito humano o vosso nome ha de ficar como o curioso epitaphio de uma geração que se extinguiu ha tresentos annos. Porque a verdade é que vós representaes as idéas do seculo xvi.

A Associação Catholica do Porto instituiu-se para que? Vós mesmos o estaes dizendo todos os dias: Para salvaguardar a fé religiosa da corrente invasora do scepticismo moderno.

Pois bem, meus senhores, foi esse mesmo scepticismo, cuja corrente vós pretendeis hoje reprimir ou recuar, o que produziu a grande revolução scientifica do seculo xvii e toda a civilisação subsequente até nossos dias.

O scepticismo é o estado de espirito que medeia entre a superstição e a tolerancia. Ha mais de um seculo que nenhum pensador grave se intromette na vossa controversia theologica. Ninguem vos combate, ninguem mesmo vos discute. O mundo novo es-

tá já na tolerancia, quando vós combateis ainda o scepticismo de que a tolerancia é o fructo!

Duvidar, meus bons amigos, é exercer uma das mais poderosas e mais fecundas faculdades da razão humana. Para chegar á verdade não ha senão esse caminho: a duvida. Para chegar a Deus, que não é outra cousa senão a expressão theologica da verdade, o unico meio é tambem esse: a duvida. Primeiro que tudo duvida-se, depois apprende-se, por fim descobre-se. Tal é a marcha invariavel dos espiritos na sua grande ascenção do imperfeito para o absoluto.

O mesmo christianismo não poderia nunca ter principiado a existir se não o tivesse precedido a duvida nas consciencias da antiguidade pagã. Antes de acreditar em Jesus Nazareno o homem teve que duvidar de Jupiter Capitolino. A tradição christã é uma conquista do scepticismo antigo. A duvida foi a primeira e a mais augusta expressão da revelação divina.

A duvida tem sido em todos os tempos a luz immortal e a guia suprema do entendimento humano. Foi a duvida que levou Colombo ao novo mundo, Copernico e Newton á astronomia, Boyle e Pascal á hydrostatica, Galileu á mechanica e Lavoisier á chimica.

Se nas profundidades da nossa alma o scepticis-

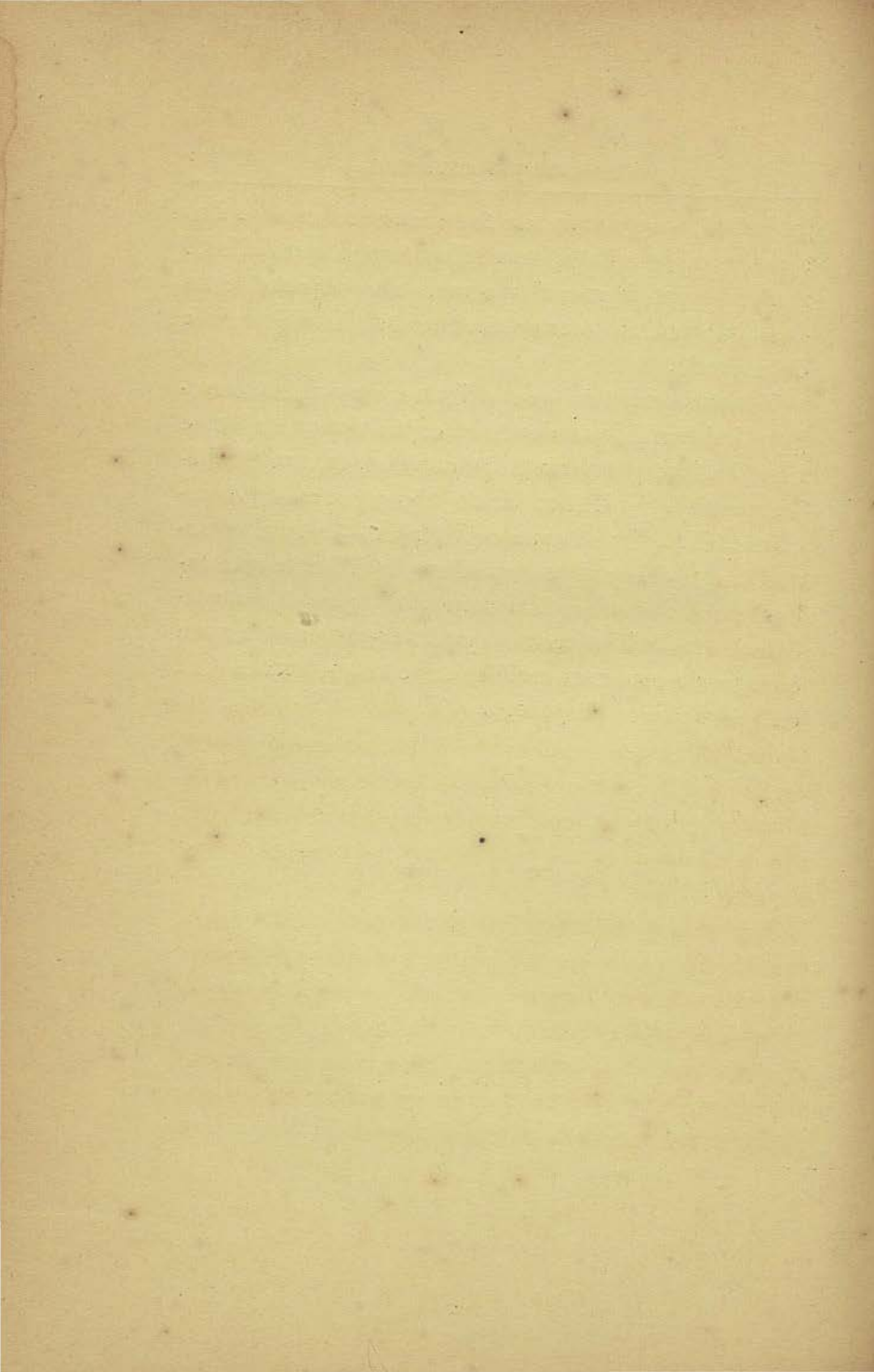
mo não tivesse existido sempre como uma indomável força inextinguível de perfectibilidade indefinida, a sciencia astronomica não viria occupar o logar da astrologia, a physica e a chimica não substituiriam a alchimia, e a imagem de Christo crucificado não succederia nos altares do Vaticano ás estatuas dos dois mil deuses da Roma antiga.

Quereis a definição precisamente scientifica do scepticismo? Ouvi Buckle, o historiador da civilisação: scepticismo é a difficuldade de crer; de sorte que o scepticismo que se augmenta é a percepção augmentada da difficuldade de provar asserções, ou, n'outros termos, é a applicação augmentada e a diffusão augmentada das regras do raciocinio e das leis da evidencia. Esse sentimento de hesitação é em todo o campo do pensamento o preliminar invariavel de todas as revoluções intellectuaes por que tem passado o espirito humano; sem o scepticismo, progresso, mudança, civilisação, tudo seria impossivel. Na physica é elle o precursor necessario da sciencia; na politica o precursor da liberdade; na religião o precursor da tolerancia.

Ora defendendo a integridade da fé, vós fazeis á philosophia este serviço relevante: suggeris a duvida, procuraes accordar a razão individual, a qual nunca em nenhum outro meio social se desenvolveu tão larga e tão arrojadamente como em o seio da egre-

ja christã, que apesar de todos os seus erros e dos seus proprios crimes, tem sido sempre o mais forte nucleo da vida moral e o mais alto objecto de todos os grandes desenvolvimentos da intelligencia e da vontade.

Todavia entendo que o Porto, esse feliz e arrojado industrial, vos deve ser especialmente grato e reconhecido, porque vós o dotastes com um estabelecimento que Lisboa ainda não possui — a Associação Catholica da rua da Picaria, — a qual, á semelhança dos antigos moinhos do Tibet e das cabças rotatorias dos kaimukos, assegura á commoidade dos habitantes um systema permanente, uma especie de moagem mechanica, com moto continuo, de adorações e de preces.



A MR. JOHN BULL.

Abril 1876

Bom e velho amigo!

Ha mezes que uma flotilha, cujos gastos são pagos por ti, anda passeando sua alteza o principe de Galles por cima da superficie liquida d'este pequeno espheroido rotatorio em que os principes e os mais homens gravitam, com maior ou menor facilidade, uns á custa do seu proprio suor, outros por conta do suor alheio.

Estreitar as relações dos povos e avivar os sentimentos benevolos com relação á Inglaterra dizem ser o intuito do teu futuro soberano ao resolver apparecer-nos mais real e mis perfeitamente do que sob o cunho das libras esterlinas, unico meio por que até hoje nos tinha sido permittido venerar a effigie dos illustres predecessores de sua alteza.

Visto que assim o deseja o excelso príncipe, sentemo'-nos pois, por um momento, defronte um do outro, amigo John, e conversemos um pouco ácêrca das relações que nos unem.

Accende o teu cachimbo, como eu vou accender o meu; recosta-te bem á tua vontade n'essa poltrona; encruza sobre a mesa, á altura do ôlho, segundo a boa e sincera moda americana, os teus fortes pés solidamente calçados; e dá-me o prazer de te servir da cousa em que o paiz mais abunda depois do seu vinho: — a sua prosa. Offereço-te a prosa e não te offereço o vinho, porque emquanto á bebida tu — coitado! tens-te já sacrificado muito. Não mais fel! O que vou dar-te agora é unicamente — esponja.

Desde o principio d'este seculo que Portugal padece pelo teu paiz uma especie de cegueira affectuosa, que, até sabbado passado, tem tido sempre nos espiritos um desenvolvimento progressivo.

Nós governamo'-nos á ingleza, vestimo'-nos á ingleza, alimentamo'-nos á ingleza. Mandamos vir de casa de Poole as nossas *toilettes*. Attestamo'-nos de chá e de *pale ale*. Lançamo'-nos no *sport*, no *turf*.

Sacrificamos á anglomania interesses valiosos.

Para montar e para fazer correr cavallos inglezes, objectos de puro luxo no solo e no clima portuguez, deixamos abastardar e perverter a fina raça dos nossos cavallos de Alter.

Em vez de nos refrigerarmos com as saudaveis bebidas classicas de nossos paes, a *limonada* e a *sangria*, amadorramos os nossos temperamentos com má cerveja ingleza, que nos desenvolve excessivamente a bilis, que nos dá dyspepsias e hepatites, e, enquanto nos não ataca algum órgão essencial á vida, nos embrutece lentamente, tornando-nos a lingua grossa e o cerebro espêso.

Principiamos, agora ha dois annos, a importar de Inglaterra duas outras especies de monstros: — as dançarinas e os jockeys.

No ponto de vista commercial, no ponto de vista industrial, no ponto de vista moral, o inglez representa o nosso modêlo, o nosso guia, a nossa aspiração, o typo ideal da actividade mercantil, da boa fé dos contratos, da lisura e da honra commercial.

Nota porém que tudo isto, como já tive a honra de dizer, é o resultado de uma cegueira irreflectida e não de uma convicção fundada nos factos ou no raciocinio.

Porque é de saber, my dear, que os portuguezes só conhecem a Grã Bretanha de um modo platonico, excessivamente imperfeito e longinquo.

Emquanto ás nossas idéas, ás nossas opiniões, aos nossos principios, somos educados no espirito francez.

A lingua que melhor conhecemos, depois da nossa, é a lingua franceza. É pelos livros francezes, pelos jornaes francezes, pelas revistas francezas que nós nos educamos, que nos achamos em contacto com o progresso e com a civilisação.

Procederá a nossa anglomania, o nosso feiticismo inglez, da contradicção flagrante que a pratica dos negocios nos fizesse encontrar entre as obras da França e as qualidades pessoaes dos francezes?

De modo algum.

Se o pouco ou muito que valemos pelo nosso aperfeiçoamento intellectual o devemos á França, industrialmente falando é ainda á França que principalmente devemos a collaboração mais valiosa do que temos feito no presente seculo.

A maior parte das industrias que actualmente existem em Portugal foram iniciadas no tempo do Marquez de Pombal por familias francezas, em cujos individuos encontramos os amigos mais sinceros e mais dedicados. Vou citar-te alguns.

Lecussan Verdier, fundador no seculo passado de uma fabrica de pannos na villa de Thomar, empregava as suas horas de ocio estudando a nossa lingua e os nossos monumentos litterarios, e deixou-nos importantes trabalhos de critica sobre o cancionero chamado do *Collegio dos Nobres* e sobre um poe-

ma nacional, *O Hyssope*, de Diniz. Expulso de Portugal depois da invasão de Bonaparte, foi ainda em França o protector e o amigo desvelado de um portuguez illustre, o poeta Filinto Elysio, refugiado em Paris das perseguições portuguezas da Inquisição e da Intendencia da Policia.

Jacome Ratton, fundador das nossas primeiras fabricas de papel, iniciador de varias fabricações de tecidos, introductor de apparatus hydraulicos, habitava em Lisboa ao tempo do terremoto um grande palacio, dava festas magnificas, recebia em sua casa a melhor sociedade portugueza, contribuindo por tal modo efficazmente para a democratisação da nossa nobreza. Era o protector e o conselheiro affectuoso e illustrado dos nossos artistas. Deixou-nos um curioso livro de memorias, que são um subsidio precioso para a historia da sociedade portugueza durante a administração do marquez de Pombal.

Mathevon de Curnieu, igualmente fabricante, era um poeta distincto; grande amigo das letras e dos que as cultivam; profundamente instruido, escrevendo com grande facilidade o portuguez, o latim e o grego.

Orcel foi o fundador da livraria franceza, que ainda hoje existe em Coimbra.

Roland, Simion, Borel, os irmãos Bertrands, constituem outras tantas dynastias burguezas, as quaes,

pelo seu trabalho, pela sua economia, pela sua perseverança, pela sua honra immaculada, pela sua probidade austera, lembram as fortes familias dos mercadores da Renascença que pela sua poderosa affirmação nos costumes crearam a moderna comprehensão do dever, o decoro e a honra do trabalho, e finalmente o advento do novo poder contemporaneo, que se chama a democracia.

Não obstante a eloquencia d'estes factos, a opinião publica em Portugal, — a mais estúpida das cousas publicas que em Portugal existem — continua a considerar os francezes como um povo de cabelleireiros e de perfumistas, fabricantes de falsas drogas expressamente destinadas a fazerem cahir o cabello aos incautos!

Por outro lado, nada que se compare á nossa credulidade, á nossa boa fé, á nossa estima, ao nosso respeito, á nossa admiração, perante a individualidade ingleza, á qual nenhuns serviços devemos.

O negociante britannico que na praça do Porto comparece a comprar vinho e a vender bacalhau, manteiga ou piugas de algodão, é alli objecto de uma especie de culto. As solas das suas botas, o anel da sua gravata, a frescura do seu collarinho, o trote do seu cavallo, a isolação da sua casa, em que ninguem mais penetra senão elle e sua familia, são

outros tantos titulos ao credito e veneração geral.

Nos salões de Lisboa o simples aspecto de um sr. segundo tenente da armada ingleza torna-nos extaticos. A sua loura juventude, a risca côr de rosa que lhe separa o craneo em dois hemispherios, o seu olhar parado, sem expressão, de uma banalidade grave, de alto genero, a sua casaca, as suas joias, os seus sapatos decotados, as suas meias de seda, o nó da sua gravata branca, o seu cheiro a carvão, o vidro redondo que elle de quando em quando colloca na arcada do ôlho para nos conceder a honra de nos observar, tudo nos captiva e nos encanta.

Os inglezes porém que temos visto, o mercador com quem trocamos os nossos productos, o *gentleman* de quem imitamos a nossa *toilette*, não bastam para nos dar de ti, bom e prestavel John, do teu espirito, das tuas qualidades, do teu character, da tua intelligencia, da tua missão na moral e na politica uma idéa inteiramente precisa.

A visita de sua alteza o principe de Galles destina-se a fornecer-nos a justa medida que não tinhamos. Esta visita vem chamar a attenção dos noticiarios para a biographia do homem que acaba de representar em roda do globo a encarnação do espirito inglez; vem vulgarisar as noções de historia relativas ás nossas duas patrias.

N'este ponto de vista, John, é inapreciavel o serviço que a estada de sua alteza em Lisboa presta á nossa instrucção popular.

Este povozinho não lê livros e não apprende senão o que se lhe ensina nos pequenos jornaes a um penny. Atravez das noticias que esses jornaes vão dar-nos agora a respeito do principe de Galles, o paiz receberá pequenas licções de historia extremamente proficuas. Este importante ramo da nossa educação adjudicado, fora da esphera jornalistica, a um *gentleman* illustre, mr. João Felix, é poderosamente reforçado n'este momento pela intervenção nos acontecimentos quotidianos de sua alteza o excelso principe que nos cabe a honra de hospedar.

Á noticia da visita do herdeiro da corôa ingleza, uma grande commissão de negociantes, uma junta especial de pessoas da côrte presididas por el-rei, e uma delegação do ministerio, começaram a estudar o modo mais expressivo e mais brilhante de festejar o nobre viajante.

Dos trabalhos reunidos d'estas diversas commissões resultou resolver-se dividir a festa por secções numeradas como as cantatas do rei Bobeche no *Barba Azul*.

1.º Viria de Londres um carpinteiro inglez para fazer palanques.

2.º Viria de Londres um illuminador inglez para pôr luminarias.

3.º Viria de Londres um pyrotechnico inglez para deitar foguetes.

4.º Viria de Londres um musico inglez para ensinar as nossas bandas marciaes a tocar o *God save the Queen* e o *God bless the prince of Wales*.

5.º Viria de Londres um copo d'agua inglez para offerecer ao principe o «copo d'agua.»

6.º As commissões envidariam todos os seus esforços para que durante a demora de sua alteza em o nosso clima, estivesse nevoeiro.

Outrosim se deliberou:

a) Que houvesse no theatro de S. Carlos um concerto á ingleza.

b) Que se desse um baile no paço, transformando o aspecto dos nossos salões lusitanos em salões inglezes, e pintando-se em um grande *panneau* a fachada de um dos palacios de sua alteza o principe.

c) Que no hippodromo de Pedrouços corressem alguns cavallos inglezes montados por jokeys inglezes, segundo a moda ingleza.

Em summa nada mais sábiamente combinado para fazer crer a sua alteza que sua alteza se não acha em um paiz livre, com tradições e costumes proprios, mas sim n'um territorio conquistado, n'uma feitoria ingleza.

Mr. Methwen quando no tempo de D. Pedro II formulou o celebre tratado de commercio tendente a regular a troca dos nossos vinhos com as mercadorias inglezas, — tratado de que resultou a condemnação do trabalho e o atrophamento de todo o espirito de iniciativa industrial creado pelo conde da Ericeira, — não prepararia melhor o programma dos nossos regosijos publicos.

E, todavia, o paiz sempre vale um pouco mais que a intelligencia d'aquelles que o governam. Nós poderíamos offerecer á distracção do principe espectáculo um pouco menos servil do que aquelle que lhe damos.

Poderíamos levantar-lhe uma tribuna na vasta lezíria de Villa Franca e, em vez de uma ridicula revista militar, dar-lhe ahi, como povo agricola, a mais grandiosa e a mais pittoresca das revistas ruraes.

Ao norte do grande campo formariamos em linha cem ou duzentos carros de trabalho, cheios de mulheres e de moços do campo, puxados pelos grandes bois de jugos ornados de topes vermelhos, com as largas colleiras de chocalhos.

Ao sul, nas aguas do Tejo, postariamos a collecção tão interessante dos nossos barcos de pesca e da navegação fluvial: os saveiros, os varinos tripulados pelos seus bellos homens de fina raça phenicia, de trajes tão caracteristicos e tão pittorescos, as fa-

luas com a vela em cruz e com a vela latina, os cahiques, os pequenos botes de Cacilhas e do Barreiro e as ligeiras muletas do Seixal, que infelizmente tendem a desaparecer da nossa bahia.

Em frente da tribuna do principe fariamos então desfilar algumas das nossas grandes lavouras do Ribatejo e da Gollegã. Á frente de cada uma d'ellas, o respectivo proprietario, com a sua familia, com os seus amigos, vestidos á portugueza, de jaleca e cinta, montando os cavallos de Alter e de Castello Melhor, ajazados á Marialva, com o xairel de pelle de cabra, a sella semi-arabe, os estribos de pau.

Seguir-se-hiam os arados, as grades, as charruas puxadas por quatro e seis juntas de bois; as longas boiadas de centenaes de cabeças, as chocas, os cabrestos, os touros; as éguas e os potros das caudalarias da Extremadura; os rebanhos dos carneiros; as varas dos porcos; as carretas; os trophéos das foices, das pás, das enchadas, dos machados, das serras, de todos os instrumentos da industria dos campos; as altas pyramides de laranjas; os feixes do trigo, do centeio, e da cevada; as amostras de cortiça; e finalmente, n'um trophéo especial, o ôdre, o sympathico ôdre, o melhor symbolo da abundancia e da riqueza das nossas terras, as terras do azeite e as terras do vinho. Como o cevado no Cincinnati, o ôdre, John, constitue para nós o brazão territorial.

Como sua alteza gosta dos exercicios do *sport*, fariamos soltar um touro na leziria, e mostrar-lhe-hiamos os unicos exercicios de agilidade e de destreza em que primamos, em que somos mestres. Sua alteza veria correr á desfilada as éguas do Ribatejo montadas pelos nossos campinos, de barrete phrygio, de calção curto, de collete encarnado. Vêl-os-hia manejar o pampilho de seis metros de comprido tão facilmente como sua alteza empunha o mais leve e o mais pequeno *stick*; vêl-os-hia a todo o galope dos cavallos apear e montar de um salto, na carreira, com a ligeireza de beduinos; vêl-os-hia picar o touro, cercal o, torcer-lhe as voltas, evitar-lhe o golpe por todos os rodeios mais subtis da gineta, vencel-o finalmente com a maior pericia, subjugal-o, prendel-o, reconduzil-o á manada.

Assistindo a uma festa d'essa natureza, vendo durante cinco ou seis horas, deante de seus olhos, o quadro mais accentuado da forte vida popular, dos costumes nacionaes, da actividade portugueza, da paisagem d'esta parte do paiz, sua alteza guardaria d'este povo uma lembrança sympathica, os lineamentos de um perfil exclusivamente caracteristico, de que não poderia dar-lhe idéa nem o baile do paço com o seu redemoinho de *parvenus*, de burocratas, de papelisticos; nem a força militar do nosso

exercito comparavel ao do principado de Monaco; nem o prestito de carruagens de aluguer que foi ao caminho de ferro; nem a illuminação ingleza do Caes do Sodré; nem o espectaculo de gala no theatro de S. Carlos, com a sua exposição das claviculas da sociedade, dos clarinetes dos irmãos Croner e das amygdalas do tenor Gazul.

Os teus photographos mandariam para os teus jornaes illustrados *clichés* de mais algum effeito. Os teus reporters encheriam as duzentas palavras dos telegrammas de cada dia com algumas idéas e alguns factos uteis. Finalmente os vinte mil viajantes que vieram da provincia assistir á recepção do principe, em vez do desconsolado aspecto de uma pobre côrte, de que não levarão saudades para as suas terras, teriam na festa rural a que nos referimos a affirmação de si mesmos, do seu prestimo, do seu valor, da sua physionomia nacional.

De sorte, que, velho John, os commentarios da tua imprensa aos festejos com que nós recebemos sua alteza não contribuirão certamente do modo mais efficaz para nos tornarem mais sympathicos aos teus olhos benignos.

Vejamos agora o que é que para nossa propria instrucção a nossa imprensa nos diz ácerca do illustre principe, objecto de todos os nossos pensamentos e

de todas as nossas preocupações durante oito dias.

Sua alteza o principe de Galles tem trinta e quatro annos de idade. E' louro, é forte, é calvo. Taes são os principaes traços da sua biographia.

A vida de sua alteza não tem factos. Tem apenas anedotas.

Pelo seu nome, pela sua bella barba, pela correcta linha do seu perfil, elle é um bonito vulto para figurar nos relógios de mesa, mas não, por emquanto, nos capitulos da historia.

O estudo da sua personalidade pertence aos dominios caseiros do romance, da pequena epopeia burgueza em que os Homeros de botequim contam para recreio dos ociosos como os respectivos Achilles se levantam da cama, como enfiam as suas chinelas e a sua *robe de chambre*, como almoçam uma costelleta com duas batatas, como lêem a gazeta, como escovam a golla da sobrecasaca, como tomam um *cab* á hora, como encontram certa senhora, como se casam ou como se não casam com ella, como vão jantar ao restaurante com outra, como voltam para casa apoiando-se sobre a sua bengala, assobian-do uma aria, doendo-lhe um callo, sentindo uma picada no ventre, e outras que taes particularidades extremamente proprias para excitarem a sedenta

imaginação dos assignantes dos gabinetes de leitura, mas insufficientes para preencherem os fastos nacionaes de um povo.

A imprensa portugueza tem desenvolvido uma actividade heroica em dilatar pela rhetorica todos os pequenos gestos da vida particular do principe.

Este simples successo—ter ido sua alteza á India—forneceu assumpto a muitas jardas de prosa. Oh! Bombaim! Ceylão! Calcuttá! Madrasta! Agra! Benares! Os rajahs com os seus turbantes, as suas longas barbas anneladas, as suas preciosas joias! O templo de Elephanta! As extranhas vegetações dos coqueiros! Os aromas e o ouro em pó! A architectura phantasiada das mesquitas! As frentes pensativas dos theologos immoveis olhando no espaço para o ponto em que fica Meca! Debaixo das enormes palmeiras monumentaes, as filas dos elephantes, com os seus pavilhões de purpura e ouro semelhantes ás florescencias dos cactos! Os bazares em que os velhos mercadores encruzados no chão cosem as suas babuchas! As raparigas que voltam da fonte arqueando para cima da cabeça a mão com que seguram a amphora e voltando o rosto com a mesma expressão do olhar que devia ter a Samaritana! Os estandartes de gala! Os enormes leques de pennas palpitando no esplendor da luz! As nuvens azues do fumo perfumado! Os idolos cobertos de brilhantes!

Os palanquins dos nababos! As campinas do arroz! Os acampamentos paludosos dos bohemios! A liteira da mulher nobre, levada por jovens escravos malaios, de olhos de tigre, reluzentes, febris, esbrazeados de amor!

E de cada uma d'estas exclamações um jornalista perito arranca uma pagina.

Depois a imprensa lembra-se que ter ido á India não é tudo. Sua alteza fez mais: sua alteza voltou. E novas exclamações admirativas resurgem...

Oh! A volta! O alegre movimento dos tombadilhos duas horas antes de levantar ferro! Os presentes que se recolhem! As despedidas que se fazem, os protestos que se juram, ao balanço do navio, ao som da helice que principia a jogar! As aguas azues do Mediterraneo em cuja limpidez se desenham como pequenas manchas movediças as sombras das aves que emigram cortando o silencioso espaço! As luzes mysteriosas de Malta, que se accendem ao longe, sob a lua recurva como um alfange de opala! O desembarque em Gibraltar, defronte da velha Ceuta, por entre pilhas de balas e festões de flôres! O rapido percurso da Andaluzia: Cadiz, Sevilha, Cordova, Granada! As architecturas mouriscas, as casas arabes, com o claustro interior, o páteo ajardinado, o pôço de marmore ao meio com o balde suspenso da roldana! Os toldos de listras azues e encarna-

das! As jalecas murillanas dos gitanos! Os amplos chapéos jesuiticos e os ventres convexos de los canonicos! O velho almocreve pulverulento, côm de greda, de lenço atado na cabeça, calção justo, polainas de couro cru, bebendo o copo de Val de Peñas á porta da mesma pousada vetusta em que foi manteedo Sancho Pança! As mulinhas ajaezadas de esparto, guarnições de pêlo de raposa e borlas escarlates! As torres vermelhas da Alhambra! O granito sombrio do Escurial, da forma da grelha symbolica, o Versailles sinistro de Philippe II, o monumento da alliança terrivel do catholicismo e da monarchia hispanhola! Madrid com as suas noites cheias de ruido e de luz como um baile de mascarar; as suas tardes no Prado; os novos uniformes e as novas caruagens apparatusas de uma cômte que recomeça! A entrada em Portugal por Badajoz! Os primeiros aspectos da nossa paizagem vulcanica, de terra avermelhada, salpicada de pequenos casaes, de rebanhos de ovelhas e de alguns velhos sobreiros de contorções angulosas e duras como carrancas! A chegada á estação de Santa Apolonia, ao som do hymno inglez, entre as bandeiras azues e brancas e as fardas de gala do funccionalismo, do ministerio e da cômte!

Tudo isto, porém, John, tudo isto, largamente desenvolvido e narrado, daria um livro de viagem,

daria um dictionario historico, daria um compendio de geographia, mas não podia dar o que nós quereiamos ter: — a revelação de um character, a historia de um homem, a physionomia de uma personagem.

A imprensa no seu empenho de nos fazer conhecer profundamente os dotes e as qualidades de sua alteza, descreveu minuciosamente o vapor *Serapis*, o navio transporte de sua alteza, com o seu leito suspenso como um candieiro de bordo, a sua mobilia de carvalho, as suas almofadas de marroquim alvadio com monogramma de ouro; a sua baixella; os differentes animaes da sua ménagerie; os cavallos arabes, o tigre de Bengala, o gato bravo, os elephants, o cão e as vaccas do Hymalaia, os macacos, o leopardo e os differentes exemplares do homem. Descreveu ainda os vasos de guerra da esquadra ingleza ancorada no Tejo para escoltar o navio do principe; enumerou as bôccas de fogo, os marujos, os soldados; computou as enormes despezas da viagem á India.

Consultaram-se antigas biographias de sua alteza. Recordou-se a primeira viagem da sua infancia aos lagos da Escocia, em companhia de sua mãe a rainha Victoria e de seu pae o principe Alberto, que passava nas estalagens, nas estações da mala-posta, perante todas as pesquizas da curiosidade, pelo doutor Grey, um simples medico, viajando modestamen-

te com Mistress Grey e com seu filho o pequeno Eduardo.

Citou-se o casamento do principe com uma bella infanta da Dinamarca.

Falou-se com reticencias, maliciosas ou discretas, das suas viagens na Europa, da sua estada em Paris, dos perfumados vestigios da sua passagem no Bois, nas *baignoires* dos pequenos theatros, nos gabinetes de Bignon e do Café Anglais; das suas prodigalidades de *viveur*; do seu estomago diamantino; do seu figado inaccessible á acção demolidora das grandes ceias e dos successivos banquetes; das suas dividas por mais de uma vez saldadas pela corôa ou pela nação ingleza; dos assobios com que, em certo theatro de Londres, o principe foi uma noite recebido por um publico enfastiado de manter o regimen dispendioso d'este invulneravel Mithridates do boulevard, de entranhas á-prova de *foie-gras* e de Champagne Clicot.

Para explicar o subito reviramento da opinião ingleza em favor do principe herdeiro, dizem os jornaes que se deu na historia de sua alteza um facto culminante, destinado a marcar a grande época da sua vida:— Sua alteza teve uma febre typhoide.

Ora francamente, John! bom e honrado John!
Não é por ter estudado em pequeno um pouco de

latim e um pouco de box na universidade de Oxford, por ter apprendido a remar e a traduzir Xenophonte, por ter viajado, por conhecer a fundo a cozinha do segundo Imperio, por ter encontrado na sahida de Longchamp o coupé mysterioso e o ramalhete de cinco luizes de Fanny Lear ou o daumont e o king-charles de Schneider, não é por comprar em casa de Hancock tão ricas joias como as de lady Dudley ou da ex-imperatriz Eugenia, por ter tantas sobrecasacas quantos os vestidos da rainha Elisabeth, a qual juntou tres mil toilettes no seu guarda-roupa, ou por ter voltado da India em companhia de animaes de uma convivencia mais ou menos perigosa, havendo finalmente padecido um typho, que um vivente nos poderá convencer, por modo terminante, de que presta para alguma cousa deante do reconhecimento e da estima dos seus semelhantes.

Sua alteza adoptou para as suas armas a antiga divisa — *Eu sirvo* —, de um outro principe de Galles, o celebre *Principe Negro*. Foi depois da batalha de Crecy que o filho de Eduardo III tomou esse mote do velho rei da Bohemia. O Principe Negro tinha então quinze annos, acabava de se bater como um heroe, o rei Eduardo tinha-lhe dicto: «És digno desde hoje da corôa que tens de herdar.»

Dizer apenas *eu sirvo* não é bastante, é preciso servir com effeito para alguma cousa.

Não quereríamos que sua alteza fundasse sociedades de temperança ou que fôsse um exclusivista das dietas vegetaes, como o nosso commum amigo e meu collega Horacio Greeley. Sentiríamos que a boa palavra *flirtation* o fizesse corar ou baixar os olhos. Desejariamos apenas que uma ou outra vez elle se tivesse mostrado, não um homem grande, mas um homem util. Tu sabes, amigo John, como é facil o ser util.

Lembra-te do finado principe Alberto, ao qual se deve um dos factos memoraveis d'este seculo — a primeira exposição de Londres. Era um bom homem apenas, tendo na sociedade o modesto papel de consorte da rainha, e desempenhando-o de tal modo que bastou o seu exemplo de perfeito marido de uma digna mulher, para reacreditar na Inglaterra a fé conjugal, para elevar o nivel dos costumes e para fazer da familia ingleza uma instituição sagrada, objecto do respeito e da consideração da Europa.

Nós outros, meridionaes, comprehendemos imperfeitamente a casta virtude da fidelidade. A capa de José é para nós um symbolo ridiculo como o barrete de algodão branco dos maridos de Gavarni e de Paulo de Kock. Os da tua raça, honrado John, têm nas suas tradições do amor a tragica legenda de Sigurd e Brynhild. Brynhild, a virgem invencivel, apaixona-se, como a mulher de Putifar, por Sigurd,

que tinha degollado Regin, que tinha arrancado e mordido o coração de Fafnir para a libertar a ella, para a entregar a Gunnar, segundo a fé jurada. Por tres noites, no campo, adormeceram juntos, ella, a mulher amante e febril, elle, o amigo dedicado e fiel; mas entre um e outro ficava atravessada a longa espada do inflexivel guerreiro, desembainhada, fria, retinta em sangue. Não podendo viver com elle, Brynhild quer morrer ao seu lado, e acabam na mesma fogueira, enlaçados na mesma chamma, com a espada no meio d'elles, separados na morte como o tinham sido na vida.

Que desastre, John, se tu viesses um dia a desdenhar a virtude no amor, essa purpurina flôr ideal, nascida ás baforadas do fogo, sob um orvalho de sangue, no coração palpitante da tua nobre raça!

Fora da estreita vida domestica, fora da direcção pessoal dada ao sentimento, são innumerados os modos de fazer bem, qualquer que seja o nosso sentimento, a nossa posição social e a nossa força de espirito. No teu grande e bello paiz, John, quantos homens dedicados á humanidade! Newton, Shakspeare, Bacon, Adam Smith, Macaulay, Buckle, Thackeray, Carlos Dickens, Lady Morgan, Carlyle, Stuart Mill. E todavia, apesar dos esforços dos teus sabios economistas, dos teus reformadores, dos teus immortaes philosophos, dos teus incomparaveis roman-

cistas, dos teus inexcediveis poetas, quanta desgraça ainda, quanta perversão, quanta injustiça, quanta miseria: no teu exercito, onde ha seis mil deserções por anno; na tua marinha, onde homens livres recebem ainda os castigos humilhantes dos antigos escravos; nas tuas tijolarias e nas tuas minas, onde definham sob um trabalho horrivel quarenta mil creanças; nos teus *workhouses* onde tantas vidas se destroem; nas tuas tabernas, onde a venda do gin e dos licôres espirituosos subiu, em dez annos, de nove a quatorze milhões de libras; no teu Strand, finalmente, em Blackwall-railway, nos medonhos bairros vergonhosos de Londres e de Liverpool!

Não mais remotamente que na semana passada os teus profundos estadistas, os teus wighs e tories desbaratavam o seu tempo e as suas faculdades a decidirem esta questão burlesca: com que iniciaes e com que especie de corôa devia de ser marcada a baixella, a roupa branca e o papel de cartas de sua majestade o chefe do Estado!

Ha apenas quinze dias que o serviço do caminho de ferro em toda a extensão de uma das mais importantes linhas era subitamente interrompido, fechavam-se todas as gares, prohibia-se a aproximação do publico, para que sua majestade o chefe do Estado viajasse invisivel, á moda chinesa, obrigan-

do-se os teus *policemen* ao officio da cavallaria tártara no Imperio do Meio!

Desde muito tempo que os teus arsenaes nos estão dando este spectaculo funambulesco: inventar a couraça que resista á bala, para em seguida inventar a bala que fure a couraça, para voltar a reformar a couraça, para tornar a aperfeiçoar a bala; e assim successivamente, interminavelmente, até o infinito.

Os teus poderosos navios, os teus grandes couraçados, os teus immensos monitores, as tuas baterias fluctuantes, em cujo interior não ha luz nem ar, onde as escadas torcidas e os corredores emmaranhados têm as evoluções complicadas de um systema intestinal, acompanhado de um pulmão de aço sempre em movimento para que lá dentro se não morra pela asphixia, todas essas pesadas massas de ferro pejadas de polvora e de dynamite, immensos apparelhos de guerra e de destruição, lembram os antigos monstros ante-diluvianos, os primeiros e os mais medonhos inimigos do homem, resurgidos do fundo dos sepulcros carboniferos para devorarem pelas suas guelas de fogo uma parte enorme do nosso amargurado pão, amigo John, do nosso pão moido na lenta mó da civilisação, amassado nas lagrimas de longos seculos de tenacidade, de dedicação e de sacrificio.

Os monstros pre-historicos venceu-os o homem passado, inventando a arma e descobrindo o fogo. Os monstros modernos, filhos das superstições pavorosas que ainda escravizam os espiritos, ha de subjugal-os o homem futuro creando o supremo poder espiritual e firmando para todo o sempre a paz no simples bom senso humano.

Quanto temos ainda que trabalhar! quanto nos resta ainda que fazer para chegarmos a uma civilização definitiva! N'esta penosa ascenção para o aperfeiçoamento temos todos a tremenda solidariedade da corda com que se prendem pela cinta os que trepam pelos despenhadeiros, pelas escapas, por cima dos abysmos, debaixo das avalanches, desde o valle de Chamonix até o alto do Monte Branco.

Nem um só acto, nem um só facto, nem uma só idéa se perde n'esta cruzada de todos os povos civilisados para a terra promettida, para a cidade ideal. Tudo quanto hoje somos devemol-o ao trabalho d'aquelles que nos precederam. Caminhamos sobre os vestigios de nossos paes; é pelas nossas pégadas que se hão de dirigir os passos de nossos filhos. Todo aquelle que pára, que se recusa a deixar indicado áquelle que o segue o signal que põem na estrada os pregos de seus sapatos é um perturbador do progresso, é um traidor. Representa um degrau em falso na nova escada de Jacob.

Tu, querido e respeitavel John, tens um dos logares mais eminentes na categoria da civilisação, porque na tua ilha rigorosa, aspera, implacavel, as condições do clima, do solo, da hereditariedade, do conflicto vital, te forçam a um trabalho constante, forte, permanente, continuado, sem descanso, sem tréguas. A tua corpolencia, o teu organismo, o teu temperamento predestinam-te para o serviço dos Hercules. Tens as largas espaldas dos atletas e dos gorilhas, o pescoço bovino, o peito amplo como convem ao estojo do mais desenvolvido aparelho respiratorio, os pés largos, as mãos solidas, as fortes mandibulas e os largos dentes scintillantes e firmes dos carnivoros possantes. Comes duas vezes mais e produzes quatro vezes mais trabalho do que o habitante das regiões serenas e temperadas. Não tens tempo para ser imaginativo, gracioso, amavel. Os teus movimentos, o teu gesto, o teu passo, têm a monotonia cadenciada e rija de uma machina. A tua physionomia dura exprime a força, a resolução tomada, o fito feito. Representas, finalmente, o trabalho na sua mais perfeita e mais genuina expressão humana.

Calcula a falsa idéa que nos daria de ti e da tua patria sua alteza o principe de Galles! Faça-te queixa d'elle, John, porque sua alteza desmente-te na opinião portugueza e na opinião do mundo.

Elle, um simples bom rapaz, um touriste de profissão, um dilettante encartado, um dandy inamovível, o mais amavel e galante ocioso, a apresentar-nos as tuas cartas credenciaes, as cartas do operario infatigavel, do trabalhador por excellencia, do grande John Bull!

É certo que os principes, pelas condições do seu nascimento, da sua educação, separados do genero humano por um conjuncto de circumstancias que os collocam em divergencia ou em hostilidade com o resto dos homens, tendo a sua razão de ser estreitamente ligada a uma longa serie de velhas instituições decrepitas, que são como a prolongação social do seu proprio organismo, nas quaes elles não podem tocar sem comprometter os fundamentos da propria existencia, são essencialmente órgãos receptivos, subalternos, de uma acção extremamente limitada. Sua alteza, porém, exaggera a sua passividade. Na idade de sua alteza, seu pae havia já organizado perto de Windsor a sua granja modelo, e sua mãe a rainha, estimavel e perfeita *housewife*, havia descoberto o remedio para a molestia epidemica de que morriam em Londres os pequenos perús.

As nossas obras, John, são a unica affirmação exterior da nossa vida, são a encarnação da nossa alma, a expressão do nosso ser. Não ter obra é o não-ser.

Assim sua alteza o principe de Galles, no meio do ruido das festas officiaes que o acolheram, encontrou apenas no grande publico um exito de indifferença ou de curiosidade. Produziu a simples impressão das cousas desconhecidas.

Ninguem melhor do que tu, John, sabe qual é a expressão calorosa da estima popular em presença de uma personagem illustre. Viste o acolhimento feito a Garibaldi pelo povo de Londres. Vistel-o arrancado da carruagem pela solicitude carinhosa, maternal, da grande multidão. Vistel-o levado em triumpho sobre os hombros, como um trophéo da bravura, como o idolo victorioso da liberdade, no meio da explosão enthusiastica, tremenda, extraordinaria, inaudita, dos vivas, dos bravos, dos hurras de um povo inteiro. Sabes o que é a estima.

O anno passado um viajante chegado a Londres pelo caminho de ferro, sahia da estação acompanhado pelo cortejo de quatro homens conduzindo dois bahus. Este viajante dirigiu-se a um hotel, deu o seu nome, tomou um quarto, levaram-lhe para o lavatorio um jarro de agua quente e duas toalhas, fizeram-lhe a cama, engraxaram-lhe as botas; elle escovou-se e sahio a passear, comprou um chapéo alto em Picadilly, foi n'uma victoria a Hyde-Park, percorreu varias ruas, olhou para um lado, olhou para outro, viu cahir uma chuva especial, a chuva lon-

drina, escura, espessa, combinada de carvão e de cêbo, chapinhando sobre uma lama triste; viu os omnibus e os cabs passando em fila, ao pequeno trote, pelo meio da multidão a pé que se cruzava, apressada, ligeira, preocupada nos seus negocios, levando as calças arregaçadas e os guarda-chuvas gottejantes. Depois do que, o dicto viajante se dirigiu outra vez á estação do caminho de ferro, seguido dos seus quatro homens e dos dois bahus, e se retirou. O sujeito de quem te falo era sua alteza o serenissimo infante senhor D. Augusto, da casa reinante de Portugal, unico irmão de sua majestade fidelissima el-rei meu senhor, que Deus guarde. Tu vistel-o chegar a Londres, vistel-o estar, vistel-o partir, e consultando te bem n'esse momento, tu que tinhas mostrado a Garibaldi o que era a estima, ficaste sabendo pelo que então se passava no interior de ti mesmo o que era a indiferença.

Se a alguma cousa no mundo se pode comparar em intensidade o enthusiasmo que a presença do principe infundiu em nós outros, essa cousa é o interesse que nós outros suscitámos no principe.

Sua alteza não visitou nem um só dos nossos edificios, dos nossos monumentos, das nossas officinas; não procurou conversar com nenhum dos nossos homens notaveis na sciencia, nas artes, na industria.

Viu a illuminação nas margens do Tejo; assistiu a um baile da côrte; jantou com sua majestade na Ajuda; almoçou na Pena com o sr. D. Fernando; esteve na esplanada da tribuna do Jockey-Club no hippodromo de Belem, fumou ahi um charuto, conversou com a senhora duqueza de Sexto, que tinha uma toilette deliciosa, com mademoiselle de Morny, com a seõorita Castro, com sua majestade a rainha, — uma russa, uma franceza, uma hispanhola, uma italiana, e duas ou tres inglezas, do corpo diplomatico ou dos *yachts* de recreio surtos no Tejo.

Para o jantar dado a bordo do seu navio, sua alteza, além das pessoas da côrte, convidou apenas um negociante, o sr. Francisco Chamiço, mas—circumstancia verdadeiramente curiosa — não o convidou a titulo de membro do corpo commercial, convidou-o sob o pretexto de director dos festejos!

Um outro viajante, Mr. Robert Hart, a quem se deve a actual interferencia dos governos europeus na policia de Pekin, comprehendeu esta lei suprema das relações internacionaes de todos os povos:— Que entre as influencias contrarias das diversas politicas e dos diversos governos, existe um unico interesse commum, base de toda a verdadeira alliança, — o interesse commercial. E foi actuando poderosamente sobre o espirito mercantil do celeste imperio, que Robert Hart aluiu a secular muralha e

pode trazer a China a communicar com as nações modernas.

N'este ponto sua alteza acha-se dois seculos atraz do Robert Hart; sua alteza tem ainda a convicção phantastica de que é pela vontade dos reis que se fixam as acções dos povos. Como se eu e tu, John, nós ambos, que somos a força popular e a iniciativa burgueza, tivesses de medir a área das nossas mutuas transacções e o quilate das nossas sympathias e dos nossos respectivos interesses, pelo numero de copos de Champagne que as testas coroadas despejam umas sobre as outras, por occasião dos seus banquetes, no momento explosivo dos *speechs*, ao *plum-pudding*!

E não obstante, verás tu que hão de querer ainda que lhes fiquemos obrigados pelas suas *mayonaises*, de que não sabemos o gôsto, e pelas suas túberas, a que não tomamos o cheiro!

Ámanhã ou depois, quando eu te der por um dos teus *plaid*s um dos meus gigos de laranjas, estes senhores não deixarão de affirmar nos seus parlamentos e nos seus periodicos que foi pelo facto providencial de suas excellencias jantarem juntos em certo dia, que tu teceste n'este anno mais duas jardas de panno nos teus teares de Lancashire e que eu metti mais um enxerto no meu pomar de ca-roço!

Sua Alteza retirou-se finalmente levando apenas de Portugal as seguintes cousas :

Duas camisas, de que lhe fez presente um industrial, e um burro, que sua alteza comprou em Cintra.

Em quanto ás camisas, nada posso dizer-te, John. Contra a natural expectativa do cidadão que o obsequiara, sua alteza recusou-se tenazmente a dar-lhe o prazer de apparecer em publico trazendo de fora a mais pequena ponta da dadiva. No baile do paço falou-se com viva curiosidade n'este delicado presente, o qual, segundo correu de bôcca em bôcca na primeira quadrilha, era trazido sobre si por sua alteza. A côrte, porém, o ministerio e a commissão dos festejos resolveram de commum accôrdo não manifestar ao principe os sentimentos da sociedade, deixando á espontaneidade de sua alteza a lembrança de modificar a sua toilette no sentido de patentear completamente a um paiz alliado e amigo o uso legitimo que sua alteza fazia dos presentes com que esse paiz o brindava.

Alguem propoz que, como suggestão, principiassem a côrte e os demais convidados a darem o exemplo do acto que se esperava da amabilidade do principe. Mas receou-se que esta manifestação influisse de um modo secundariamente proficuo em o prestigio indispensavel ás monarchias.

Pelo que diz respeito ao burro, ahí o verás, John. Não é o primeiro que d'aqui vae a Londres. Outros o têm precedido sob diversos pretextos e com mais ou menos subsidios. Este, porém, vae á sua custa, á custa dos seus merecimentos. É um bom burro, honesto, digno, independente. Vivia em Cintra de baixo de um trabalho duro, de burro mouro. Muitas vezes amanhecia e anoitecia na praça, cilhado e albardado para a lucta da concorrência vital. Tomava corajosamente o viajante á porta da Lawrence ou no pateo do Victor, levava-o no seu meio trote aos mais pittorescos sitios da serra. Não tem — elle — a superstição tão vulgar das falsas grandezas. É-lhe indifferente que lhe pese sobre o dorso um principe de sangue ou um caixeiro de mercearia. Chega mesmo a preferir o caixeiro, se elle é mais leve. Gosta de manifestar por actos a sua austera theoria da egualdade dos homens perante o couce e perante a cambalhota. Tem as tres grandes qualidades da resistencia: é teimoso, é paciente e é sobrio. Por isso, quando tem uma opinião, sustenta-a. Batem-lhe: soffre as pancadas inflexivel e calado. Cortam-lhe os viveres: passa um dia sem comer, e, mesmo com o freio na bôcca, banqueteia se n'um minuto de evasiva com um refugio de palha bolorenta ou com um velho cardo.

Profundamente senhor da sua vontade, sabendo

leval-a por deante, sem bravatas, sem fingimentos de heroismo, simplesmente, obscuramente, á força de independencia, de convicção e de tenacidade, esse burro—repara bem n'elle, John!—é o amigo íntimo e o fiel companheiro do povo peninsular, de Sancho, o pachorrento, de Bertholdinho, o astuto.

No meio da côrte ingleza, ocioso, triste, expatriado, estou bem certo de que ha de philosophar largamente.

— Que diabo me quer esta gente? pensará elle. Estes fidalgos e estas fidalgas não querem ir em burricada á Peninha nem á Varzea! Elles não têm ôdres de farinha que eu vá buscar ao moinho, nem ceirões de roupa lavada, nem cangalhas de repôlhos, nem canastras de patos que eu vá levar á cidade! Elles aqui não trabalham, não negoceiam, não ganham vida! Divertem-se e querem talvez que eu os divirta! São capazes de imaginar que me fazem entrar nas corridas de Epsom! que me levam a galopar na relva! a saltar as paliçadas que dividem os prados, montado por uma engraçada miss, pequenina e intrepida, de caracoos louros e véo azul! que me forcem a *estepar*, a fazer mesuras, a ajoelhar, a bater ás portas! Estão arrançados commigo. Que venham para cá!

E elle então olhará de soslaio, derrubará as orelhas para traz, alongará o focinho, arregaçará o bei-

ço, e firmar-se-ha bem nas duas mãos, estacadas e juntas... Na qual attitude, John, não aconselho a ninguém que lhe toque, nem sua majestade a rainha, cuja pessoa é inviolavel e sagrada, nem sua alteza o principe, nem o grande almirante da esquadra do Canal, nem o lord mayor da cidade de Londres! Esse terrivel philosopho não reconhece nenhum dos mais augustos symbolos da superioridade e da força, nem as côres do glorioso pavilhão britannico, nem a nova corôa imperial de sua majestade a rainha, nem a mui nobre ordem do banho, nem a da jarreteira. As unicas distancias de etiqueta que elle sabe medir — com temivel certeza — são as que medeiam entre as suas patas trazeiras e as bôccas dos estomagos illustres que se lhe aproximem.

Além da perna ligeira e do dente rijo, dispõe de uma outra arma: a orelha. A orelha d'elle não morde, não atira, mas tem movimentos poderosamente expressivos, sarcasticos, mephistophelicos, que constituem uma maneira especial de escarnecer e de rir. É na orelha que elle tem localisada a ironia, o profundo argumento dos povos espirituosos, a eterna licção dos reis patuscos.

Se vires ahi esse burro, dá-lhe saudades minhas, vivas saudades do tempo em que o conheci em Cintra, menos celebre, menos illustre, mas mais alegre decerto, e mais feliz.

Os vinte mil viajantes que vieram da provincia assistir aos festejos recolheram egualmente a suas casas, levando o sacco melancholico da roupa suja e a firme opinião de que nunca foi maior a prosperidade e a riqueza publica.

Que nos falta? diziam elles exactamente no dia em que se lhes haviam acabado as camisas, em que não tinham tido quarto nas estalagens, em que não puderam achar de comer nos restaurantes. — Que nos falta?!

E apesar de parecer, á primeira vista, que lhes faltava tudo, elles accrescentavam com grande jubilo patriotico:

— Não nos falta nada! As inscrições, que são o grande thermometro, estão a 56. As cousas todas são carissimas, que é o signal evidente de que o numerario abunda. E, visto que ninguem pode comprar nada — que grande fortuna para o commercio! — é porque muito bem se vende tudo. As lojas estão cheias de frescas toilettes de primavera côr de trigo e côr de malva. As ruas do Ouro e do Arsenal, o Chiado, o Rocio, o Caes do Sodré acham-se cobertos de uma bella multidão com lustrosos chapéos altos, de luvas, com as graves sobrecasacas abotoadas, de quem não tem que fazer. A universidade de Coimbra licenceou os seus futuros doutores... *in absentia*. Os operarios abandonaram as

suas officinas. Os empregados publicos desertaram das suas repartições. Os negociantes fecharam os seus escriptorios. Evidentemente ninguem trabalha. De quando em quando as carruagens dos srs. ministros perpassam seguidas dos srs. correios de secretaria, que trotam com a solitudine compativel com o canção dos corceis. Precedidas de batedores em grande gala, seguidas de cavallaria, apparecem tambem, descobertas, as carruagens do paço. A rainha sorri benevolmente, envôlta nas suas *malines*; sua majestade el-rei faz ao seu deslumbrante povo a distincta amabilidade de olhar para elle como se olha para o sol: atravez de dois vidros pretos. Nos logares fronteiros do caleche os dois penhores dynasticos, vestidos á militar, ostentam ao peito as differentes condecorações ganhas nas fortes luctas com o grande inimigo da infancia estudiosa, — o mui poderoso verbo *sum es fui*. Temos pois a monarchia, base da grande concordia; temos um ministerio, que é o pae e a mãe do regabofe; temos uma artilharia que obrigou o estrangeiro, ao vêl-a desfilar defronte do theatro de D. Maria, a assoar-se de commoção; temos a paz, temos o luxo, temos a bella madracice! Finalmente — conclue o provinciano encantado — tão prosperos estamos que, ou seja por isso, ou seja pela mudança dos comerres, a mim até já me doem as cruces!

Antes porém de cada um ter tempo de chegar a sua casa e de refrigerar o espirito aturdido e o corpo fatigado por meio do repouso domestico e da alfavaca de cobra, a crise commercial estalava como um trovão sobre as praças do Porto e de Lisboa compromettidas pelo jogo de fundos — sabes em quanto, John? — em vinte mil contos.

Esta dissipação produziu uma economia, cuja importancia se deve abater aos vinte mil contos, — a economia de alfavaca de cobra. A simples noticia do desastre financeiro, dando-nos o verdadeiro criterio por que tem de se julgar a nossa prosperidade e a nossa riqueza publica, deve ter bastado — penso eu — para refrigerar sufficientemente a provincia.

Tal é, amigo John, a resumida historia da visita de sua alteza o principe de Galles a este pequeno paiz em que a laranjeira floresce e em que o sr. Manuel da Assumpção gorgeia!

Nas descripções das festas publicadas nos jornaes de Lisboa ha um erro importante, que não terminarei sem rectificar.

Por occasião da solemne entrada de sua alteza, o real cortejo foi subitamente detido a meio caminho do paço por um acontecimento imprevisto nos programmas. Um dos cavallos das carruagens da casa real parou de repente e recusou-se a proseguir. Cochei-

ro, sota, trintanarios batedores, policias, soldados da cavallaria municipal, burguezes e suas familias que faziam alas, pessoas de uniformes de gala que vinham no prestito, a côrte, sua majestade, tudo estava indignado com o procedimento, tão insolito quão reprehensivel, d'esse cavallo. Empregaram-se todos os meios violentos, persuasivos, arditos para o resolver a caminhar, a não desmanchar a pompa, a não interromper a marcha triumphal, a deixar ir e a ajudar a levar o principe para palacio. Deram-lhe chicotadas, bengaladas, pranchadas com os sabres e com os espadins, picaram-o com as baionetas, com os ferrões dos chapéos de sol, com as ponteiras das sombrinhas. Disseram-lhe palavras, fizeram-lhe discursos. Elle era um bello e brioso animal, de fina raça, amplo peito, rijos musculos; o caminho era plano, o trem era leve; elle não tinha um pêlo suado. Havia mais tres bons cavallos á ponta da lança e a sotas: não se lhe pedia que puxasse, pedia-se-lhe apenas que se deixasse ir, por complacencia, por obsequio, por formalidade. Elle a tudo resistia, ás pancadas, aos golpes, ás admoestações, aos conselhos. E respondia relinchando, escuceando, mordendo, empinando-se, despedaçando os arnezes. Citaram-lhe a legislação vigente, a Carta e o acto addicional, o codigo, a policia correccional. Recitaram-lhe trechos patrioticos dos ultimos discursos do sr. Tho-

maz Ribeiro, para o animar. Procuraram amedrontal-o, fazel-o fugir, lendo-lhe um artigo da *Nação*; offerecendo-lhe o habito de Sant'Iago; mostrando-lhe a ultima *toilette* feita pela sr.^a Cecilia Fernandes; vendendo-lhe fundos hispanhoes. Tentaram reconciliar-o com a monarchia, cuja fava o mantinha, e com o systema constitucional, de que elle fazia parte, puxando ao carro do Estado. Inspiraram-lhe horror á mudança de governo e á forma republicana. Disseram-lhe que era sob o regimen monarchico que elle poderia ser consul, como o cavallo de Caligula. Ao passo que a republica não sabe honrar os formosos cavallos de estado, e prefere-lhes a pesada e espêssa raça *percheronne*, a que trabalha para o povo atrelada aos omnibus e aos arados, nos *tramways* e nas terras de sementeira. Mostraram-lhe como eram solidarios os sceptros e os arreios de luxo; como, cahindo a corôa aos reis, lhe cahiria a elle o pennacho que tinha na cabeça. Lembraram-lhe que era um funcionario publico, com um talher á mesa do orçamento; que não quizesse incorrer na censura de traidor de que têm sido objecto o sr. Latino Coelho e o sr. Marreca! Ponderaram-lhe que desde o momento em que as instituições lhe serrotam a palha, a obrigação d'elle, como cavalheiro, é achar as instituições optimas. Se a marcha dos negocios publicos lhe desagrade, o seu dever de ca-

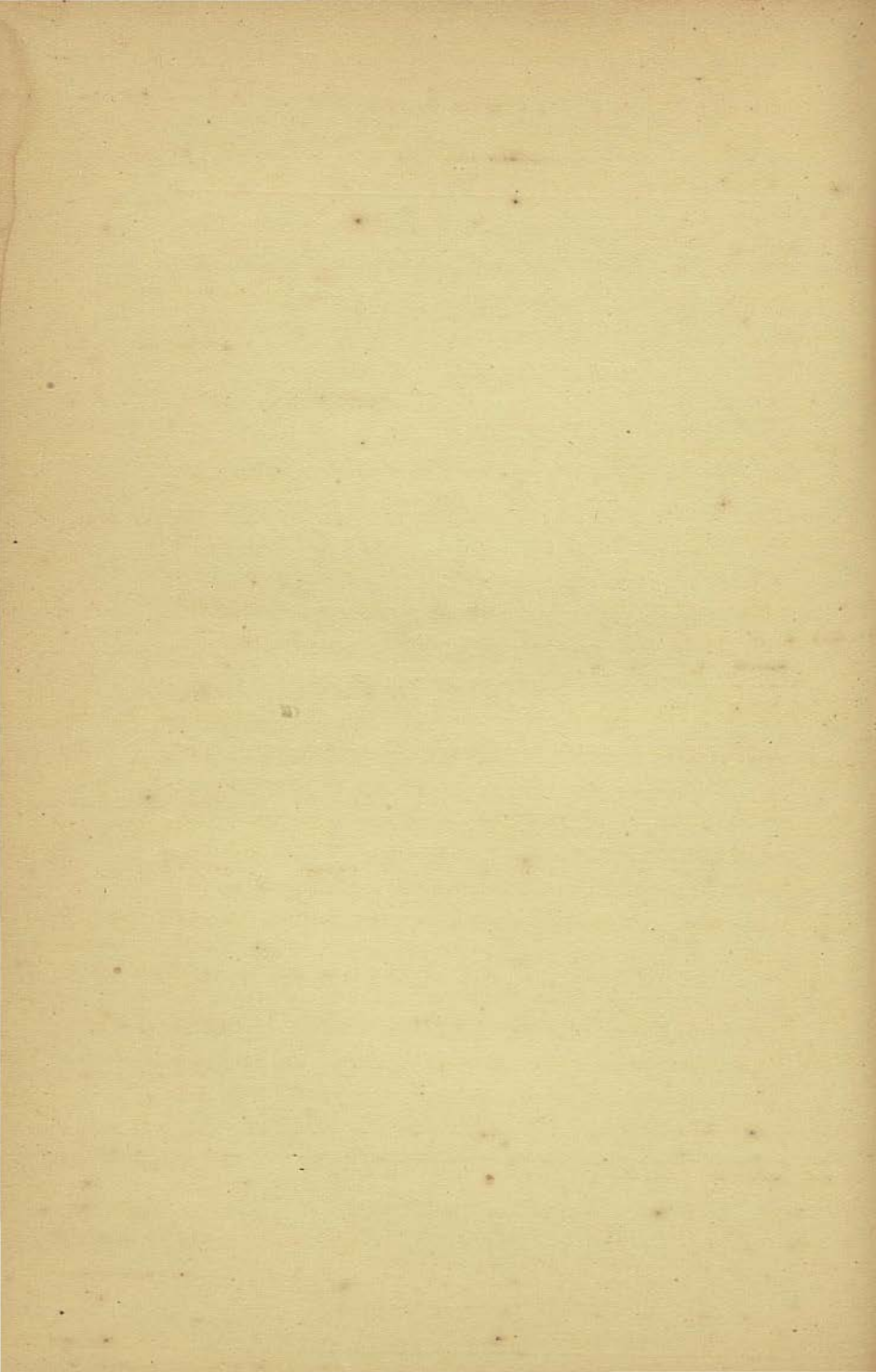
vallo de bem, como ainda ha pouco escreveu no *Jornal da Noite* o sr. Ponce Leão, é deitar-se aos pés do monarcha e restituir-lhe a palha que assimilou. Elle porém a nada se movia.

Para que o prestito pudesse afinal proseguir, foi preciso desatrellar o cavallo e continuar sem elle.

Para cohonestar este escandalo, disseram todos os jornaes no dia seguinte, que o cavallo rebelde endoidecêra. É isto o que me não parece veridico. Eu vi o cavallo desengatado, passeando tranquillamente á rédea pelo Atêrro: tinha a mais perfeita coordenação nos movimentos, e a expressão do seu olhar era inteiramente reflectida e sensata. Diga a imprensa o que quizer para nos desculpar com o principe: a verdade é que o cavallo, em pleno uso das suas faculdades, não puxou — porque não quiz.

E é o que eu queria dizer-te, John, por me parecer importante: — que entre os que levaram triumphantemente sua alteza o principe, houve um que protestou.

Good by.



A MONSENHOR

Monsenhor Pinto de Campos. Tem V. Ex.^a publicado no *Diario de Noticias*, interessantes cartas de Roma. Na epistola de hoje, 21 de julho, explica V. Ex.^a aos Corinthios do Chiado o que é a theologia. Ouçamos as solemnes palavras de V. Ex.^a:

«A theologia, meu amigo, não é a supressão da razão como, por má fé ou ignorancia, dizem alguns. A theologia não é a sciencia, nem a razão nem a fé, e porque? Porque a theologia é estas tres cousas juntas no mais sublime accôrdo.»

A convicção, em que V. Ex.^a se acha de que a theologia representa o accôrdo sublime da sciencia e da razão com a fé, obriga-me a algumas timidas e breves observações.

Parece-me, em primeiro lugar, que a opinião de V. Ex.^a é levemente heretica. Foi exactamente por querer alliar as sciencias profanas com as sciencias sagradas, por tentar pôr de accôrdo a razão e a fé, dando aos dogmas uma *compreensão philosophica*, que Abeilard foi accusado de herege por S. Bernardo, suspeito pelo mesmo santo de conspirar contra Jesus Christo, comparado a um dragão infernal, tido pelo percursor do Antichristo, e condemnado sem direito de defesa perante o concilio de Soissons, onde o mesmo Abeilard teve de abjurar os seus erros e de queimar os seus livros.

Eu estimaria que V. Ex.^a tomasse em consideração este facto, por que não lhe desejo nenhum dos variados infortunios por que passou Abeilard e muito menos o de ter de queimar um dia os seus folhetins do *Diario de Noticias*, nos quaes eu tanto me tenho instruido e edificado.

Além do que se passou com Abeilard, o Syllabus disse ainda recentemente na proposição 65: «São anathematisados todos aquelles que disserem: o pontifice romano pode e deve reconciliar-se e *pôr-se em harmonia* com o progresso, com o liberalismo e com a civilisação moderna.» O que é estar em harmonia com a civilisação e com o progresso? É pôr de accôrdo o principio da fé com os dictames da sciencia. Logo, aquelle que disser que esse accôrdo é

possivel, está por esse facto anathematisado. É o caso de V. Ex.^a

Além de blasphema perante o Syllabus, a proposição de V. Ex.^a tem um outro inconveniente: é também falsa, a meu vêr, perante a historia.

A theologia representada em Roma pelos Santos Padres, seus legitimos interpretes, não só se não encontrou nunca, em tempo algum, de accôrdo com a sciencia e com a razão do homem, mas esteve sempre em conflicto, em contradicção e em hostilidade com a razão e com a sciencia.

Quando Galileu affirmou o principio scientifico de que a terra andava á roda, como foi que a theologia se pôz de accôrdo com a sciencia de Galileu? Obrigando-o a retractar-se perante a ameaça da tortura e da fogueira.

Quando a influencia philosophica de Averrhoes determinava em Hespanha o movimento mais asombroso de todas as sciencias então conhecidas, a astronomia, a mathematica, a cosmographia, a hydrostatica, a optica, a chimica, a medicina, a litteratura, a theologia, pôz-se de accôrdo com esse movimento estabelecendo em Hespanha a Inquisição para o fim de o destruir. Torquemada queima em 18 annos 10:000 pessoas e castiga com diversas penas 100:000. O cardeal Ximenes aniquila na praça de Granada 8:000 manuscriptos arabes. Torquemada

destroe as biblias hebraicas em toda a parte onde as encontra, e queima em Salamanca 6:000 volumes de litteratura oriental.

Quando Christovão Colombo projectou a viagem á India, atravéz do Atlantico, a theologia *pôz-se de accôrdo* com esse projecto, condemnando-o como irreligioso perante o concilio de Salamanca. A theologia descobriu que a viagem de Colombo estava em contradicção manifesta com as prophcias, com os psalms, com o Pentateuco, com os textos de S. Basilio, de Santo Ambrosio, de Santo Agostinho, de S. Jeronymo, de todos os Padres emfim!

Quando Copernico, depois de ter conservado secretas com medo da Igreja durante trinta e cinco annos as suas descobertas determinadas pela viagem de Fernando de Magalhães, se resolveu finalmente a publicar o seu systema, a theologia *pôz-se de accôrdo* com elle, condemnando-o como heretico, e a congregação do Index considerou a sua obra como manifestamente contraria á Sagrada Escripura e á revelação divina.

Quando Giordano Bruno publicou a theoria scientifica da pluralidade dos mundos, a theologia *pôz-se de accôrdo* com essa theoria, queimando Bruno, como heresiarcha, na cidade de Roma em 16 de febreiro de 1600.

Quando a razão indicava que Colombo, desco-

brindo a America, dera por esse modo á humanidade um novo mundo, a theologia *concorda* com a razão dizendo, pela bôcca do papa Alexandre VI, que a America não pertence á humanidade, nem a Colombo, nem á Hespanha, mas simplesmente ao pontifice, o qual faz presente do mundo descoberto por Colombo a Fernando e a Izabel.

Quando a razão suppõe que são os povos que fazem as nações, o que lhes dá o direito de se governarem n'ellas como entenderem melhor, a theologia *concorda* ainda n'este ponto com a razão, declarando pela bôcca de Paulo IV «que o pontifice romano occupa na terra o *logar* de Deus e que tem sobre as nações e os estados pleno poder;» declarando mais por bôcca de Bonifacio VII «que o papa recebeu de Deus as nações como herança.»

Finalmente nos tempos modernos, depois da revolução franceza, e mais particularmente sob o pontificado de Pio IX, a especie de accôrdo estabelecido entre a theologia e a sciencia torna-se mais completa do que nunca.

Impotente para reabrir os carcereiros da Inquisição e para reaccender os queimadeiros em Hespanha, em Portugal, em França, em Flandres, a theologia emprenhe a obra de uma Contra-Revolução pela propaganda clerical, pelo confessionario e pela escola. A discussão das leis Ferry, em França, mos-

trou claramente de que genero era a doutrina ensinada á infancia pelas congregações religiosas. O relatorio de Spuller, os discursos de Ferry e os discursos de Paulo Bert mostraram do modo mais evidente, com os documentos ao lado, que a obra intellectual dos representantes da theologia tem deante da sciencia moderna o intuito constante de a falsear ou de a destruir.

Se é a isso tudo que V. Ex.^a chama *o mais sublime accôrdo da razão com a fé*, V. Ex.^a é perfeitamente justo no que diz. Sómente quando V. Ex.^a diz *accôrdo sublime*, é preciso que se entenda *incompatibilidade manifesta e absoluta*.

Na carta a que me estou referindo, datada de Roma em 27 de junho, dá-nos V. Ex.^a uma descrição preciosa da estatua de Santa Cecilia, conservada na egreja da sua invocação.

«Uma bellissima estatua de marmore branco, obra do cinzel de Estevam Maderno, representa a santa deitada de lado, posição em que se achava seu corpo, quando, no seculo xvi, se lhe abriu o sepulchro. Tres dedos da mão direita estão distinctamente separados e abertos, e tambem o pollegar da mão esquerda. A razão d'isto era porque a santa, já não podendo nas angustias de tão cruel morte, sustentar com palavras o mysterio da Santissima Trindade,

limitava-se a abrir e mover os tres dedos da mão direita e o pollegar da esquerda, querendo significar com esses signaes a trindade das pessoas na unidade da essencia. Não sei se me faço bem comprehender.»

Na minha qualidade de leitor dos folhetins de V. Ex.^a julgo dever declarar que, para a minha escassa intelligencia, V. Ex.^a se não faz comprehender completamente bem. Se não sou victima de uma terrivel illusão dos meus sentidos desvairados, o numero dos dedos *separados e abertos* que eu conto na estatua da Santa Cecilia, descripta por V. Ex.^a, são quatro, salvo erro. Ora quer-me parecer que, para designar a trindade das divinas pessoas, ha n'esta conta um dedo separado e aberto a maior.

Espero que V. Ex.^a será assaz bom para ter a complacencia de me elucidar sobre este ponto, arrancando a minha alma do abysmo a que a lançou. Peço a V. Ex.^a dois dedos de exposição ácêrca do proposito que têm os quatro de que se trata de não representarem senão tres.

N'esta epistola de Monsenhor ha ainda um periodo, que me suggeriu longas e profundas cogitações.

«Basta — escreve V. Ex.^a Será esta a ultima que

lhe escrevo d'aqui, dê onde partirei até o dia 5 de julho. O meu regresso será demorado, pelas estações que devo ir fazendo em logares que desejo visitar. Pretendo tomar uns 15 banhos do mar em *Viareggio*, praia que foi decantada por Byron!!»

Estas linhas escreve-as V. Ex.^a ao sahir da veneravel crypta, onde repousa o corpo de Santa Cecilia, a virgem martyr, do qual corpo V. Ex.^a diz: «Jaz em um relicario de cypreste encerrado em outro de prata, no valor de 4:292 escudos de ouro, offerta de Urbano III, *milagrosamente curado* por intercessão da santa.»

Tendo á mão as reliquias de Santa Cecilia, que curam milagrosamente, segundo o papa Urbano III, V. Ex.^a prefere inexplicavelmente para o tratamento dos seus achaques a praia de *Viareggio*, celebrada por quem? por outro papa? Não, por lord Byron.

Como é possível ser padre, ser monsenhor, acabar de mostrar o seu conhecimento das linguas, beijando o pé ao pontifice, estar em Roma, estar na crypta de Santa Cecilia e ir tratar da saude para uma praia de banhos?

Um confrade de monsenhor Pinto de Campos, monsenhor Gaume, protonotario apostolico, publicando em 1866 a 3.^a edição do seu livro intitulado

A *agua benta* no *seculo* XIX, diz: «Em cada anno aquillo que se chama a boa sociedade e que eu tenho o mau gôsto de não achar tal, abandona as cidades e os seus prazeres logo que a estação chega, e vae passar nas terras d'aguas uma parte do verão. *Aguas do mar*, aguas de Vichy, de Barrèges, de Néris, de Bourbonne, de Plombières, de Ems, de Baden; aguas purgativas, sulfureas, ferruginosas, conhecem-as todas, estimam-as todas. A todas concorrem e recorrem; sómente a mais salutar de todas as aguas, a *agua benta*, não é conhecida, nem procurada, nem empregada.»

Nada mais tumultuario para o triumpho glorioso das idéas religiosas do que vêr os erros attribuidos por monsenhor Gaume á boa sociedade desvairada, seguidos dentro da mesma Roma, na mesma crypta de Santa Cecilia, por um dos primeiros pennachos da sagrada milicia, por monsenhor Pinto de Campos.

Hesitará por ventura V. Ex.^a em acreditar nas virtudes illimitadas da *agua benta*? Ignorará V. Ex.^a que ella é o remedio dos remedios? Comparando a *agua benta* não só com a do mar, com a *agua das Caldas*, com a *agua gazosa*, com a *agua alcalina*, mas até com a *agua de Colonia*, com a *agua de Botot*, com a *agua de Melisse*, monsenhor Gaume diz no seu livro: «Se a antiguidade é um titulo de no-

breza, nenhuma agua é mais antiga do que a agua benta: ella data do começo do mundo. O primeiro que fez a agua benta foi o Espirito Santo. Que fazia esse divino Espirito quando pairava sobre as aguas primitivas? Benzia-as.»

Ignorará por acaso monsenhor Pinto de Campos que, quando no principio o *Espirito Santo* pairou sobre as aguas, foi para benzer essas aguas? Ignorará ainda S. Ex.^a quaes são os males que a agua benta cura? Monsenhor Gaume especifica-os na sua obra. A agua benta exerce os seus preciosos effeitos: 1.^o — Sobre os peccados veniaes; 2.^o — Sobre as penas temporaes devidas ao peccado; 3.^o — *Sobre toda a especie de doença*; 4.^o — Enxota o demonio; 5.^o — Afasta as epidemias e os flagellos de qualquer natureza que sejam.

V. Ex.^a acredita na agua benta, Monsenhor? Sim ou não? Se não acredita peço-lhe que m'o diga. Se acredita, para que vae V. Ex.^a tomar banhos á praia de Viareggio, que nenhum papa aconselha e que de mais a mais o impio lord Byron celebra?

Se lhe repugnava por qualquer motivo a agua benta vulgar, porque não procurou V. Ex.^a a agua benta aperfeiçoada pelos jesuitas, a agua benta chamada de Santo Ignacio? Esta agua manipula-se em Roma, mettendo dentro do liquido uma reliquia de Santo Ignacio recolhida para esse fim em um tubo

de vidro. Assim aperfeiçoada, a agua benta é soberana, segundo se lê nas Bollandistas, para curar a peste, para curar as chagas incuraveis, e bem assim para curar a cegueira, a surdez, a paralyisia, o rheumatismo, a gôtta, a lepra, a caspa, a heresia, os callos, etc.

Se V. Ex.^a, por motivos que não pretendo devasar, entendeu pôr de parte a agua benta aperfeiçoada assim como a agua benta vulgar, porque não aproveitou a agua de Lourdes preconisada nos *Annaes de Nossa Senhora de Lourdes* publicados pelos reverendos padres missionarios da Immaculada Conceição, com a approvação de S. Ex.^a o bispo de Tarbes? Porque não adheriu á agua de *La Salette*, igualmente encarecida nos *Annaes de Nossa Senhora de La Salette*, publicados pelos missionarios de Nossa Senhora de La Salette, com a approvação de S. Ex.^a o arcebispo de Grenoble?

Tanto a agua de La Salette como a agua de Lourdes (*traitement facile à suivre même en voyage*) curam todas as enfermidades, como é attestado por innumerous ecclesiasticos, podem ser empregadas internamente ou externamente, em bebida, em banho parcial ou em banho completo, em compressas, etc.

Se monsenhor Pinto de Campos, o esforçado paladino da theologia, da Curia Romana, e do clericalismo, não acredita na agua de Nossa Senhora de

Lourdes, nem na agua de Nossa Senhora de la Salette, nem na agua benta simples, nem na agua benta composta com a immersão da reliquia de Santo Ignacio; e se em vez das milagrosas aguas da pannação sagrada V. Ex.^a prefere ir simplesmente, como a *boa sociedade* e como os impios, tomar *uns 15 banhos de mar para Viareggio*, quem é que ha de tomar as aguas santas, não farão favor de me dizer?...

V. Ex.^a é como o sr. Luiz Veillot, redactor do *Univers*, onde elle proclama com uma eloquencia arrebataadora os milagres da agua de Lourdes. Quando chega a estação das aguas, o sr. Veillot deixa os seus leitores entregues a Nossa Senhora e vac elle para Plombières tratar de si com as aguas que lhe receitam os medicos.

Se os srs. devotos continuam a dar-nos estes perniciosos exemplos, elles arriscam-se a que nós os comparemos áquelles vendedores de *coco* em Paris, aos quaes se refere Alphonse Karr.

Os limonadeiros ambulantes de Paris passam uma tarde inteira a apregoar o côco como a primeira, como a mais saudavel, como a mais deliciosa das bebidas. Depois, quando á força de preconisarem a supremacia da sua tisana se lhes secca a bôcca, elles pegam no dinheiro que os outros lhes deram pelo côco e vão ao armazem da esquina empregar es-

se dinheiro em vinho. Tão sómente os mercadores de côco, quando vão ao armazem da esquina, não o publicam no *Diario de Noticias*.

Perdôe-me V. Ex.^a por quem é, Monsenhor, estas humildes reflexões, e digne-se de esclarecer-me se entender que estou em peccado ou em erro.



AO SR. MINISTRO DO REINO

Agosto 1875.

Ex.^{mo} sr. ministro do reino:

O estado em que se acha em Portugal a instrucção secundaria leva-me a dirigir a V. Ex.^a o seguinte aviso:

Se a instrucção secundaria não fôr immediatamente reformada, este ramo do ensino publico acabará dentro de poucos annos.

A frequencia dos lyceus nacionaes, como V. Ex.^a verá das respectivas estatisticas, diminue de anno para anno. Pouco tempo mais, e os alumnos terão desaparecido inteiramente. Ainda uma derradeira experiencia, e ninguem mais quererá em Portugal entregar ao Estado o ensino de uma creança.

Esta abstenção é a mais vergonhosa das revolu-

ções que podem atacar uma instituição. É a opposição pelo desdem, é a revolta pelo desprezo.

E no entanto todos desejam instruir seus filhos; o numero de alumnos propostos a exame augmenta extraordinariamente; os collegios são maus; os cidadãos são pobres: o Estado faculta a instrucção gratuita n'um collegio que deveria considerar-se modelo; pois bem: ninguem quer essa instrucção!

No lyceu de Lisboa apresentaram-se a exame 1:762 alumnos. D'estes cursaram as aulas do lyceu apenas 66!

Quaes as razões d'este desprezo pelo ensino official? As seguintes:

- 1.^o Porque não ha um edificio para as escholas.
- 2.^o Porque as casas em que ellas existem provisoriamente são immundas, de um aspecto vicioso, relaxado, desmoralizador. Não têm jardim nem agua, nem flôres. As classes são perturbadas pelos ruidos da rua. Os corredores não têm luz nem ar. As paredes, ennegrecidas, estão cobertas de disticos e de desenhos obscenos. A ordem é mantida por dois guardas que servem simultaneamente de continuos e de creados. Alguns soldados da guarda municipal reforçam a policia. Os alumnos, abandonados a si mesmos, fumam cigarros nos corredores ou nas latrinas, de cujo aspecto sinto não poder dizer a V. Ex.^a senão que parecem viradas com o de den-

tro para fora. A direcção superior do estabelecimento, intelligente e zelosa, não tem meios de remediar este estado.

3.º Porque o regulamento dos cursos torna extremamente arrastado e moroso o ensino.

4.º Porque os compendios adoptados são geralmente absurdos e offensivos da intelligencia e do senso commum.

5.º Porque não ha salas de estudo, sendo os alumnos inteiramente abandonados pelos professores depois da hora da aula.

6.º Porque ha cêrca de quatro mezes de férias, os quaes juntos a trinta e seis quintas feiras e a varios outros dias feriados, reduzem o anno lectivo a seis mezes de trabalho.

Para transformar este lastimoso estado do ensino secundario na primeira cidade do reino é urgentissimo:

1.º Que V. Ex.^a mande levantar um vasto edificio com todas as condições de ventilação, de luz, de aceio e de elegancia, indispensaveis n'um estabelecimento de educação publica.

2.º Que os programmas sejam de novo discutidos e reformados.

3.º Que sobre as bases do novo programma se abra concurso, para os compendios que houverem de ser adoptados, perante um jury de professores de instrucção superior.

4.º Que se estabeleçam as salas de estudo, nas quaes o alumno deverá applicar-se durante tres horas pelo menos em cada dia sob a direcção do professor respectivo.

5.º Que a hora de entrada no lyceu seja ás oito horas da manhã e a sahida depois das quatro da tarde, não sendo permittido a nenhum alumno sahir do edificio antes do praso indicado, e sendo o seu tempo distribuido de modo que elle tenha em cada dia: tres horas de licção; tres horas de estudo; quinze minutos para almoçar ao meio dia; duas horas de gymnastica e de solfejo em tres dias na semana, e nos outros tres dias duas horas de trabalho mechnico, para o que deverão existir nas officinas do lyceu o tórno e a serra mechanica, o prelo e a caixa typographica, osapparelhos de telegraphia, a machina photographica, etc.

6.º Que todos os professores sejam obrigados a permanecer no lyceu durante cinco horas, pelo menos, em cada dia.

7.º Que a policia e a ordem sejam mantidas de forma que o alumno esteja constantemente occupado e constantemente vigiado.

8.º Que se admitta o semi-internato para os alumnos que o requererem.

Esta questão, para a qual tenho a honra de cha-

mar a attenção de V. Ex.^a, é de uma importancia vital e sobreleva a todas aquellas de que se possa occupar o governo de que V. Ex.^a faz parte.

O ensino secundario, ou mais propriamente o *ensino médio*, isto é, o que deve ser collocado entre a instrucção primaria e a instrucção secundaria classica, e tem por fim preparar o homem para todas as profissões que estão fora das carreiras scientificas e das carreiras publicas, é aquella parte da instrucção que determina o nivel geral da intelligencia e da capacidade de um povo.

É a necessidade d'este ensino que correspondem as escholas fundadas na Allemanha com os nomes de *escholas communaes médias*, *escholas municipaes*, *escholas de grau superior para creanças*. O ministro da instrucção publica na Allemanha publicou não ha muito uma circular mostrando que são estes estabelecimentos de instrucção os que mais correspondem ás necessidades do tempo actual e que é preciso desenvolver o mais possivel nas communas.

Cada uma das novas escholas médias da Allemanha tem cinco classes ascendentes com cincoenta alumnos em cada classe, existindo em cada eschola uma bibliotheca especial com os livros mais modernos de sciencia para uso dos professores.

Na Hollanda o sr. Korbecke, ministro do reino neerlandez, indica, no relatorio dos motivos que tem

a lei para estabelecer o ensino profissional médio, o caracter dominante que deve ter o ensino, nas palavras seguintes :

«O caracter principal do *ensino médio* regulado pelo Estado deve ser uma preparação geral quer para uma posição social, quer para o serviço publico. Não está no pensamento do Estado educar alumnos para um ramo de instrucção qualquer, nem transformar as escholas em officinas; o que o governo propõe não é ensinar a pratica nas suas minudencias, mas desenvolver o espirito e os órgãos de modo que elles se tornem aptos para a vida pratica.»

Foi este mesmo pensamento que serviu de base aos programmas adoptados na Inglaterra, na Alemanha e nos Estados Unidos.

Na Russia o relatorio do ministerio da instrucção publica em 1873 annunciava que o facto capital da instrucção publica n'esse anno era a sancção dada pelo imperador ao regulamento das novas escholas. «Em quanto, diz o relatorio, os estudos theoricos e classicos ficam sendo o apanagio dos Gymnasios, ás escholas profissionaes tocará o encargo de dirigir o ensino geral para um fim pratico, preparando a mocidade para uma fecunda actividade nos differentes ramos do commercio e da industria. Portanto o es-

tudo das diversas sciencias, particularmente da physica, da chimica, da mechanica e do desenho é especialmente dirigido para a applicação e apropriado ao destino e ás capacidades dos estudantes; nas altas classes estes poderão escolher o ramo dos estudos que se adapte melhor ás suas futuras occupações. *Graças a esta reforma, accrescenta o relatório, esperamos vêr diminuir o numero das educações incompletas, flagello das familias e da sociedade.»*

Immediatamente depois do novo regulamento dos estudos na Russia, quarenta assembléas provinciaes pediram a introducção das escholas profissionaes nas suas localidades, destinando sommas mais ou menos importantes ao estabelecimento dos novos estudos.

Na Italia, Cavour, referindo-se a esta especie de ensino, dizia: O excesso da educação classica é a causa do desequilibrio moral que produz lamentaveis consequencias. Em vez de elevar a massa dos homens para fazer d'elles habeis productores, aptos para percorrerem as numerosas carreiras que a agricultura, o commercio, a industria offerecem ás classes médias e ás classes superiores, não se tem trabalhado até hoje senão em fazer homens de letras e homens de toga, doutores e rhetoricos. Não hesito em dizer que em minha opinião este desacôrdo entre as necessidades da sociedade e o systema da educação que herdamos de nossos paes, é

uma das causas primarias do desaccôrdo moral que afflige muitas das nações que caminham á frente da civilisação.

Em França são extremamente numerosos e importantissimos os trabalhos publicados com o fim de reformar a instrucção secundaria no sentido alludido. Entre esses estudos sobresaem os dos ministros da instrucção publica Duruy e Jules Simon e os dos srs. Guizot, Saint-Marc Girardin, Victor de Tracy, etc.

Depois da guerra da Prussia o ensino médio foi consideravelmente melhorado em França. Em Paris o collegio Turgot e o lyceu Chaptal têm adaptado quanto possivel o programma dos estudos ás necessidades da vida moderna. Só no lyceu Chaptal, onde é obrigatoria a aprendizagem de um officio, ha onze mestres de inglez e oito de allemão: todos os professores são obrigados a superintenderem na vigilancia dos alumnos, e muitos d'elles são permanentes no edificio.

Dispenso-me, ex.^{mo} sr., de qualquer paralelo. Direi apenas que a educação que tem por fim preparar o homem para a vida pratica, isto é, a instrucção média, em Portugal, é nulla.

Nos lyceus e nos collegios, organisados naturalmente á imagem e semelhança dos lyceus, o estudante não adquire uma idéa.

A base de toda a instrucção secundaria é a grammatica. A grammatica, ex.^{mo} sr.! tudo o que ha de mais abstracto! tudo o que ha de mais inutil na vida pratica!

A geographia, qual se ensina, é um simples exercicio da memoria.

A historia é uma collecção de aneddotas.

As linguas vivas são uma pura applicação grammatical. De cem alumnos não ha dois que falem o francez ou o inglez.

O terceiro anno de portuguez é um curso de rhetorica, de pedantismo e de banalidade.

A philosophia é uma burla, uma logração palavrosa encobrando um roubo feito pelo ensino á intelligencia do estudante.

Tive ha poucos dias occasião de conversar largamente com um intelligente alumno de 15 annos, que fez exames muito brilhantes e tem quasi concluido o seu curso de preparatorios para a faculdade de direito. Eis, em resumo, o inventario dos conhecimentos d'este alumno, que podemos considerar o estudante completo, o alumno typo:

Extremamente forte em syntaxe. Conhece todas as figuras de grammatica e de rethorica. Distingue todos os metros e todos os generos de eloquencia e de poesia. Não tem a minima idéa da civilisação romana, mas traduz soffrivelmente Tito Livio. Sabe

optimamente os nomes de quasi todos os rios, mares, ilhas e cabos. Acha com facilidade o aureo numero e as epactas. Sabe quem foi Semiramis, Nero, Cleopatra, Mafoma, Saul e outras personagens. Dá rapidamente as definições de enthymêma, syllogismo, dilêmma e outros raciocinios. Tambem diz com promptidão o que é o *absoluto* e tem opiniões ácêrca do *livre arbitrio* e da *immortalidade da alma*. Traduz Noël et Laplace e a selecta ingleza do sr. Ferraz.

Perguntei a este joven sabio se sabia o que era o pão que tinha comido pela manhã ao almoço? não sabia. Porque subia o azeite na torcida dos candieiros? tambem não sabia. O que era o figado? O cerebro? O que era o vento? O vapor? O pára-raios? As correntes atmosphericas? As marés? Os planetas? As correlações dos valles e dos rios? A evolução dos vegetaes? Nada d'isto sabia. Elle conhecia a historia de Nero, de Caligula, de Alexandre, de Attila, de Heliogabalo, de todos os guerreiros, de todos os conquistadores, de todos os tyrannos, de todos os monstros. Indaguei se conhecia egualmente a historia dos grandes bemfeitores da humanidade, se saberia os nomes d'aquelles que descobriram a vaccina, a circulação do sangue, o galvanismo, a imprensa, o telegrapho electrico, a navegação a vapor; se tinha alguma idéa da obra dos grandes ar-

tistas, de Velasquez, de Beethoven, de Miguel Angelo, de Mozart, de Bernardo Palissy. Nunca ouvira falar n'estes nomes. Ignorava egualmente os dos escriptores que mais se dedicaram pelo bem, pela verdade e pela justiça, dos que mais contribuíram para a liberdade do espirito, para a felicidade do homem, Santo Agostinho, Luther, S. Thomaz, Fénelon, Morus, Frœbel, Proudhon, Michelet.

Finalmente, ex.^{mo} sr., ao cabo de sete ou oito annos de estudos, aquelle rapaz que passara a sua infancia sobre os livros, que lhes sacrificara o seu desenvolvimento physico, que estava pequeno, magro, lymphatico, anemico, — ao cabo de tantos sacrificios, approvado em todos os seus exames, — tinha a sua cabeça inteiramente vazia.

Toda a educação consta d'estes dois elementos distinctos: instrumentos e idéas. A educação portugueza ministra, ainda que imperfeitos, alguns instrumentos, mas de nenhum modo suscita no homem a actividade mental.

Apprende-se tudo, menos a discorrer, a descobrir, a pensar, a sentir, a sentir conscientemente, analysando, criticando, dominando a sensação. Tem-se uma educação por via da qual se pode chegar a ser um bacharel, um deputado, um escriptor, um empregado publico, talvez mesmo um sabio, mas nunca um homem.

É urgente para a regeneração intellectual e moral da raça nacional profundamente abatida, apathica, enfraquecida, indifferente, que dos nossos lyceus desapareça o dogmatismo, o classicismo, a rhetorica, a metaphysica, a oratoria, a theoria grammatical. E que estes conhecimentos, abstractos e inuteis, sejam substituidos pelas noções da cosmographia, da anatomia, da mechanica, da hygiene, da economia politica e da economia domestica. Que as linguas vivas se apprendam no intuito principal de as entender e de as falar. Que as licções se tornem, quanto seja possivel, experimentaes e praticas. Que sejam obrigatorias as visitas de estudo ás grandes manufacturas, aos arsenaes, ás alfandegas, ás galerias e ás repartições do Estado nas grandes cidades, e nas provincias aos estabelecimentos fabris, ás quintas regionaes, ás grandes e ás pequenas lavouras.

Os dinheiros do Estado não chegam para o grande augmento de despesa que este serviço demanda. É verdade isso, mas ha quanto tempo não chega o dinheiro do Estado para os gastos que elle emprehende?! Não se está cobrindo o paiz todo de caminhos de ferro? Não será chegado ainda o momento de olharmos um pouco para esta segunda viação: — a viação do espirito?

O Estado em Portugal tira-nos da ignorancia abcedaria para nos lançar em seguida n'uma ignoran-

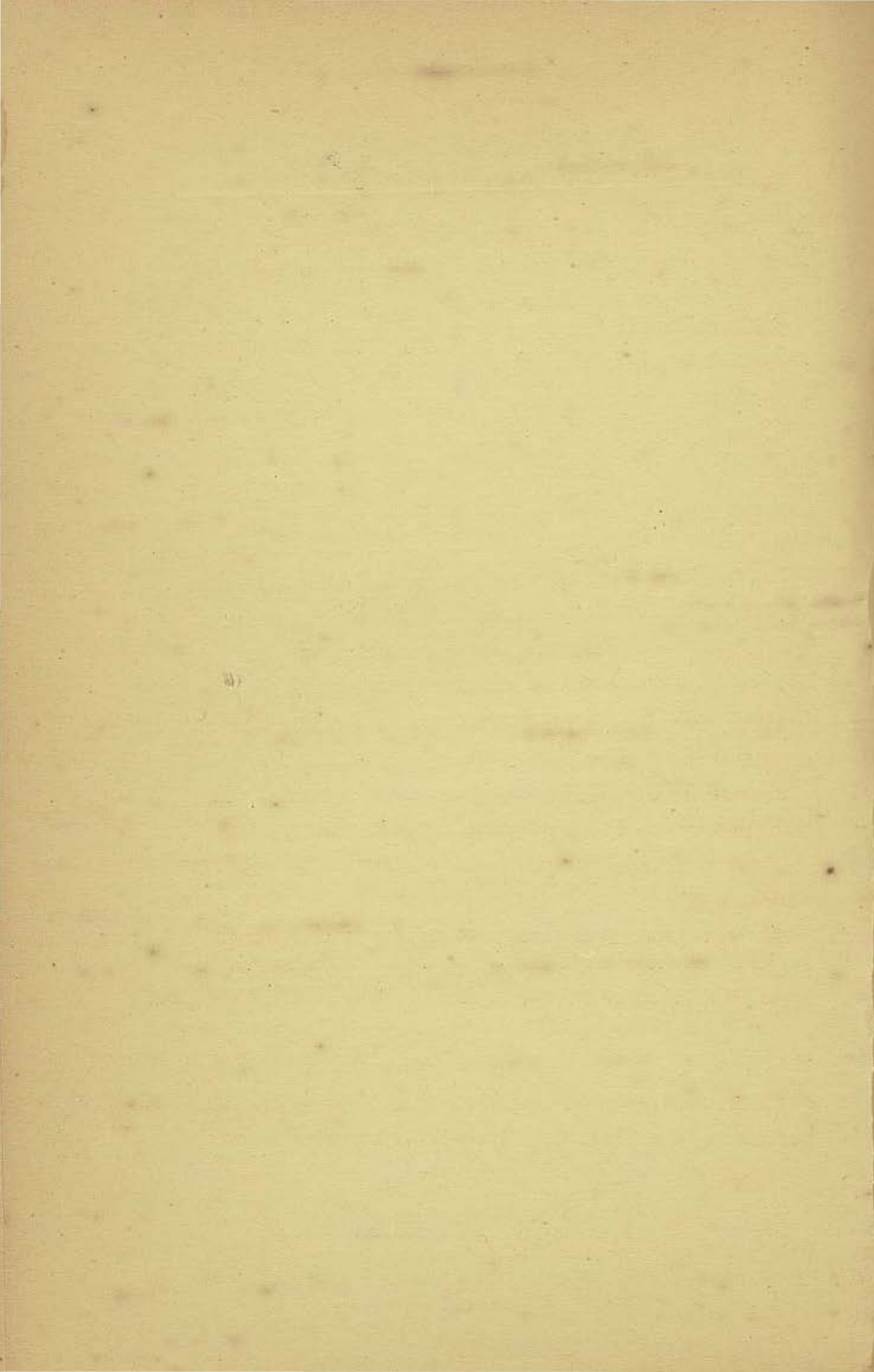
cia ainda mais perniciososa que a ignorancia dos analphabetos: a ignorancia resultante da falsa instrucção e da falsa sciencia.

Se não ha dinheiro para nos educar inteiramente, poupe-se então o dinheiro dispendido em fingir que nos educam, e acabem para sempre os lyceus!

Quando não, colloque-se a instrucção na estrada que ella deve percorrer, contraia-se para isso um grande emprestimo, e lance-se para o amortisar um novo tributo! Nenhum cidadão deixará de concorrer voluntariamente para que seus filhos deixem de ser no futuro o que nós actualmente somos: — uma geração de inuteis, incapazes de trabalho, de perseverança, de ordem, de economia, inhabeis para tudo quanto não sejam as carreiras publicas ou as carreiras litterarias, fora das quaes uma numerosa mocidade desempregada estaciona, devorada pelos vicios do ocio e pelas explorações da usura.

De V. Ex.^a

Antigo amigo dedicado.



6.^a

RESPOSTA A UM BILHETE

Abril 1882.

Recebemos pela posta, escripto n'um papel, o seguinte titulo:

Conde d'Almedina.

E por baixo estas palavras:

Pede-se o especial obsequio de dizer, se sabe, o que vem a ser.

Ha tres dias que esse problema nos atormenta, e eis ahi vão, expostas por sua ordem, as conjecturas que fizemos.

*

Começou por nos occorrer que não poderia deixar de ser uma peça de Eugenio Scribe.

Comedia em tres actos e em prosa. A scena passa-se em Auteuil.

Vista de jardim.

Bonnivet, tabellião, de sobrecasaca côr de café, calças de ganga e chapéo de palha d'Italia, conversa com a filha, joven de vinte e tres annos, de vestido de musselina branca e pequeno avental de setim preto com topes côr de rosa.

BONNIVET — Que tendes, Adriana? Vossas frescas e saudaveis côres esmaecem em vosso rosto, vossa alegria juvenil vos abandona, vossa harpa jaz ha oito dias no salão repudiada de vossos dedos, vosso olhar se perturba quando vos questiono...

SCENA X

OS MESMOS E UM CREADO

CREADO (*annunciando*) — Sua excellencia o conde de Almedina!

LUIZA (*muito perturbada*) — Meu pae... (*Á parte, vendo entrar o conde*) Meu Deus... é Oscar!

BONNIVET (*contemplando alternativamente o conde*

e *Luíza*. Concentrado e á parte) Agora compreendendo tudo... Amam-se!

*

Tambem podia ser — supuzemol-o — uma opera comica.

Muro de quinta com grade de ferro pintada de verde á esquerda do espectador. Arvoredo lateral á direita. Ao fundo as montanhas do Tyrol.

Côro de camponezes de um e outro sexo.

Ouvem-se estalos de chicote e campainhas.

Camponezes, dirigindo-se ao fundo e agrupando-se nos outeiros, acenam com os chapéos.

Uma caleça apparece, entrando pela direita.

CÔRO DE CAMPONEZES — Viva nosso amo! Viva o nobre conde de Almedina! Viva! viva!

CONDE (*sahindo da caleça e fazendo um gesto de silencio ao côro*) — Meus filhos!...

Preludio na orchestra. Segue uma romanza de tenor pelo conde de Almedina.

*

Não sendo nenhuma d'essas duas cousas, deveria ser um drama.

Interior de uma pequena estalagem na Bretanha.

Mesa tôasca, com picheis de barro vermelho e co-

pos de lata, cercada de bancos rusticos. Porta ao fundo.

O velho Bertrand e Victoria, sua mulher, levantam a mesa á luz de uma lanterna, vestem ambos trajés campesinos.

É noite.

Ouvem-se duas argoladas á porta do fundo.

BERTRAND — Quem teremos a taes deshoras?

VICTORIA — Viajores porventura que pedem gasalhado.

BERTRAND (*abrindo*) — Guarde-vos Deus, e entrae, que fatigados heis de vir de jornadas pelos despenhadeiros da nossa Bretanha!

(Dois lacaios entram trazendo duas malas que collocam no segundo plano á esquerda. Segue-os um vulto, embuçado n'uma longa capa, com chapéo tricornio e esporas de cavalleiro, batendo nas botas com o cabo do chicote como que para sacudir a neve.)

EMBUÇADO (*a Bertrand*) — Acha-se pernoitando aqui um gentilhomm, capitão das guardas, que devia ter chegado pela tarde, acompanhado de tres mosqueteiros?

BERTRAND (*balbuciando*) — Sim... meu... senhor!...

EMBUÇADO — Ide dizer-lhe que o conde de Almeida o aguarda n'esta sala. (*Bertrand sae trocando signaes com Victoria. Aos lacaios*) Olá! recolhei os meus cavallos e velae porque nada falte a esse timorato pastor que nos conduziu atravez dos precipicios. (*Atira-lhes com uma bolsa cheia de ouro. Os lacaios saem. O conde, ficando só, desembuça-se, arrojando a capa. Pende-lhe do pescoço a cruz de S. Luiz. Olhando em derredor, e collocando um par de pistolas sobre a mesa*) Agora nós, marquez de Seneerre! (*Cruzando os braços no peito e olhando com intrepidez para a porta por onde sahiu Bertrand*) Viva Deus, que sabereis hoje quem é um Almedina!

*

Se tambem não é isto, poderá talvez ser então uma simples aria. Palavras tiradas da *Lucrecia Borgia*, de Victor Hugo, musica de Donizetti:

Almedina, signora, son io...
Lá-la-ri! lá-la ri! lá-la-ro!

*

Se porém não é aria nem comedia nem drama nem opera comica, têm de ser por força, em tal caso, um romance de cavallaria:

CAPITULO IV

De como o cavalleiro Reynaldos sahindo a jardins de palacio para falar com Magalona, filha do rei de Mantua, ahi se encontrou com o conde de Almedina, vestido de armas brancas, e do que entre elles houve.

Estava a formosa princeza D. Magalona, de cujas prendas já atraz dissemos, discreteando entre galho-feira e majestosa, com o cavalleiro Reynaldos, que lampeiro sahira de palacio, accendido em fragoa, e attrahido pela formosura da donzella, a quem fez grande veneração, pondo-se em gíolhos deante d'ella, e dizendo-lhe com grandes espiritos de alegria que só para a vêr e honrar se partira da côrte de Napoles para a de Mantua, correndo justas e quebrando lanças, o que tudo explicou em termos mui louçãos e cultos proprios da sua prosapia, que era da mais nobre e subida.

E com tão acertadas razões vingou expressar-se, que quanto mais o cavalleiro proseguia no discurso, tanto mais subia no peito da princeza a chamma do amôr todo em Reynaldos radicado, estando

a donzella suspensa de ouvir as vastas cavallarias e as bem medidas e conceituosas falas de cavalleiro tão prodigioso.

De tal arte e maneira se reciprocaram as quenturas d'aquelles dois ternos e amantissimos corações que já Magalona nenhuma outra cousa via no universo senão Reynaldos, já nenhuma outra cousa Reynaldos no universo via senão Magalona!

Emmudecidos e suspirosos estiveram por algum tempo a princeza e o cavalleiro, não podendo mais articular palavra, ella de enleada, elle de rendido, até que feitas as cortezias de parte a parte, ambos se dispunham a retirar-se, Magalona para palácio, onde o rei a essa hora estava dormindo a sesta, e Reynaldos para sua pousada.

Porém, mal cortezias eram feitas, quando sae horrido e minaz d'entre a espessura das murtas o conde de Almedina, que de Saboya viera a requestar a mão da princeza pelo muito que lhe haviam dicto de suas prendas.

Com os olhos esbrazeados em sangue e escumando pela bôcca, cousa horrivel de dizer, o conde arrancou da espada; o mesmo fez o cavalleiro; e depois de alguns talhos e revezes, que puzeram na dama um grande susto, como o conde houvesse mistér de regressar á murta para satisfazer uma necessidade corporea, Reynaldos o trespassou pelos bofes

com uma estocada d'aquellas que na destreza da espada preta chamam instantaneas.

Em seguida se separaram com grande compostura e decoro os dois fieis amantes, muito satisfeitos e alegres, promettendo a princeza Magalona tomar por esposo o cavalleiro Reynaldos, visto como perecera na murta o feroz conde de Almedina.

*

Ou por ultimo — e é esta a derradeira de todas as hypotheses que temos por admissiveis — é possivel ainda que se trate de uma legenda mourisca.

Na veiga de Granada achava-se D. Mafalda, no balcão do Castello, tangendo um bandolim.

Passou o rei Ramiro, que andava a montar, entre mouros de lança e bésteiros, ao som de sonoras buzinas e de bem afinados cornos.

E D. Mafalda, discreta, fez que não via o poderoso rei Ramiro, que todo elle era olhos para ella.

Passou depois o rei Almançor seguido dos mais luzidos cavalleiros da Barbaria, e logo tambem se poz a jogo de physionomia para a janella apenas avistou a bella D. Mafalda, que continuava tangendo, sem olhar para Almançor.

Appareceu afinal um nobre e joven mouro, que costumava sósinho passear as tardes pela veiga de Granada.

D. Mafalda o viu e lhe fez ôlho de conta, ao que o mouro gentil correspondeu arregalando para a castellã dois olhos como dois pucaros.

No dia seguinte, á hora de prima, logo que se baixou a ponte levadiça, D. Mafalda recebeu da mão de um pagem vestido de seda um pergaminho escripto em arabigo e contendo as seguintes linhas:

Senhora:

Vêr-vos e amar-vos foi obra de um só momento. Peço-vos que, além de nos correspondermos d'ôlho, permittaes que nos correspondamos tambem por meio de antigos codices no gôsto d'este que ora vos endereço.

Não pertenco — crêde-o — a essa pelintragem vil da Mourama, a que vós outros, godos, chamaes vulgarmente «eunuchos».

Nobre sou e de nobre me prezo.

*Consenti, senhora, que terno e respeitoso eu depo-
nha um sentido osculo sobre a cacheira do suavis-
simo instrumento musical que hontem dedilhaveis
em vosso balcão.*

*Esperando ancioso um codice medievico vosso,
crêde-me, senhora*

CONDE DE ALMEDINA

Vosso escravo

*

Eis o que se nos offerece responder ao bilhete que nos foi endereçado.

Post-Scriptum:

Imagine-se qual não foi a nossa dolorosa decepção e terrível surpresa ao sabermos agora, depois de feitos tão profundos estudos, que o titulo de *conde de Almedina* é nem mais nem menos que o de um illustre fidalgo contemporaneo. elevado pelo principe á grandeza do reino na quinta feira passada.

Ludibrio e maldição!

*

A culpa do erro grosseiro em que incorremos, e que sinceramente confessamos, devemos porém dizer que não é só nossa. Ella cabe tambem ao monarcha caridoso que põe ou que deixa pôr aos seus vassallos titulos tão capciosos como este.

Qualquer outro sabio — ousamos dizel-o — cahiria como nós n'esta esparrela.

Não ha douto nenhum — mas nenhum —! que dando-se-lhe o titulo de *conde de Almedina* para objecto de suas meditações — qual nos foi dado a nós — não desvaire como nós desvairamos.

Titulos d'estes não se lançam á circulação publica. São titulos de algibeira para armar aos extenderetes dos espiritos que se prezam de cultos, são ratoeiras abertas pela *munificencia régia* ao zêlo dos eruditos e ao ardor dos estudiosos.

*

Em tempos de mais boa fé e de mais lisura do que aquelles que desgraçadamente atravessamos, quem era conde, marquez, visconde ou barão, era-o, sempre e invariavelmente, de alguma cidade, villa ou aldeia.

Este uso tinha um alcance enorme sobre a vulgarisação dos conhecimentos geographicos entre as altas classes sociaes. Uma pessoa medianamente bem relacionada aprendia suavemente e sem esforço os nomes de todas as terras do reino e os das ilhas adjacentes pelos nomes das pessoas com quem jantava ao domingo nas casas de fora.

Os titulares d'esse tempo ensinavam e instruíam o publico. Quando elles se reuniam na camara dos dignos pares ia a gente vêl-os da galeria, e era o mesmo que se estivesse um homem com o atlas e com o dictionario de Bouillet deante dos olhos.

Mais tarde, quando principiaram a escacear os nomes de terras para os titulos, por ser o numero

dos titulares superior ao numero das freguezias, a nobreza lançou-se com uma avidez extremamente louvavel sobre as arvores de fructo.

A apparição ainda recente do illustre e bem conhecido visconde do Marmeleiro parecia destinada a abrir em o nobiliario portuguez uma nova era, que se iria seguir á era da geographia, — a era da com-pota.

É lastima que se não desenvolva este meio tão simples de augmentar os conhecimentos uteis, n'esta época em que de dia para dia tende a diminuir a força de trabalho precisa para adquirir esses conhecimentos por outro modo.

Ainda agora o sr. prior dos Anjos vem ajudar a fazer mandria, negando a absolvição dos peccados áquelles que trabalham ao domingo. Que linda perspectiva para os actores, para os jornalistas e para os typographos, — se elles costumassem confessar-se!

Emquanto ao titulo de Almedina lamentamos que elle venha lançar a perturbação na critica, sem de modo algum augmentar o cabedal dos conhecimentos geraes da massa com alguma nova noção de geographia ou de botanica.

Lêmos em um jornal que Almedina é o nome de um chafariz de Vizeu, d'onde o agraciado é oriundo. Trata-se decerto de alguma celebre fonte his-

torica, em que provavelmente costumariam beber ao ir e ao voltar das cruzadas os cavallos dos gloriosos descendentes do nobre conde.

E comprehende-se que o illustre fidalgo, não podendo pôr o seu titulo em communicação com essa fonte por meio de um cano, folgue de o alliar a ella por intermedio da particula heraldica dos genitivos de possessão.

Receamos porém que este facto venha a constituir um precedente perigoso para a pompa e para o prestigio da nobreza nacional.

Por esta senda fora viremos a ter amanhã um marquez do chafariz do Carmo, um conde do Poço dos Mouros, um barão da Bica do Sapato.

Parece-nos que uma aristocracia que procura reconstituir-se em taes bases se arrisca a vir a ser um dia confundida com uma simples succursal da Companhia das Aguas.

As familias nobres representar-se-hão á imaginação dos povos sob a forma de carrancas, vertendo a sua substancia, por canudos de ferro mettidos na bôcca, para dentro de canecos.

Mais tarde, quando o ultimo dos aguadeiros, restos paleontologicos de uma civilisação extincta, houver desaparecido da superficie da terra como desapareceu o mastodonte, o serviço das aguas no domicilio das familias durante a primeira metade

d'este seculo virá a ser calculado pela estatistica dos condes, assim como hoje o pode ser pela computação dos barris caseiros.

Precisamente n'esta mesma semana, em que pela repartição das graças se creara o primeiro conde de um chafariz, pela camara dos srs. deputados, era votado o novo imposto sobre o sal.

Approximem esses dois factos, e digam-nos se não estão vendo n'elles o proposito sinistro em que parece acharem-se os poderes publicos de acabar de vez com a antiga aristocracia do sangue, substituindo-a por uma nobreza nova — de agua dôce!

AO EX.^{mo} SR. CARLOS BENTO

Agosto 1875.

Ill.^{mo} e ex.^{mo} sr. Carlos Bento da Silva. — Quando os sabios portuguezes meus contemporaneos precisam de transmitir ás massas as suas idéas escrevem missivas e deitam-as em V. Ex.^a

Para o sr. Alexandre Herculano, por exemplo, V. Ex.^a é a fenda postal por onde aquelle vulto expede para a publicidade e para a gloria a sua prosa veneravel.

Além de ser o buraco para a correspondencia do sr. Herculano sobre a emigração, V. Ex.^a está sendo buraco para a correspondencia do sr. conde do Casal Ribeiro ácêrca da agricultura, e para a do sr. Francisco Palha a respeito da arte dramatica.

Não quero eu, ex.^{mo} sr., aggravar por minha parte a situação precaria a que o reduziu a incontinenca do estylo epistolar.

Por meio de V. Ex.^a dirijo-me unicamente a V. Ex.^a mesmo, e é sobre um acto pessoal de V. Ex.^a que versa a questão de que me venho occupar.

Refiro-me á lei que V. Ex.^a referendou como ministro da fazenda collectando a *industria* dos escriptores publicos, e proponho-me provar que tal lei é perante a justiça uma iniquidade e perante o direito moderno uma expoliação.

Suppunhamos, ex.^{mo} sr., que as idéas de que eu n'este momento disponho valem, com relação ás necessidades do meio em que vivo, a quantia de cincoenta mil réis...

Este computo — claro está — é puramente hypothetico. As idéas, ainda quando são produzidas por cabeças muito mais providas, quer em principios, quer em caspa, do que esta que tenho a honra de inclinar respeitoso deante de V. Ex.^a, valem pouquissimo no meio nacional. E n'este ponto, ex.^{mo} sr., não são os politicos portuguezes os menos culpados. V. Ex.^a sabe como os seus confrades chefes de partido, pessoas essencialmente auctoritarias e conservadoras têm contribuido para embaratecer o genero pela reserva na procura.

Imaginemos porém que ellas valem, por alto, — essas pobres idéas — cincoenta mil réis. Logo que eu trato de as formular por escripto e de as pôr ao alcance do consumo, o fisco principia immediatamente

a deduzir-me impostos sobre a actividade productiva do meu pensamento. E eu tenho que pagar ao fisco: 150 réis de direitos sobre as pennas de aço; 100 réis sobre o papel; 50 réis sobre a tinta, sendo de barro o frasco em que a tinta vem. Porque é de advertir que, quando o frasco fôr de *vidro verde*, o imposto n'esse caso é de 55 réis! Se o frasco fôr de *vidro branco* o imposto sobe a 210 réis!!

Porque 55 réis pela tinta em frasco de *vidro verde* e 210 réis pela tinta em frasco de *vidro branco*? V. Ex.^a deve-o saber. Devem tambem sabel-o o sr. Antonio de Serpa, o sr. Santos Monteiro e o sr. Duarte Nazareth, os quaes sabem tudo. Oh! mas nenhum d'elles o revelará, e esse mysterio terrivel baixará á campa com aquelles que o possuem! Comprehendo o orgulho que deve dar a vossas excellencias a posse d'este segredo, e o extranho prazer altivo que deve ser o encontrarem-se de quando em quando no Aterro, alta noite, emquanto a cidade dorme e a herva cresce, e ahi, todos quatro, nos braços uns dos outros, poderem dizer:

— Ninguem mais o sabe! Ninguem mais o saberá nunca!

Pagos estes primeiros impostos — tinta, pennas, papel — procuro um editor. O editor acha-se collectado pelo preço da cousa encerrada no manuscrito que eu lhe apresento e de cujo valor se abate

desde logo a collecta referida ; segue-se a collecta do dono da typographia, depois a do mestre da officina, depois a do compositor.

Tenho que pagar ainda a parte que me toca na decima do impressor, mais no lucro que o Estado pretende tirar da industria do typo fundido na Imprensa Nacional, mais nos direitos que pagou a machina de vapor que move o prelo, mais o rolo, e papel de impressão. Accresce mais o imposto de 10 por cento sobre a renda da casa em que tem de ser depositado o meu livro, o imposto industrial em que está collectado o livreiro que m'o recebe, o moço da typographia que m'o transporta, o caixeiro da livraria que m'o vende.

Todos estes individuos, todas estas machinas, todos estes edificios, todos estes utensilios, toda esta materia prima da publicidade foram devidamente collectados sobre a base do valor preconcebido da idéa que eu trago ao mercado. E todas essas verbas foram successivamente deduzidas da quantia dos cincoenta mil réis, valor primordial presumptivo da referida idéa.

E' inexcedivel a solitudine do fisco na pista do meu pensamento em toda a escala graphica que elle tem de seguir desde que se manifesta na forma mais rudimentar até que se constitue em livro. Por todos os pontos em que elle se tornou industria, em que

elle transformou a materia, o fisco, já directa, já indirectamente, collectou-o successivamente, ininterrompidamente, infallivelmente. Em tal maneira, que dos cincoenta mil réis, valor arbitrado ao proveito que o paiz podia tirar do conhecimento da idéa suggerida por mim, eu não recebi senão vinte e cinco mil.

Estes réis vinte e cinco mil, a que eu peço licença a V. Ex.^a para chamar meus, que me pertencem, que eu guardo, são o preço liquidado da cousa que eu tinha no cerebro antes de pegar na penna para escrever a minha primeira linha, isto é: a paga nítida, extreme, definitiva da *obra do meu pensamento*.

Examinemos agora, ex.^{mo} sr., os beneficios por meio dos quaes o Estado promove, auxilia, desenvolve ou mantem — a mim escriptor — a obra do meu pensamento.

O Estado tem na sociedade portugueza os seguintes encargos, uns legitimos, outros constituindo industrias monopolizadas por elle em detrimento dos que trabalham:

A diplomacia, o exercito, a marinha, as estradas, a instrucção, a policia, a religião, o fisco, a lista civil, a moeda, a saude publica, os pharoes, os pinhaes e mattas, os pêsos e medidas, os telegraphos, os correios, a Imprensa Nacional, a imprensa da Universidade, o fabrico da polvora e das armas, o

fabrico das cordas, os fornos de cal e gêsso, a loteria.

Será V. Ex.^a capaz de me dizer por qual d'estas vias serve directa ou indirectamente o Estado a laboração das minhas idéas?

Por meio da manutenção da paz, da ordem, da organização da justiça, da vigilancia policial, o Estado assegura a venda ao meu livro. Mas este serviço prestado ao meu livro pagou-o elle directamente por uma longa serie de impostos a que já alludi.

Um livro é um producto da collaboração de diferentes industriaes e é um genero de commercio. Como artefacto typographico o Estado protegeu-o mantendo a ordem social no meio em que elle se produziu, e elle pagou ao Estado o serviço que o Estado lhe prestou. Como artigo de commercio o Estado garante-lhe as transacções de que elle pode ser objecto, e elle paga igualmente ao Estado o preço d'essa garantia.

Mas como obra do pensamento — e esta é a parte que tem o escriptor na collaboração do livro, esta é a parte que me diz respeito a mim — que é que o Estado me garante? que direitos me faculta? que instrumentos me ministra? que modificações beneficicas do meio me proporciona?

Para a minha obra o Estado é absolutamente como se não existisse. As minhas faculdades operam

na mais completa independencia da policia, da ordem, da magistratura, do exercito, da armada, da cordoaria, do arsenal, etc.

O Estado não intervem nunca na defesa dos meus interesses como escriptor.

Se o taberneiro da esquina da minha rua lê n'um periodico que o seu vinho está envenenado, chama o periodico que o calumniou aos tribunaes, e provado que o vinho não tinha veneno, o taberneiro tem direito a exigir indemnisação de perdas e danos pelo descredito lançado no seu genero.

Eu pelo contrario leio no periodico *A* que sou um tolo; leio no periodico *B* que sou um ignorante; leio no periodico *C* que sou um estúpido. Ou o que estes periodicos dizem é verdade ou não é. Se não é verdade, eu sou calumniosamente offendido na minha aspiração mais legitima. Se é verdade, eu continuo impunemente envenenando os espiritos e atrazando a civilisação com damno do esforço intelligente e esclarecido dos escriptores prestantes.

Que eu negoceie com o publico um alimento sadio ou um droga venenosa, o Estado é sempre indifferente á minha obra.

Demais como o Estado é por sua natureza conservador, e como eu, jornalista extra-official, sou pela minha missão e pelo meu dever um interprete da Liberdade e por consequencia da Revolução, o Estado

considera-me um inimigo das instituições, e como tal ou me hostilisa, o que é mau, ou me corrompe, o que ainda é peor.

Vejamos agora n'um breve relance o que é o imposto.

O imposto é a contribuição proporcional de cada cidadão para as despesas geraes do Estado.

No antigo regimen social, quando o Estado era o principe, o subdito pagava segundo a vontade do soberano. A sociedade estava organizada sobre o principio de que tudo pertencia ao rei. O imposto era a reposição ao senhor do fructo do trabalho do servo. O que o povo guardava, o estrictamente necessario para a sua subsistencia, era uma dadiva da liberalidade régia.

Depois da Revolução Franceza o Estado mudou de character. Nas sociedades modernas, o Estado é uma simples delegação do paiz, encarregada da manutenção das leis e do custeio dos encargos geraes da communitade.

Para o Estado assim constituido o imposto é a contribuição paga pela Liberdade como preço dos serviços que têm de lhe ser prestados pelo Estado. D'aqui a justissima formula proudhoniana: *Todo o imposto é uma troca.*

O Estado restitue em serviços á communitade tudo aquillo que recebe da communitade em impostos.

A lei da proporcionalidade contributiva dos cidadãos tem portanto duas bases inteiramente distintas. A primeira principal, a segunda subordinada á primeira.

A primeira base do imposto é a relação existente entre o tributo pago pelo cidadão e a porção dos serviços prestados a esse cidadão pelo Estado.

A segunda é a relação em que se acham os lucros dos cidadãos entre si.

Da primeira d'estas bases deduz-se a proporção no imposto da classe. Da segunda deduz-se a proporção no imposto do individuo.

O imposto industrial, ainda que de character antiquado e vicioso, porque representa uma multa lançada aos trabalhadores em beneficio das classes ociosas, não pode deixar de submeter-se e amoldar-se, tanto quanto possivel, ao direito moderno.

Assim o *quantum* do imposto industrial deve tomar-se da proporção dos beneficios que cada uma das classes trabalhadoras percebe do Estado com applicação á industria que exerce.

Toda a quota extorquida a uma industria que não recebe do Estado serviços proporçionaes ao estipendio pago, é uma espoliação e um roubo.

Ora os economistas... Mas é melhor citar: J. B. Say, considerado como um dos publicistas que me-

lhor têm comprehendido e estudado o imposto, diz:

«Quando os povos não gosam das vantagens que o imposto deve proporcionar-lhes, quando o sacrificio a que os submetteram não é contrabalançado por vantagens supervenientes, dá-se a *iniquidade*. Se a importancia do tributo lhes não ministra um beneficio que tenha o valor do tributo commette-se um *roubo*.»

É o que succede com os escriptores publicos. O Estado não os reembolsa com serviços prestados da somma proveniente dos tributos exigidos. Eu pago ao Estado 40 000 réis de imposto como auctor das *Farpas*; o Estado não me dá nem 10 réis de serviços para a operação mental de que estes livros procedem: — logo o Estado *rouba-me* como auctor das *Farpas* a quantia annual de 40 000 réis.

Como a cousa é de seu dono, qualquer que seja a mão em que se encontre, os meus 40 000 réis annuaes são meus apesar de se acharem em poder do Estado, e eu tenho o direito de pegar n'elles e de os metter na algibeira em qualquer parte que elles se me deparem.

Não tenho querido por emquanto usar d'este direito. Espero que a accumulção do meu dinheiro

nos cofres publicos chegue a perfazer a importancia das joias da corôa. N'esse dia faço tenção de ir a casa do chefe do Estado, perguntar onde é que elle tem a corôa, pôr n'esse sitio o meu chapéo para que o monarcha não appareça descoberto deante dos seus vassallos e em seguida trazer a corôa para minha casa.

Tenho a curiosidade mais viva de saber como é que todos os jurisconsultos d'este mundo poderão refutar esta allegação de direito a que alguns terão talvez a desfaçatez de chamar um sophisma.

A lei de V. Ex.^a, cuja critica estou fazendo, deu logar á creação do gremio dos escriptores publicos.

Tal gremio é uma immoralidade igual á da collecta que elle tem por fim distribuir. Como se constituiu este gremio? Para ser do gremio dos sapateiros é preciso fazer sapatos, para ser do gremio dos funileiros é preciso fazer funis. Para ser do gremio dos escriptores publicos não é preciso fazer nem saber fazer cousa alguma. Para ser recebido como escriptor publico peio gremio respectivo basta que o contribuinte candidato a uma posição social se declare escriptor.

Este simples factio leva-me, ex.^{mo} sr., a bem tristes e a bem penosas reflexões.

Ninguem pode ensinar a lêr sem apresentar folha

corrida, attestados de bom procedimento moral, civil e religioso, sem responder a um exame, sem obter um titulo de auctorisação ou de capacidade. E além d'isto exerce-se sobre as escholas uma fiscalisação systematica, ha commissarios dos estudos, ha delegados incumbidos dos exames e das visitas escholares. Tudo isto para que o cidadão apprenda honradamente a lêr. Mas para que depois d'isso elle tenha uma leitura honrada, nem uma só providencia!

O jornalista tem na sociedade uma influencia muito mais profunda que a do mestre-eschola e responsabilidades muito mais sérias e muito mais graves. É o jornal que refere e que explica ao povo os differentes phenomenos da sua vida politica, da sua vida social, da sua vida economica. É o jornal que faz a critica das instituições e dos costumes. E o jornal que estabelece o criterio por que têm de ser julgados os factos da vida civil e da vida moral. É o jornal que eleva ou que deprime o nivel da intelligencia publica. É o jornal que fixa para a multidão o ponto de vista nas altas questões da honra, da dignidade e do dever.

Attentou V. Ex.^a já na subversão perigosissima que podem lançar no espirito e na consciencia de um povo cem ou duzentos periodicos dirigidos e redigidos por outros tantos homens sem disciplina mo-

ral e sem regimen scientifico; atrazando a civilisação com a propaganda dos erros mais grosseiros; discutindo a politica e a administração na encyclopedica ignorancia da vasta e complicada sciencia social; criticando tudo, os actos intellectuaes, os actos publicos, os actos religiosos, os actos moraes sem nenhum systema philosophico, sem nenhuma unidade de vistas, sem nenhuma comprehensão de conjuncto e de equilibrio? Pensou já V. Ex.^a no temeroso perigo que resulta para os destinos de uma sociedade do facto de serem publicamente e minuciosamente tratadas em cada dia as suas questões de sciencia, as suas questões de moral e as suas questões de honra por individuos dos quaes ignoramos absolutamente se têm ou não a iniciação das idéas, a religião da justiça e a compenetração do dever?

Este immenso perigo, absolutamente desattendido pela legislação portugueza, foi ainda aggravado por via da lei com que V. Ex.^a collectou a litteratura.

O gremio dos escriptores publicos, cuja formação não tem por base a existencia de uma industria, tornou-se naturalmente o asylo de todos aquelles cidadãos que pela sua ociosidade e pela sua ineptia não tinham merecido da sociedade classificação legitima.

Além dos homens de letras o gremio incorporou em classe, sob uma denominação honrada, vadios professores que, se não se chamassem a si mesmos

escriptores, a policia teria obrigação de perseguir e de encarcerar.

Ao passo que varios ociosos suspeitos á moral eram adoptados como escriptores pelo gremio, outros muitos escriptores, verdadeiros escriptores, cujo nome figura sob documentos de escripta publica, deixaram de ser aggremiados, não se deram ao rol, esquivaram-se á collecta.

Por exemplo:

Emquanto foi V. Ex.^a collectado como escriptor publico da lei que me collectou a mim? Pois os projectos de lei de V. Ex.^a com os relatorios que os precedem não são escriptos publicos? Não encerram elles, exactamente como este meu livro, não só a idéa reduzida ao signal graphico, mas ainda em cima convertida em facto legal, o que demanda do Estado para manter os escriptos de V. Ex.^a uma despesa que o mesmo Estado não faz com os meus? Não foram os escriptos de V. Ex.^a editados gratuitamente pelo governo e publicados na Imprensa Nacional á custa dos dinheiros publicos? Não recebeu V. Ex.^a, pela elaboração dos seus escriptos, uma retribuição e um lucro muito superior ao que eu retiro do que eu escrevo? Não é a lei de V. Ex.^a muito mais pequena do que o meu livro? Não teve V. Ex.^a para a escrever muito maiores subsidios e muito menores encargos do que os que me tocam a

mim? Porque é pois que V. Ex.^a se não inscreveu no meu gremio? porque é que se não fez collectar?

Porque é que se não aggreemiam e se não collectam os srs. collaboradores do *Diario das Côrtes*? Dir-me-ha V. Ex.^a que os srs. deputados falam, mas que não escrevem. É como se eu tivesse um secretario a quem dictasse os meus livros. Os srs. deputados têm secretarios pagos pelo paiz. Que a obra tenha o nome de escripto ou tenha o nome de discurso, pouco importa. O facto essencial para a collecta é que essa obra é representada por uma certa porção de prosa, retribuida ao auctor, e impressa nos jornaes em concorrencia com a prosa dos jornalistas, ordinariamente mais bem feita e sempre mais mal paga.

Com que fundamento se acha sua majestade el-rei fóra do gremio dos escriptores publicos? Não é sua majestade o primeiro dos escriptores? Não é assignada pelo seu real punho a parte mais consideravel da letra redonda que enche annualmente as gazetas do reino? Não é isso escripta? Não é fazer isso a habitual profissão de el-rei? Não é el-rei retribuido por isso que faz? Não são de sua majestade os discursos da corôa? Não são de sua majestade os discursos ainda ultimamente proferidos de municipalidade em municipalidade por occasião da inauguração do caminho de ferro do Minho? Não são mui-

tas vezes esses discursos tão ricos de veia comica, tão engraçados, tão funambulescos que monopolisam a hilaridade publica e absorvem a gargalhada que faria o successo da satyra mais trabalhada por escriptores obscuros inteiramente supplantados pela real pilheria? Não é isto uma concorrência opposta aos que escrevem? Não é isto uma collaboração na imprensa periodica, regular, effectiva e remunerada?

Vae já demasiadamente longa esta carta. Estou certo de que V. Ex.^a me tem achado alguma graça, que é uma cousa que succede ás vezes áquelles que não querem achar-me razão. Tal é o estado dos espiritos que a verdade toma o aspecto de um paradoxo pelo contraste violento com que sobresaê do convencionalismo e da mentira official!

Ex.^{mo} senhor, eu vou concluir.

O imposto industrial dos escriptores publicos é iniquo, é immoral, é absurdo. A V. Ex.^a, que o inventou, cumpre alcançar que elle desapareça.

É facil substituir esta verba na receita publica.

A imprensa periodica está pedindo a applicação de um imposto perfeitamente racional e equitativo: o imposto sobre os annuncios.

O annuncio é a verdadeira materia collectavel da imprensa. O annuncio nada tem de commum com a obra do escriptor, com a liberdade do pensamento,

com a inviolabilidade das idéas. O annuncio é para o jornalismo uma industria; é até uma especie de monopolio. A secção dos annuncios é em cada jornal uma esquina de rua privilegiada para os effeitos da lei do sêllo.

O Estado collecta na importancia de 60 réis o annuncio affixado em publico. Absolve porém do pagamento d'este tributo o annuncio affixado no jornal. Esta excepção não tem fundamento.

Torne-se extensiva ao annuncio nos jornaes a lei que impõe o papel sellado aos annuncios publicados por qualquer outro meio de affixação, e ahi está immediatamente substituido com vantagem enorme para o thesouro, o imposto dos escriptores, que não assenta sobre uma industria collectavel mas sim unicamente sobre uma faculdade immaterial, incohercivel e incontrastavel, por um imposto com fundamentos tangiveis, perfeitamente apreciaveis para o fisco, instituido na mais perfeita logica da permutação dos serviços entre o individuo e a communidade, entre a liberdade e o Estado.

O novo imposto que tenho a honra de lembrar a V. Ex.^a inutilisa a existencia absurda do gremio dos escriptores e proporciona os meios mais simples e mais faceis de cobrança. Basta que todo o jornal que insere annuncios deposite em cada dia nas mãos da auctoridade competente um exemplar da sua fo-

lha da vespera acompanhando cada annuncio por ordem numerica o original respectivo.

Isto poria talvez algum cobro ao annuncio de amor, recovagem clandestina, em que a imprensa é cúmplice das relações secretas e das expansões prohibidas pela correspondencia ordinaria.

A agua circassiana, a revalenta arabica e a senhora Cecilia Fernandes resignar-se-hiam facilmente a contribuir para as despesas do Estado com uma percentagem minima sobre os lucros que lhes faculta a *réclame*.

Finalmente, ex.^{mo} sr., prescindo de encarecer a importancia da questão que ponho por este modo nas mãos de V. Ex.^a O imposto é a base do orçamento do Estado, o qual, como V. Ex.^a sabe, constitue o feixe de todos os encargos da politica, da administração, das relações internacionaes e finalmente da civilisação. Sempre que as despesas do Estado excederem o calculo provavel do lucro dos cidadãos, a sociedade acha-se em desequilibrio e ameaça dissolução ou revolta.

O rendimento médio de uma familia burgueza em Lisboa, pode-se calcular que seja 6007000 réis. Computemos em quatro pessoas os membros de cada familia. A alimentação diaria de cada individuo não pode importar em menos de 250 réis por

peessoa, ou mil réis diarios por familia, o que dá a somma annual de 360 ₣ 000 réis. Queira V. Ex.^a acrescentar a isto a renda da casa, calculada segundo uma das leis da economia domestica na sexta parte do rendimento total, ou 100 ₣ 000 réis. A soldada de um creado custa, pelo minimo 24 ₣ 000 réis por anno. O custeio do *ménage*, mobilia, louça, roupa branca, utensilios de cozinha, artigos de lavatorio, reparos e concertos, não pode orçar-se para quatro pessoas de familia em menos de 50 ₣ 000 réis annuaes. O fato, calculado na mais estricta economia em 20 ₣ 000 réis por pessoa, monta a 80 ₣ 000 réis por familia.

Recapitulemos:

Alimentos.....	360 ₣ 000
Renda de casa.....	100 ₣ 000
Soldadas.....	24 ₣ 000
Custeio da casa.....	50 ₣ 000
Vestuario.....	80 ₣ 000
	<hr/>
Somma.....	614 ₣ 000

Deduzidas do rendimento médio de uma familia burgueza em Lisboa, as despesas indispensaveis para a subsistencia, temos pois um *deficit* de 14 ₣ 000 réis.

É d'este saldo negativo que o Estado percebe:

De decima industrial, calculada pela taxa das deducções aos empregados publicos	30\$000
Decima pessoal.....	10\$000
Impostos aduaneiros sobre os tecidos do vestuario	20\$000
Impostos municipaes sobre os generos alimenticios	40\$000
<i>Deficit</i> precedente.....	14\$000
<hr/>	
Somma.....	114\$000

A importancia d'estes 114\$000 réis é cerceada nos alimentos. Assim todas as familias de professores, de caixeiros, de industriaes, de funcionarios publicos, etc., com vencimento de réis 600\$000 e d'ahi para baixo, que o Estado força a uma contribuição de 100\$000 réis pelo menos, padecem privações e passam fome.

Que significa um semelhante estado de cousas, ex.^{mo} sr.; senão uma provocação constante e permanente á infidelidade e á corrupção, ou quando não, á resistencia e á anarchia?

Quando o Estado se attribue semelhantes faculdades, quando elle não fixa ás suas despesas um *maximum* calculado sobre os lucros dos contribuintes, o Estado explora.

Por mais que para a civilização e para o progresso elle pareça um cooperador diligente e zeloso,

para o cidadão explorado o Estado é um inimigo, de que cada um deve defender-se pela resistencia ou pela evasiva.

Pela minha parte declaro que se o fisco mantiver a verba de 40\$000 réis em que sou collectado como escriptor publico, prefiro deixar de escrever a continuar a pagar. E para me habituar desde já á posição de analphabeto a que me destino, pedi á minha cozinheira a sr.^a Maria do O que esta por mim fizesse, e assigno de cruz.

De V. Ex.^a

O mais reverente venerador

+

AO DIARIO ILLUSTRADO

Outubro 1874.

Sr. redactor do Diario Illustrado. — Aceitando com grande prazer o encargo de fornecer o artigo destinado a acompanhar no seu jornal o retrato de Eça de Queiroz, não posso deixar de lhe pedir licença para incluir no texto das *Farpas* essas linhas consagradas por mim, como o tributo mais caro do meu coração, ao mais intimo dos meus amigos, e ao mais dedicado dos meus companheiros. Esta pagina pertence de direito aos espiritos benevolos affeição-dos a estes livrinhos, em que eu e elle trabalhamos juntos por muito tempo. Para os leitores do *Diario Illustrado* o nome de Eça de Queiroz representará apenas uma celebridade sympathica; para os meus esse nome é a saudosa recordação de uma conhecida penna encantadora e insubstituivel.

Eça de Queiroz é um dos artistas em cuja obra mais claramente se patenteia a influencia do seu meio. Taine adoral-o-hia como a demonstração viva da primeira lei da critica moderna. Narrar a historia das suas relações, das suas convivencias, das suas amizades, equivale a assignalar perfeitamente a indole artistica e o character litterario do seu talento.

Eça de Queiroz nasceu para a litteratura no «Cenaculo» de Anthero de Quental.

Os leitores portuguezes terão difficuldade em comprehender o que foi o Cenaculo, — tão extraordinario, tão maravilhoso, tão phenomenal, tão inexplicavel era esse poderoso centro de espirito e de estudo, de phantasia e de idéas no meio da sociedade lisbonense, a mais incaracteristica e a mais banal do mundo.

O Cenaculo era uma pequena reunião de rapazes em sessão permanente em casa de Anthero. Uns passavam lá o dia. Outros iam lá ficar de noite. Todos alli tinham os melhores de seus livros, as suas notas, as suas provisões de principios e de tabaco. Cada um d'esses homens possuia, pelo menos, uma das sciencias capitaes que constituem as bases dos conhecimentos humanos: a physica e a chimica, as mathematicas, a physiologia, o direito, a historia, a linguistica. Anthero de Quental, cabeça verdadeira-

mente encyclopedica, um dos mais solidos e profundos entendimentos que tem produzido este seculo, era como a logica viva d'aquelle foco intellectual. Era ao passarem por elle, principalmente, que os phenomenos e os factos encontravam a lei da sua connexão, que os grupamentos se discriminavam, que das diversas correlações se deduziam principios geraes, que, finalmente, o systema apparecia.

O que é porém inconcebivel é a quantidade de *verve*, de argucia, de ironia, de bom humor que inundava esta academia obscura e terrivel!

Nunca em Portugal se dispendeu tanto espirito, tanta phantasia, tanto poder de improvisação, tanta força humoristica, tanta veia comica.

As sessões celebravam-se pondo cada um os pés em cima da mesa, á altura dos olhos, como na America. Tinha-se ao lado uma chavena de chá, o cigarro nos beiços, e era permittido a cada um desabotoar igualmente os seus paradoxos e o seu collete.

Era uma especie de *Bohemia*, se quizerem empregar ainda uma vez essa expressão antiquada. O Cenaculo participava effectivamente um pouco do character geral de todas as bohemias, mas tinha em si caracteres especiaes que o differençavam de cada uma d'aquellas que nós conhecemos. Tinha o grave e austero principio moderno do trabalho, que faltava na bohemia de Henrique Murger. Tinha a alta cul-

tura do espirito, a grande elevação do character, o finissimo melindre no ponto de honra, a dignidade inviolavel, que nem sempre distinguia a bohemia de Gerardo de Nerval. Não tinha finalmente o rancor occulto, nem as ardentes ambições devoradoras que defecavam os typos celebres e legendarios da galeria de Balzac.

A simples chronica dos factos exprime melhor do que as definições a physionomia do Cenaculo.

Um dia, entre os livros novos, appareceu um poema lyrico escripto em lingua portugueza, e dedicado pelo auctor a uma joven senhora, da qual o poeta dizia no principio da obra ter recebido a inspiração dos seus versos.

O Cenaculo tomou conhecimento d'este livro, deu-lhe a seguinte qualificação litteraria — attentado ao pudor —, e resolveu que se cumprimentasse o auctor, procurando-o em nome da critica e quebrando-lhe uma bengala nas costas.

Occorreu porém que o livro podia ser espurio, e deliberou-se convidar o poeta a vir pessoalmente defender-se perante o Cenaculo do delicto que corria impresso com o seu nome, certo de que se o não fizesse, o tribunal o julgaria á revelia e á bengalada.

O poeta compareceu. Foi-lhe mostrado nas pontas de uma tenaz o instrumento do crime, brochado, com uma capa azul.

O réo olhou para a sua obra e reconheceu-a. Inquirido, o desgraçado confessou tudo. Em sua defesa adduziu apenas que o poema era a obra do seu amor, que fôra o amor que o levava ao crime.

Provou-se-lhe então que, antes de ter deixado tomar ao amor um desenvolvimento que dava aquelles resultados, elle lhe deveria ter feito o que geralmente se faz aos calos: cortal-o. Se o réo não tinha um canivete, que o pedisse! Se o seu estado dyspeptico lhe mandava á bôcca o amor transformado em trovas a uma senhora honesta, o logar proprio para elle depositar essa expectoração morbida não eram os prelos, eram as bacias. Se o réo não tinha em casa bacia, que a comprasse! Primeiro compram-se ás grandes civilisações as bacias; depois é que se pede aos deuses o estro!

O Cenaculo, comprehendendo pelos debates do processo que na torpeza de que se tratava havia prejuizo de terceiro, reconsiderou na resolução que primeiro lhe occorrêra, e condemnou o criminoso a dar satisfação á moral offendida e á senhora prejudicada casando-se com a pessoa em cujo nome lançara a ignominia.

O vate objectou melancholicamente que a sua timida humildade lhe não permitiria nunca dirigir-se, para obter a mão do objecto dos seus versos, áquelle que lhe dera o ser.

— Onde mora essa desgraçada senhora? disse-lhe Anthero de Quental. Eu pessoalmente a irei salvar!

E descalçando em seguida as suas chinelas, Anthero calçou uns sapatos novos — a mais extraordinaria obra de arte e de couro que até esse dia se fizera em Portugal, sapatos de uma grandeza egypcia, de um tamanho pharaonico, o unico monumento do seculo xix deante do qual o mesmo Batalha Reis tremia — de admiração.

Calçados os sapatos, pegou no chapéo e dirigiu-se a casa d'aquella que dera o ser á menina ultrajada; fez-se annunciar e receber; expoz o que se passara em sua casa para desaffronta da moral, escarmento da poesia lyrica e regeneração dos costumes, e concluiu pedindo submissamente para o poeta condemnado a mão da menina offendida.

A mãe respondeu:

— Perdão, sr. Quental... O que me pede é impossivel: entre minha filha e esse idiota ha um abysmo!

Anthero retirou então um dos pés, que dissimulara para baixo do *fauteuil* em que estava sentado, e alongou-o silenciosamente para a frente, pondo-o em plena evidencia sobre o tapete.

A senhora baixou os olhos, descobriu o pé e teve um estremecimento de pasmo incomprimivel e aterrado.

— Ha um abysmo, minha senhora? Pois bem: Aqui está o meu pé para o encher.

E, erguendo-se, Anthero cortejou respeitosa-mente, e despediu-se com esta sentença:

— Os abysmos, minha senhora, enchem-se com os abysmos!

De outra vez discutia-se sociologia. Tinha-se falado das fontes do direito, das origens da propriedade, do socialismo, da revolução. Tinha-se feito a analyse de todos os programmas, a critica de todos os systemas. Tinha-se arrancado ao assumpto quanto elle podia dar: factos, idéas, dictos, gargalhadas, versos alexandrinos, caricaturas, entrecchos de dramas, planos de conferencias, projectos de livros didacticos, de pamphletos revolucionarios e de libretos de opera comica. Por fim houve uma resolução pratica: Pedir ao Estado a ilha das Gallinhas e ir para lá o Cenaculo ensaiar formas de governo.

O programma era principiar pelo regimen despótico, com quatro ministros e uma fôrca. A fôrca havia de ir feita do continente, e seria experimentada no reino, na vespera da partida, e na pessoa de um facinora, que tambem se teria de pedir ao governo. Queiroz, que havia de ser o ministro da policia, achava pouco uma fôrca, e não respondia pelo socego publico da ilha se o não deixassem levar egual-

mente uma grelha, em ponto grande, para frigar os philosophos, se lá os houvesse.

Além de que, iriam tambem todos os petrechos das velhas tyrannias, sem os quaes seria impossivel estabelecer um dominio forte e perduravel. Não esqueceriam os grilhões do fanatismo para se lançarem aos povos; as gargalheiras; as algêmas; a palha para o canto das masmorras; a escudella para levar o escasso comer aos condemnados, e a «gôtta de agua» para o bem conhecido supplicio que se havia de applicar, com grandes vantagens da religião, aos presos.

Como o pessoal do Cenaculo era pequeno foi indispensavel a accumulção de algumas nomeações. Assim; por exemplo, Salomão Saragga seria o ministro dos cultos e ao mesmo tempo o carrasco. Batalha Reis havia de sujeitar-se a ser o ministro do fomento e ao mesmo tempo a fazer de povo sempre que as necessidades do fomento levassem o governo a consultar a vontade popular. A força armada e bem assim o alto clero havia de ser um sujeito que por esse tempo chegara de Coimbra e sobre cuja longa estatura o Cenaculo procedera a repetidas investigações sem nunca lhe ser possivel descobrir qual d'estas duas cousas elle era — se o Eixo da Terra, se o Dedo do Infinito.

— Mas, — perguntou-se — e o tyranno quem ha de ser?

Então Quental, que andava passeando na casa, de camisa de noite, dandynado, com as mãos nas algibeiras das suas pantalonas, parou defronte do candieiro e disse:

— O tyranno, bem vêem vocês, que não posso deixar de ser eu!

O ministerio, que estava já então todo organizado, e que se achava sentado á roda, em cadeiras, tremeu diante da responsabilidade terrivel de lhe dar a corôa. Se elle, depois de se apanhar com as rédeas do governo, roêsse a corda aos seus antigos companheiros! Ninguem por certo desconfiava d'elle no momento *a*; mas quem sabe o que elle seria no momento *b*? Quem poderia responder por aquillo em que se tornaria o tigre depois de coroadado, sagrado e unguido?! Não poderia a fera começar por devorar o seu proprio ministerio? Não poderia muito bem Queiroz ir malhar com os ossos acima da mesma grelha que elle tão patrioticamente destinara ao spectaculo augusto da philosophia torrada? Não começaria o Eixo da Terra, na sua qualidade de força publica, a exercer as suas funcções na ilha, obedecendo servilmente a um real gesto do principe e crescendo para Batalha com a alabarda das solemnidades régias?!

Estas e outras considerações obrigaram o Cenaculo a não dispôr n'essa noite do throno da ilha das

Gallinhas. E eis aqui está por que motivo o paiz se viu privado de saber talvez a estas horas, por meio de successivas experiencias feitas por pessoas idoneas, qual a definitiva fórma de governo que mais conviria ás necessidades publicas!

No Cenaculo havia um creado. Não sei em virtude de que imagem rhetorica se lhe chamava o Via Lactea.

Este homem tinha vindo das bandas de Setubal. Era forte, espêso, athletico. Tinha-se-lhe dicto: «Espera-te um trabalho duro, violento, mas glorioso.» E elle, com uma grande firmeza antiga, respondera: «Estou prompto.»

O trabalho que se lhe incumbia era este: Examinar attenta e vigilantemente tudo o que se passasse no Universo, e informar o Cenaculo.

Ora como se tinha explicado claramente ao Via Lactea que o Universo obedecia a uma evolução permanente, sendo portanto impossivel deixar por um momento de se passar n'elle alguma cousa, era o Via Lactea obrigado a apresentar observações novas a cada pergunta que se lhe dirigisse.

Faziam-se-lhe dois inqueritos por dia, um pela manhã, outro á noite.

— Via Lactea! sentaste-te, mysterioso e sinistro, á beira do grande rio profundo da humanidade?

— Que foi que te disseram no seu confuso turbilhão as grandes correntes historicas ?

— Surprehendeste por acaso o grande phenomeno genesico, ó Via Lactea ?

— Seguiste o átomo até elle se converter na molécula ?

— Respondeste com a tua vida e bens pelas novas theorias da organisação do cosmos ?

A cada uma d'estas perguntas Via Lactea cruzava no peito os seus fortes braços, fechava por um momento os olhos, concentrava-se e dava uma resposta.

Comquanto não tivesse nada mais que fazer senão isto, o Via Lactea ao cabo de alguns mezes declarou que não podia com tanto serviço e despediu-se. Batalha deu-lhe uma gratificação pecuniaria condigna do zêlo com que elle tinha observado o universo da janella da cozinha e disse-lhe :

— Adeus, Via Lactea ! bom amigo ! Vae ! Qualquer que seja o teu destino, um dia lá nos encontraremos juntos no Pantheon da historia !

Via Lactea estava despedido e estava pago. Em rigor não tinha já obrigação de responder cousa alguma. Elle porém fez um ultimo esforço, tornou a fechar os olhos e retorquiu pela derradeira vez :

— Adeus, meus senhores, até lá !

Pouco depois da partida de Via Lactea, o Cenaculo todo dispersava.

Os bellos dias alegres da mocidade, que marcam indelevelmente o destino e a vida do homem, terminavam para Anthero de Quental e para os seus amigos. D'estes uns casaram e voltaram á familia, outros partiram. Batalha Reis entrou no professorado. Oliveira Martins foi para Hispanha. Lobo de Moura seguiu a carreira administrativa. Salomão Saragga casou.

É assim que a mocidade acaba... De repente, n'um dia, n'uma hora, n'um minuto, como acaba um patrimonio immenso, de que se gasta afinal a ultima libra!

Eça de Queiroz foi por esse tempo para o Egypto, e fez com o conde de Rezende a viagem do Oriente.

O conde de Rezende era n'essa epocha o mais completo homem do seu mundo. Reunia no mais alto grau todas as condições que dão o brilho, a dominação, o prestigio. Tinha pouco mais de vinte annos. Pelo seu nascimento era conde, par do reino, almirante de Portugal. De si tinha um talento superior, a mais alta distincção de figura e de maneiras, uma instrucção variadissima, um grande ar frio e correcto, ligeiramente ironico. Nunca transpirava, nunca se fazia vermelho, nunca falava alto. Amava

as aventuras arriscadas, as fascinações do perigo, e comprazia-se em aventurar indifferentemente a sua fortuna ou a sua vida em lances frequentes, obscuros — sem galeria —, para seu mero recreio pessoal, com um desdem altivo, imperturbavel. — O primeiro companheiro do mundo para acampar no deserto, para matar os chacaes á queima-roupa, para enterrar as esporas n'um cavallo arabe lançado a toda brida na planicie infinita!

Foi na sua volta do Oriente que Queiroz se encontrou commigo em Lisboa. Não tínhamos nada que fazer, nem um nem outro, e iamos uma noite passeando ao acaso, quando nos occorreu darmos á cidade alguma cousa que lêr para o outro dia. A nossa questão não era que nos mandassem as commendas de Sant'Iago, nem que nos mettessem na Academia. As nossas ambições eram mais modestas, posto que, debaixo de alguns pontos de vista, mais difficéis talvez de realisar. A nossa questão era simplesmente — que nos lêssem. Seria complicado de mais para o espaço de vinte e quatro horas irmos até o publico, do qual estavamos tão longe pela nossa obscuridade. Era preciso que o publico se dêsse um pouco o incommodo de vir, elle, um bocadinho, até nós. Tratava-se de achar um golpe, extranho, desusado, violento, que ferisse profundamente a attenção e a obrigasse a olhar para nós como sire de La

Châtaigneraie olhou para sire de Jarnac. Então, em acto continuo, um de nós — não me lembro qual — sentou-se a uma mesa e encheu um caderno de papel, que o *Diario de Noticias* principiou a publicar ao outro dia. Depois o que principiara passou a penna ao outro, e assim fomos escrevendo sempre, revezadamente, por espaço de dois mezes, acompanhando a publicação, e fazendo na vespera o folhetim do outro dia.

Foi d'esse modo que nasceu o *Mysterio da estrada de Cintra*.

Creio que o publico effectivamente o notou e o seguiu. O unico merecimento do livro é talvez esse, e o de algumas paginas vivas, quentes, cheias de exuberancia, de côr e de poder de estylo devidas a Queiroz.

Para nós ambos esse trabalho tornou-se um laço estreito e sympathico. Oh! o bom humor, o bom desleixo, a boa alegria com que nós o fizemos! O desplante, o arrôjo, com que creavamos as nossas personagens mysteriosas, embuçadas, com plumas nos chapéos, com longas capas alvadias, aventureosas, côr dos muros dos jardins! Os nossos trens a toda brida com os estores fechados! os nossos naufragios! os nossos envenenamentos! os nossos homicidios! as nossas caçadas ao tigre — Santo Deus — tão perigosas! as nossas lindas mulheres louras, apaixonadas!

das, que tão poeticamente se deixavam acabar e morrer sob as nossas duras pennas de ferro!

Pobres boas raparigas... fomos ferros e brutos de mais com a vossa meiga ternura... Perdoae-nos, gentis phantasmas!

Bôa Dolores! — Creio que se chamava Dolores uma d'ellas. A outra parece-me que era Luiza. — Querida Luiza! Quereis agora que vos conte porque vos matámos a ambas? Pois bem: foi para salvar -a moral; foi para nos não compromettermos com a critica. Particularmente, um com o outro, tinhamos pena, e diziamos: — Coitadinhas! tende paciencia... Morreis agora sacrificadas á moral, mas havemos de escrever outro romance para vos reviver, outro romance, que se ha de publicar então em uma folha sem moral, em um periodico corrupto, — com subsidio!

Ás vezes succedia no decurso da nossa narrativa que um de nós recebia do outro a sua gente n'um ponto mau, com as bolas de um bilhar pegadas á tabella. Lembro-me que uma noite, ás duas horas, tive de dar o ultimo golpe de penna em uma das nossas personagens, que ia desaparecer para sempre da tela n'esse capitulo, e que Queiroz me tinha deixado ficar n'uma sala... *com alguns pregos e um martello na algibeira da sua casaca*. Era forçoso explicar de algum modo este romanesco pormenor, tão

dramatico, dos pregos e do martello que o homem tinha comsigo. Queiroz estava fóra de Lisboa, em Leiria, e nada me tinha confiado ácerca do destino que se havia de dar áquella ferramenta. A minha imaginação bronca e tardia nada me suggeria senão este final tragico para o meu capitulo: «*Emfim, meus senhores e minhas senhoras, este gentleman, tão cheio de espirito, de toilette e de drama,— era carpinteiro!*»

Finalmente a personagem lá sahiu de tal ou qual maneira illibada no folhetim immediato, mas o meu primeiro cabello branco nasceu-me n'essa noite.

Mais tarde interroguei Queiroz. — «Para que tinha o homem os pregos e o martello na algibeira da sua casaca?» Mas elle pediu-me que não procurasse arrancar-lhe esse segredo terrivel, com o qual deseja descer á campa. Ninguem pois o saberá na terra!

Dissolvido o Cenaculo, Queiroz alliou-se ao grupo do nosso amigo o engenheiro João Burnay, o qual vivia paredes meias commigo.

Burnay era uma personalidade accentuadissima, profundamente marcada. Tinha um odio instinctivo, intransigente, figadal, a tudo quanto era transcendente e metaphysico. O seu unico inimigo pessoal era Hegel. Abominava a emphase, a rhetorica, o convencionalismo e a *pose*, debaixo de qualquer aspecto com que ella lhe apparecesse. O seu padrão de analyse era — o resultado pratico. Abhorrecia a

musica de Bellini, porque o fazia pallido. Os seus maestros favoritos eram Beethoven e Mozart, o primeiro porque obrigava a pensar, o segundo porque dava a alegria e a bondade. Achava o piano, com os seus faceis effeitos harmonicos, um instrumento pretencioso, complicado, burguez. Preferia a simples melodia singela, fresca e matinal de uma trompa de caça. Nunca referindo-se ás qualidades de alguém, lhes chamava — o merito. Chamava-lhes — os direitos á existencia. Esses direitos consistiam para elle na maior ou menor porção de actividade que cada homem espalha em tórno de si. Os que não produziam essa actividade, na esphera moral, tinha-os por indignos de viver. Não consentia a nenhum dos seus amigos o minimo desaccôrdo entre as suas opiniões e os seus actos. Ainda mesmo quando a opinião era um gracejo, o que tinha graça para elle, o que completava o gracejo era a coherencia. Uma noite sahimos juntos do Passeio Publico; tinhamos pressa; um achou absurdo que tomassemos pela curva que faz a avenida defronte da porta. O logico seria cortar a direito pelo tanque. Burnay approvou isto, saltou á agua e sahiu pela mais curta distancia entre dois pontos. Não se abhorrecia nunca. Considerava o abhorrecimento como um caracteristico infallivel de estupidez, e tinha da tristeza vaga infundamentada esta definição sublime: — Uma com-

binção do amarello com o cheiro da alfazema. Os seus escriptores predilectos eram o americano Emerson, o historiador Buckle e Proudhon. Não bebia nem fumava. Desenhava machinas, pintava aguarellas e montava fabricas. Possuia uma grande massa de factos e de noções praticas, de dados technicos. Conhecia todas as industrias, todas as fabricações, todos os processos, todos os productos e todos os instrumentos industriaes da actividade moderna.

Queiroz respeitava-o como a um mestre. Burnay tinha-o adoptado. Aconselhava-o muito. Demonstrava-lhe que elle nunca seria um artista positivo sem uma solida educação pratica. . . — Porque emfim, dizia-lhe elle, o que és tu hoje na politica? O Massini das salas! O que és tu nas letras? *O Antony* do realismo!

— Isso! isso mesmo! respondia-lhe resignadamente Queiroz. Borboleteia sempre assim sobre mim, fecunda-me com o teu pollen, ó mariposa da industria!

Queiroz tinha effectivamente n'essa época, uma grande carencia de conhecimentos praticos. Um dia, no Minho, Camillo Castello Branco havia-lhe dado mel. Elle ficou pasmado de que o mel existisse. Tinha sempre considerado o mel, que nunca provara senão nas odes do sr. Vidal, como uma imagem rhetorica, creada por Lucrecio, e que Plinio ado-

ptara como mera ficção poetica, curiosa para os naturalistas.

Os amigos de Burnay eram o complemento das suas virtudes e a confirmação das suas idéas. Os mais assiduos em casa d'elle eram Diogo de Macedo, engenheiro florestal da eschola de Nancy e Carneiro de Andrade, da Eschola de minas de Paris.

Carneiro de Andrade vivia extremamente afastado da circulação de Lisboa porque se tinha por incompativel com alguns dos usos, dos costumes e das instituições indigenas. Uma das suas grandes aversões eram os patacos. O pataco para Carneiro de Andrade era um symbolo nacional, em que se reuniam as propriedades de tudo quanto ha máu na terra: grosso como a brutalidade, espêsso como a estupidez, sordido como o vicio, pesado como o remorso, venenoso como a calunnia, falso como a traição! O paiz que adoptava uma tal moeda estava na opinião d'elle julgado. Coherente com a sua opinião, como todo o amigo intimo de Burnay, Carneiro de Andrade sempre que tinha patacos, pegava-lhes com um papel e deitava-os fóra.

Diogo de Macedo era um colosso de bondade. A sua alma era tão grande como a sua estatura, e a sua generosidade era maior do que elle. Ninguem foi nunca mais dedicado ás suas afeições nem mais

fiel aos seus amigos. Se a amizade o atraía ou o retribuía com a ingratição, elle vingava-se dos seus amigos tornando-se irascivel e intratavel com o genero humano. Encontrei-o de uma vez em uma d'essas sombrias disposições da sua alma. Tinha-se mettido n'uma trapeira. Pela manhã entrava-lhe no quarto um aguadeiro, e despejava-lhe um barril de agua pela cabeça abaixo: era a sua *toilette*. Quando tinha fome comprava um pão e comia-o. De quando em quando descia da trapeira ao povoado, com um chapéo carregado nos olhos, embuçado n'uma capa. Uma noite atravessava assim commigo o Rocío. Adeante d'elle um homem disse uma insolencia a uma mulher que passava. Diogo agarrou-o pelas costas, suspendeu-o no ar e atirou com elle a quatro passos de distancia, de bruços, acima do mac-adam. Com este portentoso vigor muscular tinha uma actividade intellectual que lhe permittia trabalhar no gabinete nove horas por dia. Nunca trabalhava menos.

Taes eram os amigos de Eça de Queiroz e tambem os meus. Que elles me perdoem o ter citado os seus nomes! Eu não poderia sem isso fazer sentir este principio: a profunda influencia que têm na educação do espirito e do character as intimidades da convivencia.

Queiroz, possuindo os germens de todas as qualidades do character e de todos os poderes do espirito, teve a sorte feliz de encontrar constantemente no mundo o meio mais apropriado ao seu desenvolvimento. Em cada uma das suas relações cultivou alguma das suas forças. Dos amigos que lhe conheci só um — o que escreve estas linhas — lhe foi inutil. De todos os outros ganhou a fecundação de algum dos seus nativos merecimentos. Uns tinham a veia, a inspiração, a faisca. Outros eram o melhor e o mais alto exemplo da honra, do valor, da abnegação, da coragem. Aquelles possuíam a comprehensão da natureza, o systema do mundo physico e o systema do mundo moral. Estes tinham a sciencia das cousas praticas, o conhecimento dos homens, da sociedade e da vida e o sentimento artistico da distincção e da elegancia. Todos elles offereciam uma physionomia fortemente assignalada, superior.

Conhecel-os era sahir da vulgaridade, salvar-se da rotina, escapar-se ao contagio das cousas rasteiras, emancipar-se para sempre do genero commum, que inspira as magnificencias reles, as pompas pobres, as majestades pelintras.

Como escriptor Eça de Queiroz encheu a sua paleta das tintas mais variadas.

Creou a fonte dos effeitos mais encontrados, dos tons mais novos, mais originaes, mais imprevistos.

Dotou-se de variadissimos conhecimentos adquiridos não tanto nos livros como nas viagens, nas conversações, nos accidentes de uma vida violentamente lançada ao encontro de todas as curiosidades do espirito e do sentimento, de todas as commoções da alma, de todas as sensações dos nervos.

Uma vez sôlto na pagina, o seu pensamento percorre todo o dominio das idéas. Sobe a todos os pontos de vista que dominam o seu assumpto. Encara-o por todos os laços, revolve-o em todos os sentidos, fere-o em todos os aspectos. Passa rapidamente de um extremo ao extremo opposto da questão. Divinisa-a por umas razões, e esbofeteia-a por outras. Veste a sua idéa de brocado, cobre-a de joias, unge-a de perfumes delicados, põe-lhe um diadema; depois dá-lhe uma palmada nas costas e tira-lhe um ôvo da bôcca; bate-lhe no alto da cabeça e puxa-lhe uma fita do nariz; depois leva-a comsigo, pelo macadam, em berlinda de grande gala, ou montada n'um dromedario branco, ou simplesmente arrastada por uma corda, de rojo pelos passeios, limpando a lama. Por fim engasta-a em ouro e craveja-a de diamantes; ou dá-lhe um pontapé e sepulta-a n'uma sargeta.

Tem a viva imaginação de um phantasia, a meiga sensibilidade terna de um poeta e a fria analyse implacavel de um grande critico.

D'esta triplice disposição, d'este triplo poder resulta a sua extraordinaria aptidão de humorista.

No seu estylo, de uma clareza e de uma concisão perfeita, descobre-se a tendencia germanica para a jovialidade violenta e para a melancholia profunda, sombria, spleenatica como a de Henrique Heine e de Carlyle.

Lêde-o. No meio de um texto revôlto, aspero, cheio de aggressivos epigrammas e de mordentes facecias, o fundo do quadro rompe-se repentinamente, ha uma inundação de azul, e, ao longe, um recanto de dôce paizagem apparece, tranquillo e sereno, de uma idealidade ineffavel!

Outras vezes, n'uma pagina elegiaca, pathetica, um trovão estala, uma figura grotesca surge como um espantalho sinistro á luz instantanea do relampago, e os olhos deslumbrados vêem, entre a escureidão, uma coisa extranha, como um clown enforcado n'um estadulho, que oscilla na tempestade tenebrosa.

O estylo de Eça de Queiroz não mostra sómente dispôr de todas as côres; parece tambem usar de todos os ingredientes. Ha trechos d'elle que diriamos feitos com sangue, com lagrimas, com perolas liquidas, com enxurro, com ouro, com lama e com pó de brilhantes. É o processo humoristico.

Vós outros, meus caros homens de espirito, tendes infinita graça por certo, — immensa graça bôa, legitima, portugueza, perfeitamente correcta, perfeitamente litteraria, tudo quanto quizerdes bom, magnifico, optimo, — mas o *humour*, o bom *humour*, aquillo que realmente se chama o *humour* vós não o tendes. Têm-vos dicto que sois humoristas? Isso é que quem vol-o diz conhece tanto o *humour* como o *humour* vos conhece a vós. Não, não sois humoristas. O humorista é Eça de Queiroz.

Não o sois vós porque vos falta a faculdade de crear as grandes violencias que se tiram dos grandes contrastes. Porque não sabeis pôr a tinta que ri ao pé da tinta que chora. Não sabeis dar as grandes gargalhadas convulsas, que soluçam, como quem vae morrer. Não sabeis fazer a sorte difficil, que é a do polichinello pintado a alvaiade, com uma enorme bôcca de vermelhão, com uma corcunda e uma pança, que se acocora, que guincha, que se rebola no chão, e, de repente vos faz uma visagem — que é a tragedia — que vos supita o riso e vos gela o sangue nas veias. Isto — vós — não o sabeis fazer. Quem sabe isto é elle.

A primeira condição do humorismo é a grande qualidade de escriptor que tem Eça de Queiroz: a despreocupaçào absoluta do applauso, o mais completo desprêzo da galeria. Quem governa é a arte.

A galeria applaude ou reprova, é o seu direito... Mas não manda nada.

Ora a maior parte dos homens de espirito em Portugal têm o defeito opposto a essa virtude. Têm medo á galeria, e — meu Deus — não querem comprometter-se...

Não querem comprometter-se, em primeiro lugar, com a grammatica. E conhece-se-lhes isso de mais, porque se lhes vêem as guitas com que elles amararam os regimens aos verbos, como os vendedores de louça prendem as tampas ás azas dos bules — para se não trocarem.

Pois bem! tendes ahi algum verbo que esteja de quarentena nos lexicons por ser de origem espuria? tendes meia duzia de neologismos? dois ou tres adjectivos que vos não sirvam? um adverbio que queiraes deitar fora? Tendes, para virgular, tres *dois pontos* e dois *riscos*?... Não é preciso mais nada! Dae-lhe isso a elle. Vereis essa pitada do lixo desprezado dourar-se como uma abelha, crear azas, bulir-se, erguer-se no espaço, zumbir, morder, resplandecer, cantar ao sol!

Vós tambem não quereis comprometter-vos com o publico. Assim, as opiniões que lhes daes não são propriamente as que vós mesmos fazeis, são as que imaginaes que o publico fez. O publico — já se vê — applaude-vos muito, e cada um dos vossos

leitores accrescenta ao fim dos vossos artigos — E dois!

Sómente, para estes resultados, acho eu que poderíamos talvez deixar inteiramente de escrever, sem se perder por isso grande cousa. Poderíamos mesmo começar a abster-nos de conversar. Bastaria para as exigencias da nossa vida correlativa que olhassemos uns para os outros, e que pensassemos para dentro:

— Ora cá vamos nós todos de accôrdo, por ahi fora! na bella harmonia!

Nos escriptos de Eça de Queiroz sente-se a propensão adversa ao amor da concordia.

É-lhe preciso que a sua opinião lhe pertença e que se não confunda por nenhum modo com a opinião dos outros. Que a opinião do publico seja inteiramente a opinião contraria á d'elle, isso sim! Isso entende se! Resta saber qual d'ellas será melhor. É o que se vae vêr... Então, um sorriso, um cumprimento, um aperto de mão, — e em guarda!

Ha uma prosa que vem collocar-se á noite á cabeceira da cama do publico, que lhe puxa para as orelhas o barrete de dormir, e que lhe diz assim:

— Então, Lulu, não queres ainda nanar? N'esse caso vou contar-te uma historia. A menos que não estimes mais que te coce a cabeça!

E o publico, com os olhos quasi fechados, responde-lhe:

— Pois sim, prosa, mas olha, já que és tão boa, vê se fazes as duas cousas: conta e coça!

Esta não é a prosa de Eça de Queiroz. Não é precisamente para fazer adormecer o seu homem, por mais uma noite, em cima de uma velha idéa, que elle se dirige ao leitor. O seu fim não é adormecel-o, é acordal-o. E que o leitor o discuta, que o raciocine! Que o leitor extremunhado tire a sua idéa velha debaixo do travesseiro, e que lhe atire com ella! Que se irrite, que perca o amor ao somno, que lhe appetença um assalto, e que o leitor acabe emfim por lhe dizer:

— Espera que eu te respondo já! assim o queres, assim o tenhas... Á brecha!

Estas e outras razões fazem com que elle não seja em Lisboa um escriptor popular, e impedem-o de o vir a ser nunca. O publico jamais o ha de incluir entre as suas affeições consagradas. Ha de estimal-o, mas com uma dedicação reservada e secreta, como a das mulheres que não querem ser vistas mas que a dada hora vão a uma janella e seguem pensativamente, de traz de uma gelosia, a figura de certo homem que passa: todos lhe dizem mal d'elle, as suas amigas todas detestem-o, ella porém, — sem a si mesma se atrever a confessal-o — ella, sósinha, sem ninguém mais no mundo o saber, ella ama-o.

As outras razões que impopularisam o meu an-

tigo collaborador, são estas: ter a apparencia, ter a linha, ter o ar, e — sobretudo — ter a toilette. Quatro pobres e inoffensivas jaquetas de manhã feitas em casa de Pool e meia duzia de gravatas compradas em Piccadilly e uma bengala do boulevard des Capucines, fazem em Lisboa mais damno aos creditos de um homem do que uma biographia de indignidades e de baixezas. Reage ainda contra a importação d'estes costumes extranhos a nossa educação patria, sobre a qual no principio d'este seculo pesavam como instituições publicas o briche ennodado da côrte do sr. D. João VI e o burel sebento dos frades.

Não obstante é o que succede em todas as sociedades mesquinhas e pobres. Michelet conta nas *Gueras da Religião* que um dos grandes obstaculos á propaganda da Reforma foi a toilette dos lutheranos e principalmente os collarinhos dos huguenotes. Estes collarinhos, de um aspecto superiormente distincto e aristocratico, eram o alvo dos rancores geraes em uma época em que tinha chegado ao seu maior auge em Paris a popularidade piolhosa dos Capetos realçada pelo sêbo hispanhol importado da Peninsula por Santo Ignacio.

Apesar d'isto os homens de phantasia e de gôsto não puderam em nenhum tempo abster-se da preocupação do vestuario. O vestuario é a expressão gra-

phica, pessoal, de uma philosophia pouco estudada. No *Sartor resartus*, de Carlyle, prova-se como o puritanismo se fixou na Inglaterra por effeito da lembrança que Fox teve de mandar fazer um calção de couro.

Sabe-se a que extraordinario requinte levavam o cuidado de suas pessoas e o esmero de seus vestidos Edgard Poë, Charles Baudelaire, Alexandre Dumas, que durante a sua mocidade punha uma toilette por dia, Victor Hugo, que aos 70 annos de idade ia ás sessões parlamentares da assembléa constituinte de calças á hussard, camisola encarnada e um kepi na cabeça. Conhece-se o celebre *foulard* e a *Saute-en-barque* de velludo predilecta de Alphonse Karr, e o legendario dandysmo do grande Balzac que chegou a deitar um collete vermelho, que fazia febre a madame de Girardin!

Fazer febre, não ás mulheres que nos estimam, mas á critica de uma litteratura por meio de um collette ou de uma gravata, isso é que só em Portugal se vê. Julgará a critica portugueza que ha no mundo algum homem que se vista para lhe parecer bem a ella, para que ella o ache feio ou bonito!... Oh! não. Querida critica, não.

O que escreve estas linhas é insuspeito em semelhantes materias. Eu, meus senhores, estou inteiramente fora das religiões da elegancia. Eu sou um po-

bre diabo de artista, ao qual quem menos casacas talha n'este mundo é o meu algibebe. Aqui têm esta quinzena, a qual fez já oito annos e que eu considero ainda para todos os effeitos da sua vida futura como se estivesse ainda nas fachtas da infancia e acabasse de soltar n'este momento o seu primeiro vagido! Ainda este verão, no mesmo dia em que um jornalista desoccupado insistia em me lançar em rosto pela centesima vez o exaggero dos meus vestidos, um homem era visto, com geral estupefacção das massas, atravessar a cidade com umas unicas e restrictas calças de flanela e uma unica e extreme camisa de chita. Quereis saber quem era esse homem? Era este vosso servo, meus senhores. O' criticos! que menos querereis vós conceder-me para cobrir a minha nudez do que umas calças e uma camisa? Se quereis menos alguma cousa, dizei-o. Pedi licença á policia, e dizei-o! Já agora, não podendo fazer comvosco uma reputação escrevendo, estou resolvido a alcançal-a despindo-me. O meu unico sonho hoje em dia é este:— a gloria, e, se m'ó não levarem a mal— uma folha de parra!



9.^a

A SUA EMINENCIA O SR. PATRIARCHA

Novembro de 1872.

Reverendissimo e eminentissimo senhor — Estamos em dia de finados e tendo de commemorar os nossos mortos praticando uma acção piedosa, pedimos humildemente licença para o fazer dirigindo a vossa eminencia estas linhas.

A manhã nublada e serena está boa para se falar da morte — o bello ideal das imaginações resignadas. O céu côr de lousa parece um marmore coberto por um véo negro. Não bole folha nas arvores. A natureza outonal apresenta uma immobildade suspensa e meditativa. Não ha viração nem sol, nem aves no ar, nem pó nos caminhos: um dia do limbo, como os que devem convir ás almas sem premio nem pena que esperam no infinito.

Chegamos do cemiterio. Das grades que circum-

dam os jazigos pendem corôas de perpetuas côr de milho estrelladas de saudades roxas. Dentro dos carneiros, ardem velas de cera, vicejam ramos de flôres tristes e symbolicas em vasos de porcelana; e longos bambolins de crepe adornam as lapides tumulares de disticos de ouro em fundo negro. Algumas senhoras de vestidos pretos passam silenciosas e graves. Á porta algumas carruagens esperam. Eis tudo o que vimos no cemiterio.

Digne-se agora vossa eminencia ponderar por um momento no que não vimos.

Não vimos a gente pobre. Porque os pobres não têm nos cemiterios onde ir chorar aquelles que lhes morreram. A valla, eminentissimo senhor, é um tumulo collectivo, sem epitaphios, indifferente e mudo, insondavel como o oceano.

Os que morrem na miseria de Lisboa, são como os que morrem sobre as aguas do mar: não têm campa.

Nos terrenos reservados ás sepulturas individuaes não se entra sem uma certa *toilette*, como na superior de S. Carlos. O alto de S. João e os Prazeres são o *Gremio Litterario* e o *Club* — dos mortos. Os esqueletos dos que morrem nas abundancias do *chic* podem alli assestar-se reciprocamente os seus binoculos e cumprimentar-se de uns sepulcros para os outros com as pontas dos dedos. Suas excel-

lencias as ossadas elegantes estão alli em companhia selecta, em *partie fine*.

Os esqueletos da gentalha esses ou se transformaram em herva e esperam ser assimilados a novas existencias por meio dos apparatus digestivos das mulas de vossa eminencia, ou passeiam o Aterro resignadamente cosidos ás nossas polainas em fôrmas de botões.

Não pode ser de outro modo succedendo isto: que morrer, eminentissimo senhor, custa em Lisboa ainda mais caro do que estar vivo. De sorte que a poucos é dado morrer — com decencia.

A egreja a que vossa eminencia tão dignamente preside, logo que se trate de dar o meu corpo á terra, exige-me em propinas parochiaes sommas que reputo abusivas.

O designio da terra sobre o meu corpo morto é simplesmente comel-o, — e aqui se nota já ácêrca dos direitos dos senhores parochos sobre a minha morte uma exigencia original: pedirem-me dinheiro! Entre os viventes o uso geralmente recebido é que o objecto devorado não paga. Eu tenho frequentado os restaurantes e nunca me succedeu que, depois do café, ao quarto de hora de Rabelais, os creados viessem, e para entregar a conta perguntassem — pelo Perú.

Vejamos porém quanto, depois de mortos, a Egreja nos pede para que a terra nos coma.

A tarifa das sacristias divide os preços pelas gradações do luxo, do maximo ao minimo pela forma seguinte :

Em coche, primeiro grau de ostentação; *De berlinda*, segundo; *caixão á cova*, terceiro; *corpo á terra*, quarto.

Pelo morto que vae em coche paga-se á sacristia, simplesmente para que a sacristia deite o corpo ao cemiterio, isto é — como direitos parochiaes sobre a morte do cidadão, 38⁷/₄₀₀ réis.

A *berlinda* está taxada em menos que o *coche*, o *caixão á cova* em menos que a *berlinda*, *corpo á terra* em menos que o *caixão á cova*.

Assim vêmos os direitos parochiaes assentando perfeitamente nas bases de um imposto sumptuario bem medido e bem lançado. Nada se nos offerece oppôr como contradicção ou como censura a que os senhores parochos collectem o luxo.

O que porém nos parece é que a escala sumptuaria deveria terminar na *berlinda*. D'ahi para baixo, desaparecendo o luxo, deveria desaparecer o imposto. Ora o luxo desaparece de facto com a *berlinda*, porque não poderemos nunca, sem um esforço demasiadamente violento, considerar como ostentação faustosa o apresentar-se cada um á beira da sepultura levado por quatro homens. A verdade, eminentissimo senhor, é que, por maior e mais pro-

funda que seja a miseria de um desgraçado, elle não será nunca tão desprovido de meios de fortuna que se submeta a ir para a cova — pelo seu pé.

O unico exemplo que vossa eminencia nos pode citar para justificação d'essa hypothese é Lazaro, que andou em defuncto; mas Lazaro em primeiro logar obedecia á immediata intimação divina, a qual não sei se os srs. parochos estão habilitados a repetir com exito completamente garantido, e em segundo logar quando Lazaro andou, note vossa eminencia que não foi para se metter na sepultura, foi para sahir d'ella, — o que, tratando-se de enterros, é uma circumstancia que altera a natureza dos factos.

Portanto, que um imposto canonico racaia sobre os bens do que vae para o tumulo em coche ou em berlinda comprehende-se; que ainda se não exija dinheiro pelo que é levado á cova por qualquer outro modo, em nome da humanidade declaramos sinceramente a vossa eminencia que nem se entende nem se admitte.

A differença que perante os alludidos direitos parochiaes se estabelece entre *corpo á terra e caixão á cova* é — releve-nos vossa eminencia esta palavra sêcca mas justa — uma brutalidade monstruosa e indigna.

Imagine vossa eminencia que chega ao cemiterio um pobre homem acompanhando o cadaver de sua

mulher ou de sua filha, estirado n'um esquife, na compostura da immobilitade eterna, com os olhos cerrados, com os braços cruzados no peito. Á beira da cova aberta o sr. parochio manda examinar quantos tostões traz na algibeira o desgraçado que acompanha esse mesquinho feretro. Se os tostões do miseravel chegam a perfazer a cifra da tabella, o corpo da defuncta baixa á terra dentro do esquife em que a trouxeram de casa. Se os haveres do pae ou do marido sobrevivente são inferiores ao calculo canonico, a filha ou a esposa morta é descomposta da sua derradeira attitude pelos braços arregaçados do coveiro; o caixão fica em cima sobre a relva; o corpo é levantado na sua rigidez solemne como um poste, e arrojado ao fundo lamacento da valla como um espantalho arrancado das sementeiras pelo vendaval.

Tal é, eminentissimo senhor, a differença que existe nas tarifas parochiaes entre as especies *caixão á terra* e *corpo á cova*.

Quatro táboas de pinho, em que se fecha um cadaver por attenção não direi já ao parentesco ou á amizade, mas ao decoro, ao pudor, á dignidade da figura humana, quatro miseraveis ripas tão taxadas pelo clero do patriarchado lisbonense como uma sumptuosidade cuja permissão suas reverendissimas computam em 87000.

Eminentissimo senhor, isto é um grande mal, não tanto para a humanidade, como para a Igreja. Porque a Igreja, hoje mais do que em tempo algum, se quizer manter illesos os seus direitos espirituaes precisa de conservar-se perfeitamente recta na dignidade e na justiça; e multar a miseria, taxar um preço pecuniario ao decoro, lançar um imposto sumptuario ao pudor, isto, eminentissimo senhor, não é justo nem é digno.

Se vossa eminencia fôr tão bom e tão sabio que se digne desde já ordenar que no seu patriarchado os enterros pobres sejam decentes e gratuitos, vossa eminencia terá por esse facto conquistado santamente e evangelicamente aos inimigos da Igreja um terreno em que a Igreja não tardará a ser rudemente batida pelos seus inimigos.

Um publicista arrojado propoz ha tempos em França que os cemiterios se substituíssem pelas distillações. Não consinta vossa eminencia que se pense que entre a distillação e o enterramento pode algumas vezes não haver senão uma differença: ficar a distillação mais barata.

Bem sabemos que Portugal é um paiz eminentemente catholico e que nos conflictos do poder temporal com o poder religioso o espirito publico pende quasi sempre mais para o respeito dos canones do que para o cumprimento da lei.

No entanto advirta vossa eminencia que bem catholica era egualmente a Hispanha, e veja-se como a legislação civil lá está devorando insaciavelmente os velhos dominios das jurisdicções ecclesiasticas. Ha pouco tempo ainda, no congresso de Madrid, um deputado punha ao ministro dos cultos esta hypothese:

«Quando os conjuges forem casados perante a Egreja mas não validado o casamento d'elles perante os registos civis, como é que para a successão e mais effeitos legaes devemos considerar os filhos procedentes d'este matrimonio?»

O ministro dos cultos levantou-se e proferiu esta simples palavra:

«Adulterinos.»

Depois do que o ministro tornou a sentar-se, e a Hispanha ficcu sabendo com a tranquillidade mais perfeita qual é a lei em que vive.

Ora ao lado do casamento civil está uma cousa que sentimos ser forçados a nomear a vossa eminencia — é o *enterro municipal*.

Accresce que o Evangelho manda enterrar os mortos por caridade e não por modo de vida.

Nas constituições d'esta diocese colligidas pelo licenciado João Serrão lê-se no titulo xvi, «que o uso de sepultar os mortos é pio e obrigatorio.» E na parte que respeita ás esmolas que os clerigos hão de receber decreta-se nas mesmas constituições que

«Se o defuncto for notoriamente pobre, não o obriguem a fazer cousa alguma pela sua alma; *antes lhe façam o enterramento sem lhe pedir esmola*; e quando não fôr notoriamente pobre, se comtudo o fôr em modo que não possa cumprir tudo o costumado, o parocho o não obrigue a fazer mais do que puder.»

Concluindo, sem citarmos os Santos Padres e os concilios, inclinamo'-nos com o mais profundo respeito aos pés de vossa eminencia reverendissima.

A SUA EMINENCIA

Outubro 1874.

Excellentissimo e eminentissimo sr. Cardeal Patriarcha. — Em uma das egrejas de Lisboa um sacerdote disse ultimamente, no meio de uma pratica evangelica, que Victor Hugo havia sido excommungado pelo Summo Pontifice, que os seus livros estavam no Index Expurgatorio e que todo o fiel que os lêsse, os comprasse ou os possuísse, estava por esse facto incurso nas penas canonicas. Uma senhora, que ouviu a pratica alludida, referiu ao seu confessor que possuia os livros condemnados, e consultou-o ácêrca do destino que lhes devia dar. O confessor

opinou que a penitente queimasse os livros. Ella queimou-os.

Eis, eminentissimo senhor, o facto que eu tenho a honra de trazer ao conhecimento de vossa excellencia, pedindo venia para o acompanhar de alguns breves commentarios.

Em materia religiosa o estado dos espiritos em Portugal é o seguinte: As mulheres são devotas. Por varias razões. Umas por educação, outras por inclinação mystica, outras por sensibilidade nervosa, algumas por medo, o resto por moda.

Os homens, em geral, são indifferentes. Uns por simples atonia do espirito, irreflexão, frivolidade, descaso de todas as cousas superiores e elevadas; outros por systema partidario, odio ultra liberal aos padres, opposição economica ás irmandades, ás confrarias religiosas, ás corporações de mão morta; um pequeno numero por convicção philosophica; o resto por carencia absoluta de convicções e de crenças de qualquer natureza e de qualquer especie.

A comprehensão do ente supremo, a idéa de Deus como nucleo da vida moral ou como foco dos destinos eternos, essa é inteiramente alheia ao que nós chamamos geralmente em Portugal a devoção ou a indiferença.

Para a parte da christandade sujeita ao baculo de

vossa eminencia Deus é como um elemento que os mathematicos chamariam perecível, um valor que não entra no calculo se não de um modo contingente e transitorio. É uma personagem figurada e rhetorica, uma convenção official, uma especie de soberano que reina mas não governa, que tem a sua côrte, a sua aristocracia, os seus ministros responsáveis, os seus aulicos, os seus rebeldes, os seus intrigantes, os seus espiões, os seus chefes de policia.

Suppõe-se que foi Elle quem organisou e poz em movimento todo este machinismo, fez o seu discurso da corôa, e encerrou-se em palacio.

Quem tem que requerer, que expôr, que interrogar, dirige-se aos poderes constituídos, por via das estações competentes.

Querem ir para o céu? Procurem o sr. Radmaker.

Appetece-lhes a bemaventurança? Esperem um boccadinho, que o sr. padre Grainha vem ahi já.

É questão disciplinar? é questão canonica? é casuistica? Querem saber se podem comer ao mesmo repasto safo de caldeirada e bife com batatas? Se na *Ave Maria* a palavra *ave*, dicta pelas temporas não quebrará o jejum? Vão ao *Bem Publico* e falem com o sr. Sousa Monteiro, o grande doutor da Igreja e da Alfandega!

Ha um primo que queira casar com uma prima? É caro isso, vá á Nunciatura!

Ha um primo que queira casar com outro primo? É ainda mais caro, vá á Nunciatura tambem!

Fez-lhes mal ao figado a agua de Nossa Senhora de Lourdes? Não lhes curou a gôttá a agua de Nossa Senhora de La Salette! Queixem-se ao sr. abbade Miel, é com elle esse serviço. O sr. Pinto Coelho da agua benta.

Tendes velhos vicios vergonhosos? antigos crimes nefandos? pesa-vos na consciencia um homicidio, um roubo, uma calumnia? Ide amanhã ao jubileu á Graça, ha indulgencias plenarias!

Verdadeiramente, eminentissimo senhor, com esta distribuição de trabalho, Deus escusa-se, Deus, n'este sentido canonico, desaparece do mundo, perde-se nas surdas solidões infinitas do céo; fica sendo, como dizia o sr. Cousin, o rei solitario, desterrado n'um throno deserto no meio de uma eternidade silenciosa.

Ora ao espirito dos homens de hoje repugna esse velho Deus longinquo, substancial, transcendente, separado do mundo como a força separada da materia, como a alma separada do corpo. O principio scientifico da connexão universal refuta a cançada existencia do antigo Jehovah.

O velho Deus fixo e quêdo só era comprehensivel no meio do antigo céo immovel. Só quando se dizia

Super lunam æterna sunt omnia é que se concebia extatico o supremo espirito. Hoje o céo é para os sedentarios de uma habitação incommoda.

Das seis estrellas da Ursa Maior, — a amavel e discreta vizinha da minha agua furtada, — cinco afastam-se da terra com a rapidez de vinte oito kilometros por segundo, ao passo que uma, a estrella *alpha* vem para nós com a velocidade de cêrca de setenta kilometros. De modo que de cem mil em cem mil annos a constellação desfigura-se e a Ursa transforma-se. A estrella Polar anda 58 milhões de kilometros por anno; Sirius 1:200 milhões; Arcturus 2:000 milhões. O sol, com todo o seu systema, desloca se constantemente no espaço. A terra avança em cada anno 444 milhões de kilometros sobre as estrellas *c* e *d* da constellação de Hercules.

Depois de Roemer e de Richer o céo, eminentissimo senhor, é a immensa rêde dos caminhos ethereos em que os astros todos tomam o trem expresso e viajam no ar.

A immobilidade, assim como não existe entre os homens, deixou de existir nas alturas.

Uma só lei, a da eterna transformação, abrange o universo e a natureza inteira.

Cessaram as immobilidades olympicas, as entidades metaphysicas e as causas particulares dos phenomenos.

Está demonstrada a unidade mechanica e a unidade chimica do Universo. É sobre estas demonstrações já feitas que se ha de basear a unidade moral. E esse é o trabalho da philosophia, é o legado da religião.

Deus não pode já ser a hypothese de Laplace.

O scepticismo desapareceu. Ás intelligencias fortes e esclarecidas já não é permittida a duvida. Quem não tem crenças tem pelo menos convicções. A humanidade adquiriu finalmente a posse definitiva de uma porção de verdade geral e absoluta.

Por um lado já se não crê unicamente; demonstra-se. Por outro lado já se não duvida apenas; nega-se.

O pensamento moderno perdeu a sua antiga attitude passiva, desalentada, incerta, o seu falso ar satanico, romanesco; e caminha firme, valoroso, simples e forte.

Quando os conhecimentos positivos se encontram hoje com as tradições religiosas, estas caem. Quando a razão embate agora no dogma, já o não escarnece, já o não insulta, como faziam os livres pensadores antigos. A razão deixou de ser impia. Não affronta os dogmas. Faz outra cousa: anniquila-os.

E todavia ha uma verdade no fundo da religião, assim como ha uma verdade no fundo da philosophia.

A mais elevada aspiração do homem, o maior monumento dos seculos, o mais vasto e profundo trabalho do espirito, a obra immortal da Egreja não pode ter por base um equivoco.

Eliminar o antagonismo entre a verdade religiosa e a verdade scientifica foi em todos os tempos o mais vivo e o mais ardente desejo dos grandes sabios, dos grandes theologos, dos mais venerandos padres do christianismo.

Este antagonismo, eminentissimo senhor, encerra hoje mais perigos do que nunca. Porque o conflicto que d'elle resulta não perturba unicamente a esphera das idéas, envolve tambem os factos politicos e arrasta as instituições sociaes.

N'esta gravissima conjunctura, perante a mais violenta crise que tem atravessado a Egreja dentro dos dominios da controversia, como é que o clero do Patriarchado de Lisboa comprehende os meios de alliar as consciencias no tranquillo seio de Deus, na pacifica alma do Universo? Ordenando ás nossas mulheres que queimem os nossos livros!

D'este facto particular deduz-se a lei geral de um programma conhecido. Não se trata de uma alliança, trata-se de uma guerra. O clero não se concilia; reage. Não se contenta com que o não persigam, quer elle mesmo perseguir.

Comprehendendo e respeitando muito, eminentissimo senhor, este sentimento de fervor e de zêlo por uma causa que se tem por justa e por boa, eu não posso deixar de lamentar que, optando pela perseguição como linha de conducta, o clero lisboense ataque o pensamento queimando os livros. O que era logico era queimar os auctores.

Substituir como instrumento expurgatorio a fogueira do Santo Officio por um modesto fogo de salão é uma decadencia triste.

Compare se este recente supplicio applicado a Victor Hugo com o supplicio de Hooper, descripto por Michelet.

Hooper era como Victor Hugo um impio. A Igreja resolveu queimal-o. Deitou-se-lhe fogo por tres vezes. Primeiro, a lenha era pouca. Depois era verde. Por fim o vento desviava a chamma, as labaredas não subiam, o fumo não suffocava o condemnado. De modo que o hereje estava já queimado até o meio do corpo e gritava ainda: «Mais lenha por caridade! mais lenha, bons homens! mais lenha!» Tisnaram-se-lhe as pernas e separou-se-lhe a carne dos ossos. O ventre estalou e as entranhas sahiram. Ennegreceu-se-lhe a cara. Arderam-lhe as pestanas e o cabello. Por fim deixou de gritar. A lingua inchada cresceu para fora da bôcca. Ainda assim vivia. Os espectadores viam-o esphacelar-se. O san-

gue e a gordura escorriam e rechinavam com o lume. Elle batia no peito com os punhos negros. Em volta da fogueira a multidão commovida soluçava, e de todos os olhos corriam as lagrimas.

Com as mulheres o systema era outro. Como o fogo começava por devorar os vestidos, via-se a branca nudez feminil, que tremia, lambida pelas chammas. O espectaculo era tão pavoroso que a Egreja teve um abalo de pudor e tomou uma resolução mais delicada. As mulheres que incorriam em heresia — como por exemplo uma mãe por não denunciar seu filho que lia a biblia — eram enterradas vivas. Fazia-se-lhes nm caixão, á medida do corpo, como para os mortos. Sómente mais solido. Sobre o caixão, em vez de tampa, atravessavam-se varões de ferro pregados ás grossas táboas lateraes do esquite. A hereje ficava dentro. Desciam-a assim ao fundo da cova. Umas concentravam em Deus todo o seu pensamento, evocavam toda a sua coragem. Cerravam os dentes, immobilisavam-se no terror, e deixavam-se ir para a morte como se já fossem espectros. Outras reagiam. Gritavam. Choravam. Enraiveciam-se. Despedaçavam se contra os ferros. Desfaziam as unhas, a carne dos dedos e o rosto. Depois imploravam, diziam meiguices, não queriam acreditar na morte, sorriam ternamente — com um sorriso ensanguentado. Por fim uma pouca de terra

cahia-lhes de cima na bôcca. Calavam-se. E, no meio d'aquelle subito silencio, a terra ia cahindo a pouco e pouco até se encher a cova e se fazer sobre ella o pequeno cômodo funebre das campas.

Hoje, em vez d'isso, um simples phosphoro! A Igreja não pode inteiramente prescindir d'esse pequeno symbolo amorpho! Um phosphoro e um livro que se queima tranquillamente na chaminé de uma sala!

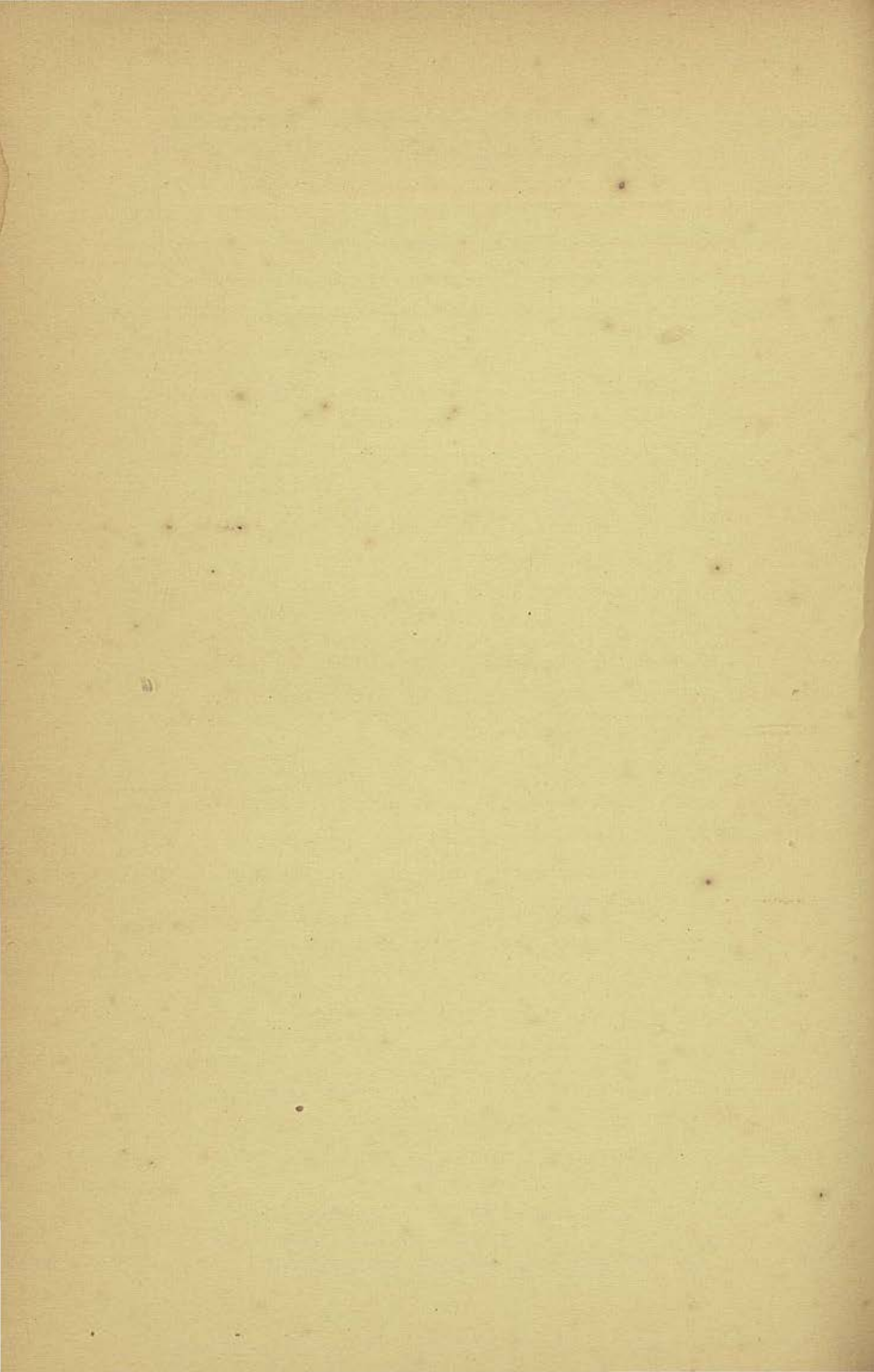
Mas os fins são ainda os mesmos. É sempre um pensamento que se procura extinguir. É uma voz que se abafa. E uma palavra que se suprime. Já não é mau! Mas o processo é ridiculo. Querem guilhotinar. Muito bem! Ponham na sua machina um gume de aço. Não cuidem degollar-nos com um cutelo de sêbo!

Depois, se o padre em vez de prégar os sentimentos elevados que nos approximam de Deus — a caridade, a fraternidade, o amor, o dever — resolve pelo contrario penetrar e intervir pela direcção espirital das nossas mulheres na organização interior das nossas casas, na mesa pelo jejum, na alcôva pela penitencia, na bibliotheca pela censura, n'esse caso o padre vae longe de mais, e arrisca-se a ficar debaixo da mina que procura furar.

Fica bem á Igreja o valor, e a todos os christãos

apraz certamente vê-la poderosa e forte. Creia-me porém vossa eminencia; a espada que n'este momento lhe convem, para o bem dos homens e para a gloria de Deus, não é a espada da guerra, é a espada da justiça.

Tenho a honra de beijar com o maior respeito a purpura sagrada de vossa eminencia.



DE AGRADECIMENTO À CÔRTE

A cerimonia da investidura da ordem do Tosão de Ouro ao sr. Fontes Pereira de Mello foi um espectáculo profundamente edificante.

Sua Majestade El-Rei, toda a real familia e toda a côrte achavam-se reunidos ás 2 horas da tarde na sala do throno do palacio da Ajuda.

O Sr. D. Fernando, padrinho do recepiendario, foi o encarregado de ir perguntar-lhe a uma sala proxima se elle consentia e era de seu agrado receber a condecoração offerecida pelo rei de Hispanha.

O Sr. D. Fernando voltou momentos depois e declarou á côrte que era do agrado do sr. Fontes aceitar a distincção que lhe ia ser conferida.

Foi em seguida introduzido na sala do throno o referido sr. Fontes, e o ministro de Hispanha na

côrte de Lisboa, o sr. duque de Tetuan, dirigiu-se ao agraciado nos seguintes termos:

«El-Rey catholico, jefe e soberano de la insigne orden del Toson de Oro, para demonstrar la estimacion que hace de V. Ex., y esperando se empleará en el mayor lustre y exaltacion de esta insigne orden, ha elegido a V. Ex. por caballero confrade de ella, y, antes que reciba V. Ex. el collar, falta que declare si está armado caballero.»

O sr. Fontes respondeu: «Sim.»

Depois do que cahiu com os dois joelhos no chão, e pondo a mão direita sobre os evangelhos abertos em uma credencia e a mão esquerda sobre um crucifixo, ouviu de cabeça inclinada o juramento, que lhe foi lido pelo primeiro secretario da legação de Hispanha na seguinte formula:

«Jura V. Ex. sostener los derechos del jefe soberano de la orden y emplearse en mantenerla en su estado y honra, si consentir padezca disminucion en cuando pueda V. Ex., prometiendo observar religiosamente sus estatutos y ordenanzas en todo lo que no sean contrárias á lo que deve y está obligado en servicio de su magestad el-rey de Portugal y de los Algarves, ni si oponga su nacimiento y rango, que tiene cerca de su magestad fidelissima?»

O sr. Fontes respondeu:

«Assim o juro, assim me ajude Deus e todos os meus santos.»

Prestado esse solemne juramento o sr. Fontes passou a ajoelhar aos pés de Sua Majestade, e o sr. duque de Tetuan depoz o collar nas mãos de el-rei. o qual, auxiliado por el-rei o sr. D. Fernando, lançou a veronica ao pescoço do agraciado.

O ministro de Hispanha disse:

«La orden recibe V. Ex. en su amigable compañía en señal do lo qual os pone este collar: quiera Diós lo traya V. Ex. muchos años a honra y gloria suya.»

O sr. Fontes, collocando a mão sobre o coração, exclamou:

«Deus me dê graça para isso.»

N'esse ponto Sua Majestade el-rei interveio do alto do seu throno, lançando esta phrase concludente e profunda:

«Em nome do Padre, do Filho e do Espírito Santo!!!»

O sr. Fontes estava cavalleiro da insigne ordem do Tosão de Ouro. Faltava-lhe apenas ser abraçado pelos seus irmãos d'armas, el-rei o Sr. D. Luiz e el-rei o Sr. D. Fernando. Foi-lhe conferido o abraço e ficou a cerimonia consummada.

Affirmam-me pessoas de todo o credito, testemunhas presenciaes do acto, que tudo isto se passou no meio de uma seriedade imperturbavel.

Eu que o escrevo, nós outros, bons burguezes chãos, que fazemos a nossa barba em chinelas de frente de um espelho collocado á janella; nós que calçamos, em vez de borzeguins estrellados com esporas de ouro, um par de solidos sapatos de bezerro com duas solas e os seus competentes atilhos; nós que, em lugar do boldrié bordado pelas mãos da belleza suspendendo a espada gloriosa de nossos antepassados, nos contentamos em deitar apenas aos hombros uns suspensorios de flanela encarnada; nós que, em vez de atacarmos os infeis, principiamos o nosso dia por atacar ao almôço um bife com batatas; nós que, sahindo para a rua, não com o estandarte da fé em punho mas sim com um guarda-sol debaixo do braço, vamos á nossa vida em lugar de irmos á conquista do santo sepulcro; nós outros, filhos de Voltaire e de Danton, temos uma certa difficuldade em comprehender tudo quanto ha de extranho, de gothico, de inverosimil, de paleontologico

em os usos da vida dos filhos de Godofredo de Buhões, de S. Luiz e de Carlos Magno.

Eu consagrei á meditação d'este phenomeno um bom charuto, accendi-o, metti-o ao canto da bôcca, e, sem lenço ao pescoço, em camisa de dormir, com a minha jaqueta de trabalho, estatelei-me na cadeira de braços, encruzei os pés em cima da banca, e fumei esse charuto recolhidamente, olhando para o tecto e procurando compenetrar-me da situação enquanto digeriria o chocolate do almoço e a leitura dos jornaes da manhã.

Pareceu-me então vêr eu mesmo esse curioso espectáculo, como se um pintor archeologo m'ò estivesse pintando a fresco sobre a parede.

O sr. Fontes, de ponto em branco e em jejum natural, velando as armas no santuario do castello, á luz da sagrada lampada, abraçado á cruz da sua espada em frente do retabulo byzantino da Virgem del Pilar.

A entrada do Sr. D. Fernando na capella á hora de prima. O intruso ergue a viseira do elmo, o neophyto reconhece no mysterioso cavalleiro o rosto amado de seu padrinho e cae soluçante em seus braços.

— Ajoelhae, ó nobre escudeiro Antonio Pereira! ajoelhae para que eu vos arme cavalleiro, qual outro Bayard, em nome de Deus, de S. Miguel e de

S. Jorge; ajoelhae para que eu vos toque por tres vezes no hombro com a prancha da minha espada, e extendei para mim o pé para que eu vos calce as esporas de ouro; mas antes d'isso prestaes juramento, sem o que não podereis cingir espada á cinta nem vestir cotta de brazão de armas. Jurae que não poupareis nem a vossa vida nem os vossos bens para a defesa da religião, jurae que fareis a guerra aos infieis, jurae que protegereis o orphão e a viuva.

E o noviço, para o fim de cingir espada em vez de a trazer ao pescoço como até ahí, faz a jura.

O cavalleiro entra armado na sala do throno, de camisa bordada a ouro, justilho de pelle de bufalo e cotta de armas com o brazão dos Antonios Marias.

A côrte jubila porque nenhum outro pagem ou escudeiro é mais que Antonio Maria, esforçado, bem disposto, gentil e galã. Todos o viram voltar da Palestina com a sua espada gottejante de sangue infiel; todos o viram sempre o primeiro, discreteando com as damas nos saraus do castello, cantando trovas ou canções de gesta, ou suspirando rimances ao som do bandolim. Quem mais lanças que elle quebrou nos torneios pela sua dama, ou nas batalhas pelo seu rei e pelo seu Deus?

Nenhum outro, a não ser talvez um pagem não menos fiel, o nobre duque de Avila e de Bolama, da

illustre estirpe dos Antonios Josés d'Avillas. Como o pagem Fontes, o pagem Avila é galanteador com damas, discreto com cavalleiros, famoso em torneios e em côrtes de amor; a sua espada leal por mil vezes se tingiu no sangue de mouros.

Receava-se que á entrada do novel cavalleiro na sala do throno, o paladino d'Avila vendo que o paladino Fontes traz na cotta de armas o brazão dos Antonios Marias, emquanto elle não pode trazer na mesma cotta o brazão dos Antonios Josés, o reptasse de puro despeito para combate singular em campo cerrado.

O d'Avila, porém, encarando com o de Mello na sala do throno, não investe com elle de lança em riste, como se temia. Em seu animo altivo poude mais a generosidade do que a colera. O duque reprime em si os effeitos de emulação. Apenas os que lhe estão mais proximos no capitulo o vêem desatar em chôro, morder os punhos cerrados e bradar com voz cava:

— A minha espada! a minha fina espada de Toledo, a minha adaga de Tunis e o meu corcel marroquino! Hei sêde de victoria nos campos da peleja por minha dama, por meu senhor rei, pelo meu Deus e por meus santos e santas! Deixae-me voltar a combater o turco, e bofé que eu vos ensinarei o que é um paladino!

E, soltando taes vozes, vêem-o bater com suas sapatas de ferro os tijolos esmaltados da sala de honra; vêem-o descer a quatro e quatro os degraus da escadaria, atravessar correndo a ponte levadica, cavalgar de um pulo o ginete que o espera no planicie seguro por um palefreneiro, e, cravando lhe os acicates nos ilhaes, desaparecer no horisonte, mysterioso e terrivel, envôlto em um turbilhão de poeira.

No emtanto tangem no Castello as charamelas festivaes porque o rei lançou ao pescoço do cavalleiro Fontes o collar do Tosão de Ouro, d'essa ordem insigne creada por um monarcha patusco e frecheiro para celebrar no proprio dia do seu casamento a loura formosura dos cabellos da sua amante.

Accendem-se os tocheiros e os lustres.

A iluminação do sarau, coada pela vidraçaria colorida dos gothicos balcões, estende-se ao longe na paizagem silenciosa.

As salas são juncadas de flôres, e para celebrar a entrada do novo cavalleiro na ordem ha banquete real, segundo o programma de Oliver de la Marche para as festas do duque de Borgonha Carlos o Temerario, ou pela forma descripta por Froissart no banquete offerecido ao rei de Portugal pelo duque de Lencastre, no seculo xiv.

O principe está ao fundo sob o docel, os demais

convivas ao longo das mesas, em bancos cobertos de tapessarias e de coxins brazonados.

Tocam as buzinas. Os manjares, trazidos por nobres montados a cavallo, são apresentados ao príncipe por um senhor que para esse fim se ajoelha; e levados em seguida ao cavalleiro trinchante.

Nos bufêtes e nas credencias está exposta, entre festões de rosas, toda a real baixella.

Talvez que o leitor me pergunte: se a côrte portugueza vive ainda como na Edade-Média, se estamos em pleno regimen da cavallaria, no tempo dos torneios, das côrtes de amor e das côrtes plenarias?

Não, a côrte portugueza vive tão burguezmente como nós outros obscuros mortaes. A côrte usa chapéo alto, botas de cano, camisola de flanela e collarinho postigo. Paga renda de casa, paga o imposto pessoal, paga os tres por cento para a viação, compra bilhetes da loteria, aluga de quando em quando o seu camarote em S. Carlos, vae fazer a barba ao Godfroy e lê as folhas no Gremio.

Mas, observará ainda o leitor, com esses costumes tão praticos e tão modernos, como pode a côrte armar a serio um cavalleiro segundo o cerimonial mais remoto de uma idade extincta?

A côrte, resuscitando esses velhos usos e prestando-se a pôl-os em scena com a compostura mais engraçada e com a gravidade mais comica,

tem a meu vêr um unico fim, que é recrear os povos.

A razão por que o sr. visconde tanto ama a liberdade é que elle, sr. visconde, nasceu livre; S. Ex.^a affirmou-o n'um brado de enthusiasmo, batendo com o punho cerrado sobre o coração; os paes de S. Ex.^a nasceram tambem livres. O enthusiasmo ardente de S. Ex.^a subiu de ponto ao declarar que seus paes tinham nascido livres! Esse enthusiasmo commuiçou-se á camara, e foi no meio de uma commoção profunda e de vivos e prolongados applausos que o sr. visconde fez sentir ao parlamento e ao paiz que nem seu pae, nem sua mãe, nem elle proprio, haviam jámais arrastado as algêmas da servidão!

Eu assisti, como digo, a todos esses espectaculos. Devo, porem, dizer, embora me arrisque a ser suspeito de lisonja palaciana, que nenhum d'elles me recreou tanto como o da investidura da ordem do Tosão de Ouro ao sr. Fontes Pereira de Mello, espectaculo que, graças á publicação do programma respectivo, eu pude reconstituir e fazer passar por deante dos meus olhos no tecto do meu quarto, no espaço de fumar um charuto, depois do almôço.

Antigamente eram os plebeus que tomavam o encargo de divertir a nobreza sahindo á rua em dias de regosijo com as suas sarabandas de negros e de patifes. Hoje é a nobreza que se incumbe de rego-

sijar o povo com as suas mascaradas de cavallaria antiga.

Ora, este divertimento não figura no orçamento geral das despesas do Estado, a côrte não leva nada por elle, a côrte faculta-o gratuitamente ao recreio dos proletarios e das classes médias. Nunca lh'o agradeceremos bastante, porque o theatro de S. Carlos custa dinheiro, os concertos musicaes e os discursos do sr. visconde de Arriaga são pagos pelo diletantismo, a procissão dos Passos é paga pelos devotos; e sómente a investidura do Tosão de Ouro é de graça.

Pela parte que me toca não tenho que dizer senão uma cousa: muito obrigado, meus senhores, muito obrigado!

AO SR. ANATOLIO CALMELS

(Sob o pseudonymo de Simplicio Feijão)

Ex.^{mo} sr. Anatolio Calmels, academico de merito, auctor do grupo do frontão do palacio municipal de Lisboa, etc., etc., etc. — Horticultor do meu officio, peço reverentemente desculpa a V. Ex.^a, de me intrometter n'uma questão de pintura, a que não seria chamado se, a proposito d'essa questão V. Ex.^a não tivesse mettido a foice na minha ceara, dignando-se de emittir a sua valiosa opinião ácêrca da bem conhecida planta hortense a que vulgarmente chamamos *cebola*, e a que V. Ex.^a, no estylo que lhe é peculiar, chama tambem e mais poeticamente *bulbo*.

Hontem á tarde, depois de eu ter procedido como de costume á rega das minhas couves (*oleraceæ apianæ*, ex.^{mo} sr. ! vulgo tronchudas) sentei-me a lêr as folhas debaixo da figueira do quintal, — logar que

adopto de preferencia para os meus estudos no tempo dos figos, porque d'este modo adquiero o saber, e espanto conjunctamente os pardaes.

No decorrer d'essa leitura deparou-se-me no *Jornal do Commercio* a tão substanciosa critica de V. Ex.^a á ultima exposição de pintura da Sociedade de Bellas Artes, em Lisboa, e n'esta critica — com relação á obra de uma senhora que entre outros, expõe sob o n.^o 122 um quadro representando cebolas — as seguintes textuaes palavras:

... *Não podemos dispensar-nos de censurar a escolha do quadro 122. Tão lindas mãosinhas mechendo em cebolas!... Um bulbo feio, unicamente bom para fazer chorar as cozinheiras... Quanto mais agradavel seria copiar flôres ou fructas!*

Esta opinião na bôcca de V. Ex.^a, esculptor da côrte e da municipalidade, commendador e critico da academia, mestre de nobres artes e conselheiro esthetico das altas classes dirigentes, figura-se-me perigosa para o criterio geral que se applica á pintura — com a qual evidentemente não tenho nada — e bem assim para o criterio que igualmente se applica á cebola, e é esta ultima parte a que especialmente me respeita e afflige.

Das palavras acima transcriptas, deduzem-se os seguintes fundamentaes principios de critica:

Primeiro — V. Ex.^a entende que são dignos de

censura os pintores que escolhem para os seus quadros assumptos feios!

Segundo — V. Ex.^a acha que a cebola é feia!

Terceiro — V. Ex.^a cultiva poeticamente nos alegretes do seu peito, entre o que podemos chamar as suas *flôres d'alma*, a convicção catita de que as meninas de mãos lindas não mexem em cebolas!

Decomponho nas suas respectivas partes a opinião de V. Ex.^a, afim de pôr bem a claro quanto um simples erro de critica, dada a estreita solidariedade da arte com todos os demais phenomenos sociaes, nos escangalha tudo; e como levantando unicamente para as cebolas a sua mão sábia mas imprudente, V. Ex.^a desalicerça e derriba pelas bases, juntamente com a arte, a esthetica, a educação e a moral. É o que passo a demonstrar, contrapondo no estudo d'esta questão, ao ponto de vista da Academia, em que V. Ex.^a discreteia para uso interno das classes cultas, o ponto de vista da horta em que pela minha parte eu sacho o feijão, mondo o faval e disponho o cebolinho para a arraia miuda.

Com relação á censura em que incorrem perante o conspicuo parecer de V. Ex.^a os pintores que nos seus quadros preferem os assumptos *feios* aos assumptos *bonitos*, offerece-se-me ponderar humildemente, que, vindo a communicar-se uma tal maneira de vêr e de julgar aos criticos d'arte em geral e aos

jurys de admissão de quadros nas galerias em particular, veríamos condemnar, por motivo de se não acharem nos casos que V. Ex.^a prescreve, os mais notaveis pintores, e desaparecer successivamente tudo quanto ha de mais bello pelos museus d'esse mundo de Christo, que eu tenho percorrido no meu trafico dos legumes, olhando o meu pouco para os paineis nas horas vagas das minhas investigações internacionaes sobre as cebolas, albarrãs e outras, com que me governo.

Entrelembro-me, por exemplo, que no museu de Madrid existe indecorosamente uma composição perpetrada por um tal Velasquez, sem vénia de V. Ex.^a, composição inadvertidamente considerada até hoje uma das primeiras maravilhas da pintura e que todavia não representa mais que uma indigna reunião dos mais sordidos bebedos que tem visto estes meus olhos peccadores, depravados em espectaculos analogos nas nossas galerias nacionaes da Perna de Pau e da Rabicha.

No Louvre, a grande obra prima de Geraldo Dow representa com igual indecencia, se a memoria me não falha, a celebre *Mulher hydropica*.

No mesmo Louvre, a perola de Murillo, se me não atraioam as minhas reminiscencias, tem por assumpto um pequeno mendigo esfarrapado e sujissimo, figurado pelo auctor no acto de catar — com licença

das barbas academicas de V. Ex.^a — o piólho... E não o piólho nobre — note-o V. Ex.^a — não o piólho belligerante do guerreiro, nem o piólho asceta do anachoreta, mas o que ha de mais piólho em piólho — o piólho do podre de pedir... sevilhano!

No museu de Londres, só os titulos dos quadros de William Hogarth, *Harlot's progress* e *Rake's progress*, bastariam para fazer reprovar com ignominia a obra do primeiro pintor da Inglaterra, ainda quando no dicto museu se não achasse o retrato do artista, feito por elle mesmo e tendo na cabeça o seu barrete de dormir, quando pela notavel regra da flôr enunciada por V. Ex.^a seria uma corôa de louros, ou, quando menos, um chapéo de bicos o que elle deveria ter... na frente! Como cumulo de impudor artistico foi ainda este desprimoroso Hogarth o mesmo que para fazer arripiar de pejo todos os cabellos de V. Ex.^a, compoz um tratado de esthetica, tendo por base o celebre aphorismo attribuido a Alberto Dürer: — Toda a preocupação da belleza é inutil na arte.

Na Haya ha outro desacato á mimosa theoria de V. Ex.^a E' a licção de anatomia, do impudico Rembrandt, quadro em que a principal figura, em es-corço no primeiro plano, é o cadaver de um operario nú e em principio de decomposição, com os pés côr de azeitonas de Sevilha.

No museu Van der Hop, em Amsterdam, ha, salvo erro, outra tela meio devorada n'um incendio e contendo os restos de uma outra *licção de anatomia* ainda mais torpe que a de Haya, porque o cadaver tem o craneo cerrado e o cerebro á vista.

Em Harlem, a terra das — se V. Ex.^a não leva a mal que o diga — cebolas e egualmente de Franz Hals, o quadro mais extraordinario d'este mestre assombroso representa alguns velhos burguezes insignificantes e feiissimos, os famosos *regentes do hospital de Santa Izabel*.

No museu de S. Petersburgo o melhor Paulo Potter que se conhece e que ahi existe, intitula-se: (Perdôe-me V. Ex.^a, pelo amor de Deus o dizel-o) — *La vache qui pisse*.

Com estas e mil outras porcarias, que não descrevo todas para me não tornar excessivamente nojoso aos olhos aristocraticos e limposos de V. Ex.^a, teriamos ainda que expungir das collecções de arte, nos termos em que V. Ex.^a as deseja, todas as sarbulhadas de Goya; todos os maltrapilhos de Calot; todos os judeus intonsos e porquissimos de Rembrandt; todas as bambochatas, todas as orgias, todos os clisteres de Jan Steen, o qual todavia Reynolds comparou a Raphael; todos os beberrões, todos os charlatães, todas as tabernas e todos os estabulos de Van Ostade, de Metau, de Van de Velde,

de Teniers; todas as vaccas, bois e bezerros de Paulo Potter; todos os burros de Karel du Jardin; todos os cães de Despartes e d'Oudry; todas as capoeiras de Hondekoeter; todas as cozinhas de Wilhelm Kolf; todos os almoços de Davidz de Hom; todas as naturezas mortas de Angelo Cerquosi, de Fyt, de Veenix e do grande Chardin.

Todas estas obras cahiriam fatalmente reprovadas ante a censura de V. Ex.^a, porque não só ha cebo-las em algumas d'ellas, mas ha muitas outras provisões de bôcca, ha innumerous instrumentos e utensilios asquerosos de cozinha, ha estrebarias com todos os seus accessorios, ha animaes immundos e animaes incontinentes, ha toda a especie de sevandijas, ha defunctos, ha animaes mortos, ha bombas portateis molierescas e ha vasos rabelaiseanos, cujo aspecto carnavalesco, inteiramente ché-ché, infunde nas imaginações desregradadas uma alegria perversa.

Nem um só quadro entre todos esses, de que não pudessemos dizer com dôr, como V, Ex.^a:

Quantomaisagradavelseriapintarflôresoufructas!

Que fariamos perante o engulho e o desgôsto de V. Ex.^a a toda esta massa de obras condemnadas por falta de assumpto bonito?

Para onde iria a *Volta da conferencia*, de Courcet, quadro em que não ha senão jumentos e ecclesiasticos ébrios!

Com que tenazes nos apoderariamos, para as queimar, das *Demoiselles de la Seine*, duas barregãs estiraçadas ao comprido na herva d'Asnières como duas bacoras no estêrco de uma possilga!

A que monturo deitariamos a celebre *Baigneuse*, que representa um fundo de costas de dama gorda, voltado para o espectador, d'entre as espumas do Oceano!...

Que balandrau de farricôco não teriamos que vestir á deshonesto *Olympia*, de Manet!

Que espêssa nuvem de papelão ou de algodão em rama não seria mistér descer por carretas dos céos academicos sobre o impudor do *Dejeuner sur l'herbe*!?!...

Que despesa, ex.^{mo} sr., que ruina em chlorureto de cal, para purificar o santuario das academias de toda a infecção de Gavarni, de Daumier, de Cham e de Busch!!

Conta-se que, quando a ex-imperatriz Eugenia viu no salão de Paris, em 1853, o quadro de Rosa Bonheur *Le marché aux chevaux*, sua majestade extranhara que no primeiro plano d'esta tela, em vez dos esbeltos cavallos de Marrocos e da Andaluza, lhe não apparecessem senão os espêssos e pesados cavallos normandos. O *cicerone* que acompanhava sua majestade, explicou que Rosa Bonheur, dando o primeiro logar do seu quadro aos cavallos

mais feios, mas os mais fortes e os mais uteis — os *percherons* — tivera em vista prestar a devida homenagem ás caudelarias nacionaes e á lavoura da França. Momentos depois, na mesma exposição e em frente da *Baigneuse*, a imperatriz perguntou maliciosamente :

— *Est ce encore une percheronne?*

O meu velho amigo Pedro José Proudhon encarregou-me por essa occasião de responder a sua majestade, e fez a esse proposito sobre a natureza do bello e sobre a theoria da arte um livro que, se não receasse offender a V. Ex.^a, eu recommendaria á sua esclarecida attenção. N'esse livro Pedro José, satisfazendo sempre a augusta curiosidade da excelsa princeza, e expondo-lhe o sentido da *Baigneuse*, diz que ella é a vera effigie da burguezia parisiense da restauração e do segundo imperio, e pode representar : uma *bas-bleu*, porque a mulher litterata engorda como a toucinheira ; uma madre abbadessa ; ou uma cortezã *goinfre, tournant à la graisse, devenant énorme*... E, descendo da sua toca de philosopho socialista á linha ferrea sobre que vae passar o comboio da revolução na arte, Proudhon empunha a alavanca do *rail* e sacode no ar, desfraldada, a sua bandeira de guarda-agulha, exclamando : *Le général russe Mouravieff fait fouetter les polonaises patriotes : c'est un brutal qui ne sait pas son métier.*

Courbet fait mieux à ses victimes: il les peint cul nu. Depois do indelicado Proudhon, vem o rude Zola, entendendo mais de pintura, mas entendendo ainda menos de graciosidade. E Zola, vendo em Courbet, no fim da sua carreira, uma certa tendencia para lisonjear no publico as pessoas que pudessem ter sobre a natureza do Bello opiniões semelhantes ás de V. Ex.^a, applica-lhe esta phrase de ferro em brasa: *Courbet, pour l'écraser d'un mot, a fait du joli!*

E em referencia mais particular ao caso das cebolas, de que nos estamos occupando, Zola formula em duas linhas toda a esthetica moderna: — Importo-me pouco com todo o pó de arroz do sr. Cabanel; prefiro os cheiros acres e sãos da natureza verdadeira.

Advirta V. Ex.^a, que Cabanel, de que se trata, é o mesmo professor de pintura que olhando no seu *atelier* para o quadro que um joven pintor portuguez ahi estava concluindo em frente do modêlo nú, lhe disse:

— Metta-lhe agora os callos que a figura ainda não tem e que estão no modêlo.

V. Ex.^a, que é a pessoa mais competente para isso, me dirá o que se pensa na academia da intervenção dos callos na obra de arte. Tenho para mim, emquanto V. Ex.^a se não dignar de esclarecer este ponto, assim como esclareceu o das cebolas, que,

por mais latitudinaria que a academia pretenda mostrar-se para com as callosidades do nú na eschola Cabanel, ella não poderá jámais equiparar na sua esthetica a poesia do callo á da tenra bonina ou á da candida cecem.

De modo que nem o proprio sr. Cabanel seria sufficientemente puro para entrar no *Santa Sanctorum* da arte de V. Ex.^a, a não ser que fizesse acompanhar as suas obras de um attestado passado por um pedicuro.

Assim expurgada, segundo as notas de V. Ex.^a, de todos os quadros de assumptos feios, a pintura perderia todas as grandes ainda que irreverentes manifestações dos genios e dos temperamentos artisticos nas épochas fecundas da arte livre nas republicas de Genova, de Florença, de Veneza e da Hollanda, e ficaríamos exclusivamente reduzidos aos productos da arte aristocratica, ás obras de inspiração cortezã e de disciplina academica, á pintura de Luiz XIV, que chamava *mónos* ás deliciosas figurinhas de Van Ostade e de Teniers, e creava para gloria do seu reinado o execravel genero amavioso, o chôcho, o alambicado, o pelintra pastoril de Pater e de Lancret — os dois gatos pingados da pintura, incumbidos de levar á cova o talento no sepulcro artistico de Versailles.

Passemos ao segundo ponto contido na opinião

de V. Ex.^a, e indaguemos agora se effectivamente a cebola é feia.

Prezadissimo senhor, que é o Bello? — Eis a questão prévia que temos de esclarecer antes de penetrar na questão da cebola.

Segundo deprehendo da sua maneira de analysar e de sentenciar em arte, V. Ex.^a está evidentemente — como todos os academicos de resto — na doutrina do *divino Platão*.

Vossas excellencias, nas academias e na poesia lyrica, assim como no parlamento, nas secretarias do Terreiro do Paço e em todas as regiões officiaes em geral, embalam-se ainda na hypothese de que o homem é um ser decahido de espheras superiores, onde primitivamente viveu contemplando as essencias na companhia divina dos puros espiritos.

D'esse bom tempo passado ineffavelmente no empyreo a aboborar no chôco das claridades e das perfeições celestiaes, conserva o homem n'este mundo de illusões e enganos uma recordação vaga, tenue, bruxoleante mas — louvores a Deus — sempre mais ou menos viva, sob qualquer quantidade de caspa que seja, no intimo do seu pobre côco.

É atravez d'essa luzinha que, quando os anjos o bafejam do alto, o artista, o homem de Estado, o trovador e o academico entrevê na orbita das idéas puras a perfeição transcendente que as artes têm

por objecto revelar-nos e de que o ente supremo poz a noção na alma de alguns sujeitos escolhidos, não a podendo pôr igualmente no feitiço de todas as cousas creadas, as quaes o mesmo ente deixou um pouco tôscas e achambondas, quer por effeito da pressa que teve em apromptar o mundo todo em sete dias, quer por falta, de bôas límas, quer emfim porque entendesse que para a grande maioria de estupidos que constituem o grosso da humanidade não valia a pena de apurar mais a natureza; e para as pessoas finas e cultas cá estavam as academias para alisar, para perfumar e para delamber uma criação á parte.

É a essa mysteriosa lamparina interior que se supõe arder sob as calvas dos grandes homens e que as musas de quando em quando se incumbem de espevitar, que vossas excellencias chamam — creio eu — o ideal.

Sem o ideal entendem vossas excellencias que jámais o homem poderia penetrar n'um certo sitio que vossas excellencias sabem, onde o bello se acha em exposição e ao léo, rabeando aos olhos dos privilegiados.

Para os individuos sem ideal imaginaram vossas excellencias escholas destinadas a fazer conhecer o Bello por informação e de outiva.

Assim li ainda ultimamente que em S. Francisco

haviam provido a cadeira de esthetica n'um individuo que o sr. conde de Almedina, inspector da academia das Bellas Artes, declarou sob sua palavra de honra ter communicado directamente com o Bello e achar-se nos casos de o descrever com fidelidade aos alumnos, pois que o Bello é tanto do conhecimento d'esse cavalheiro como é do conhecimento de nós outros, porque assim o digamos, o rabanete.

Fora das academias e das regiões officiaes passaram-se porém as cousas de um modo diverso.

Em vez da theoria da reminiscencia fundada na doutrina da metempsychose e servindo de base ás theogonias da India e da Grecia e á esthetica das classes elevadas, nós outros vivemos na hypothese mais modesta de que o homem, em vez de ter vindo de cima para baixo na escala dos seres, vae indo pelo contrario de baixo para cima, de desenvolvimento em desenvolvimento na serie dos animaes.

Em vez de anjos decahidos, nós, ex.^m sr., consideramo-nos apenas macacos aperfeiçoados, e todo o nosso orgulho como reis da criação não nos vem das azas que tivemos mas sim das patas que já não temos. Como vestigios do nosso passado no longo encadeamento dos viventes, depois de bem nos observarmos por dentro e por fora, comparando-nos aos cherubins e comparando-nos aos chimpazés, considerada por um lado a hypothese da tribu seraphica

e considerada por outro lado a hypothese dos troglodytas, o que nós vemos em nossa morphologia genealogica, em vez de vagas recordações paradisiacas em coalho de luminaria na tigelinha do miôlo, é unicamente um resto de rabo perfeitamente indicado em nossas falsas vertebraes, é um resto de segundo estomago de velhos herviboros aposentados e inactivos, e é um resto de pêlo de antigas bestas bravas disseminado sobre o nosso rico corpo.

Em taes condições comprehende bem V. Ex.^a que nos achemos forçados a desistir de conhecer o Bello levados unicamente pelo antigo *ideal* immanente e innato de Platão e de Socrates.

Como conhecel-o d'outro modo?

Certo general portuguez, fazendo em Elvas a sua primeira guarda de alferes e lendo no quadro das instrucções respectivas encaixilhado na parede, que deveria fazer acompanhar o Viatico por quatro homens sempre que o Viatico passasse pelo quartel, perguntou a um camarada antigo na guarnição quem vinha a ser o Viatico, porque elle chegara de Lisboa essa manhã, não conhecia ninguem em Elvas e não podia adivinhar quem fôsse o Viatico, que elle nunca vira mais gordo, para o mandar acompanhar quando elle lhe passasse á porta. O camarada interrogado julgou opportuno desfructar a ignorancia do novo alferes, e explicou-lhe que o Viatico era um sujeito

magro, de casaco côm de pinhão, chapéo alvadio e grande guarda-sol debaixo do braço, ao qual se attribuiam em Elvas intenções sinistras e que costumava passear ás tardes nas redondezas da caserna. Obra de duas horas depois, quando muito, vendo-se seguido por quatro soldados de baionetas armadas, o cavalheiro magro do casaco côm de pinhão e chapéo alvadio, que era precisamente um dos quarenta maiores contribuintes do districto e uma das pessoas mais gradas e mais venerandas d'Elvas, entrava esfusiado e furioso pela casa da guarda e foi preciso intervir todo o estado maior para que o alferes lhe não quebrasse a elle o quadro das instrucções na cara e para que elle não enfiasse todo o seu grande chapéo de sol pela bôcca dentro ao alferes!

Ora eu — confesso-o ingenuamente a V. Ex.^{ta} e para isso lhe contei essa historia — estive por muito tempo a respeito do Bello exactissimamente no mesmo estado de espirito em que a respeito do Viatico se achou em Elvas o alferes a que alludo, desde o momento de entrar de guarda e de lêr esse nome até o momento de o querer comer vivo a personagem magra de casaco côm de pinhão.

Um dia, porém, deu-me para tirar a limpo este negocio. Era no inverno. Noites grandes, chuva a potes, pouca sorte ao lôto em familia, noticias das

gazetas as mesmas do inverno anterior, emfim a ociosidade é mãe do vicio — comprei meia duzia de livros, comprei um par de sapatos de ourêlo, acantoei-me ao candieiro com uma faca de cortar papel, e quem já não sae d'aqui, a não ser para o chá ou para a somneca, sem estar ao facto do Bello como está ao facto do melão, é o filho do meu pae!

Enorme o que existe escripto pelos auctores sobre este assumpto!

Cada philosophia tem o seu Bello privativo, o filho mimoso das suas entranhas que ella sustenta com ternura, que veste, que anedeia e que assôa. Ha Bellos de todas as especies: Bello natural, Bello artificial, Bello material, Bello moral, Bello intellectual, Bello ideal, etc.

Cada mestre dá sobre esse ponto a sua regra e diz ao alumno: «— Ora ahi tem vossemecê para o caminho, e pode-se raspar.» E o alumno vae para casa, pega na paleta, pega nos pinceis, senta-se em frente do cavallete, e principia a fazer bello de encommenda pela bitola que lhe deram.

Acabada a obra e annunciada no *Diario de Noticias*, chegam os criticos das differentes escholas, da eschola classica, da eschola metaphysica, da eschola positivista, discipulos de Aristoteles, discipulos de Kant, discipulos de Hegel, discipulos de Augusto Comte e de Herbert Spencer, e como cada

critico tem o seu padrão differente para aferir o Bello do pintor, opinam uns que elle está inspirado, outros que está ébrio, estes que é um genio, aquelles que é um asno. E o unico meio de tirar uma média d'estas diversas opiniões extremas é pendurar o quadro a um prego na parede e esperar que duas ou tres gerações de solidos, insuspeitos e bem garantidos ignorantes passem por elle e o processem, restituindo o em seguida ás especulações da critica definitivamente julgado pela opinião.

De todas as definições do Bello que tive o gosto de lêr, nenhuma me deu noção de cousa alguma e todas ellas mais ou menos contradiziam aquillo mesmo que tinham por fim affirmar.

O Bello é o esplendor do bem.

O Bello é a ordem e grandeza.

O Bello é o reflexo da verdade.

O Bello é o que universalmente agrada.

O Bello é a identidade da idéa e da forma.

Etc., etc.

Ora quando é que a idéa e a forma são identicas?
Problema insolúvel.

Onde é que está a verdade na Acropole de Athenas? na capella Xistina? n'uma symphonia de Beethoven? n'um nocturno de Chopin?

Onde é que está o bem em Orestes, em Agamemnon, em Lady Macbeth, em Madame Bovary, em Madame Marneffe !

Onde é que está a ordem e a grandeza na Urze de Ruysdael ou no Piolhoso de Murillo ! Que o Bello seja aquillo que agrada universalmente, quero bem crel-o *à posteriori*, mas quando eu procuro uma definição do Bello, o que desejo é ser informado *à priori* do que tem de ser a cousa que universalmente agrada. Finalmente, meu rico sr. Anatolio, ainda hoje eu me acharia na ignorancia mais completa sobre a natureza do Bello se, por acaso, uma noite, ao recolher a lençoes embebido da philosophia da arte de Shelling e da parte concernente á evolução das bellas artes na Physica Social de Comte, a doutrina do Bello se me não tivesse repentinamente e maravilhosamente revelado perante a contemplação de oito chapéos velhos de copa alta, successivamente usados por mim durante os vinte annos e hoje depositos por ordem das suas respectivas alturas, como os canudos de um orgão, sobre a cornija do meu guarda fato.

Todos estes chapéos — á excepção unicamente do ultimo, o mais novo, com o qual ousou ainda passar na via publica sem escandalo que perturbe sensivelmente a ordem — são de uma hediondez pungitiva, profunda, verdadeiramente aterradora. Não são sim-

plesmente feios, são disformes, são aleijados. Acham-se pelo aspecto geral fora da natureza e fora da physiologia, são verdadeiros symptomas morbidos, legitimos documentos de pathologia cerebral. E, todavia, eu trouxe successivamente na cabeça todos estes canudos grotescos, appareci com elles em publico, fui com elles ao theatro, ao café, ás lojas, fiz com elles compras, tratei negocios, namorisquei, tive questões, dei pesames, fui a enterros — tudo a serio, e tudo com uma d'estas mitras, como um homem prêso, depois de perder dois dentes com um sôco, n'um baile de mascarar, tendo uma mascara de Perú e um rabo de pennas! E não só ninguem me apupou, ninguem me correu á pedra, ninguem me levou amarrado á presença dos poderes publicos, mas eu proprio, longe de os achar descommunes e irrisorios, os achei bonitos a cada um de per si quando os comprei.

Este facto fornece-me todos os termos da equação destinada a resolver o problema de que nos occupamos.

Ahi estão não menos de oito objectos de que eu successivamente gostei e deixei de gostar, cada um dos quaes eu achei lindo e acho pavoroso.

Como as cousas sobre que n'este caso se exercem as minhas faculdades estheticas se acham eliminadas do problema, pois que essas cousas são as mesmas no caso em que eu gostei, e bem assim no ca-

so contrario, se eu descobrir as causas que em taes condições, extremamente simplificadas, determinaram o meu espirito já a gostar, já a não gostar, é claro que eu terei achado por esse processo as verdadeiras leis inilludiveis que presidem em mim ao exercicio do gôsto, e por consequencia á génesis da noção do Bello.

Vejam, pois, meu benevolo sr. Anatolio... Por que motivo me agradaram os oito chapéos altos usados por mim no decurso dos ultimos annos, e por que motivo me desagradaram?... Pelo que elles são em si mesmos? pelo seu aspecto? pela sua fôrma? pelo seu feitio? E claro que não; porque essas condições são n'elles constantes, e é por effeito d'esse mesmo feitio, d'essa mesma fôrma, d'esse mesmo aspecto fixo, que eu os achei bonitos e graves, que eu os acho feios e burlescos.

Fui eu então que mudei? Tambem não; e a prova é que ponho ainda na cabeça o chapéu mais moderno d'esta serie e que nutro com relação a este, o qual dentro de dois annos não será menos ridiculo do que qualquer dos seus predecessores, exactamente as mesmas illusões fagueiras que alimentei a respeito de todos os outros.

Não; o que unicamente mudou, foi a moda.

Ora, o que é a moda? Uma corrente de idéas representadas pelas formas e pelas côres de certos

objectos, e orientada n'uma certa direcção, conforme um typo dado.

Para que eu goste ou me desgoste do aspecto de um chapéo o que é, portanto, que se passa em mim? Um simples phenomeno puramente subjectivo, uma correlação das minhas proprias idéas com as idéas em voga no meio em que me acho.

D'aqui, este principio: — o gôsto é uma das funcções da faculdade de associar e de relacionar idéas.

Toda a impressão dos sentidos, depois de registada em certa parte do nosso apparatus cerebral, se converte n'uma *idéa*, e ao mesmo tempo, para me servir de uma phrase do professor Lewes, n'uma *incitação espiritualizada de idéas*. Todas as idéas são recordações de objectos que nos feriram os sentidos. O numero de antigas idéas, de *idéas-mães*, que cada nova idéa incita no conjunto das nossas cellulas nervosas, é um numero variavel de individuo para individuo. Aquelle em quem uma certa massa de idéas associadas, de cellulas em vibração, não corresponde immediatamente e espontaneamente a cada nova impressão recebida, a cada novo abalo communicado á serie d'essas connexões nervosas, é o individuo *destituido de gôsto*. Aquelle que sob a excitabilidade mental de cada novo registro de impressão, de cada nova idéa, não correla-

ciona senão idéas desconexas, sem agrupamento harmonico, é o que se chama o homem de *mau gosto*.

Assim como uma nota desafinada n'uma orchestra, um desvio de linha n'um esquadriamento, um pouco menos de pimenta n'um mólho, um pouco mais de *patchouli* n'um lenço, affectam mais certos individuos do que affectam outros, segundo a susceptibilidade dos nervos sensorios da visão, do ouvido, do olfacto e do paladar de cada um, assim tambem a intensidade da commoção produzida por uma obra de arte e a natureza d'essa commoção variarão infinitamente para cada um de nós, segundo as illimitadas gradações do nosso registo intellectual.

Ponha se um esquimau, um botocudo, um pelle-vermelha, um polynesio, um neo-caledonio, em frente da *Gioconda*, da *Transfiguração* ou do *Juíço final*, e nenhum d'esses selvagens, que no fim de contas são creaturas humanas, com os olhos tão bem ou melhor conformados que os nossos, experimentará commoção alguma, a não ser a de um certo espanto, ao vêr perdida n'uma tela morta a tinta com que alguns d'elles aformoseariam tantos narizes e tantos ventres vivos.

Façam ouvir uma symphonia de Rossini ou de Wagner a um negro da Africa central, e elle perceberá apenas que as nossas orchestras conseguiram fazer mais alguma bulha que as d'elle.

Existe por ventura, realmente, objectivamente, para estes individuos, a cousa a que nós chamamos, nas nossas artes, o Bello? É certo que não. E a razão não é sómente que elles careçam de um fundo de idéas fundamentaes para determinar a emotividade artistica; a razão é tambem que elles não correlacionam as idéas que possuem segundo a orientação que dirige a formação das nossas.

Um grande poeta e escriptor americano, visitando pela primeira vez o Louvre, opinava que a unica cousa a fazer com relação a essa grande massa de trabalho artistico, que durante tantas gerações havia distrahido funestamente o homem da solução pratica dos grandes problemas da vida, era deitar o fogo ao museu. Para este individuo, altamente esclarecido, posto que sincero, o Bello, expresso nas imagens exteriores que nol-o representam a nós, tambem não existia.

De todos estes factos que devemos pois concluir, ex.^{mo} senhor, senão que o Bello é um méro producto de idéas associadas de certo modo, um phenomeno puramente subjectivo, espontaneamente gerado dentro de nós mesmos nas linhas da conexão nervosa do cerebro de cada um?...

O valor da obra de arte deduz-se da maior ou menor quantidade de idéas associadas que por meio d'ella o artista desperta em individuos de equal acti-

vidade cerebral, no seu tempo, na sua raça, na sua nação.

Quando a impressão recebida toca o seu summo effeito emotivo e suggestivo, fazendo vibrar, acordar, irradiar, chamarem umas pelas outras, o maximo numero das nossas cellulas nervosas, dizemos, — para definir esse estado do rosso espirito por uma referencia externa á causa que o determinou — que o artista attingiu o Bello.

Entre os complexos sentimentos acordados em nós pela connexão da arte predomina sempre a sympathy da nossa admiração pelo auctor da obra que mais profundamente nos commoveu, e é este novo elemento, esta adhesão affectuosa e reconhecida de homem para homem, que principalmente distingue o Bello na arte do Bello na natureza.

Um simples cardo tisanado n'um torrão sêcco, uma transparencia d'agua n'um copo lavado, um espolhamento de lama no leito de um pantano, um desprezível rabano sobre uma tósca banca de cozinha, quando bem pintada qualquer d'estas cousas sobre um retalho de tela, é sufficiente para nos obrigar a exclamar: «Como é exacto! como é verdadeiro! como é simples e facil de fazer! como é bonito!» E atravez da fina susceptibilidade d'esse trabalhador obscuro que, curvado sobre um cavallete, poz toda a sua alma no bico de um pincel, para nos revelar

com uma pouca de tinta a maneira de ser de cousas tão humildes e tão desprezadas, como que se transforma todo o mundo em tórno de nós, envolve-nos de repente, como n'um banho magnetico, um mysterioso fluido de clemencia e de bonhomia, e a humanidade inteira nos parece por um momento mais dôce, mais carinhosa e mais terna.

Esta admiração agradecida pelo genio, pelo talento, pelo trabalho dos que ennobrecem a nossa especie, affirmando o poder supremo das suas faculdades creadoras na reproducção artistica dos actos da vida, dos estados da alma ou dos aspectos da natureza, basta para modificar inteiramente na obra de arte o sentido grosseiro, o sentido tórpe, o sentido immoral que o phenomeno reproduzido pudesse anteriormente ter tido no vivo da natureza, no seio da sociedade, ou no fundo da consciencia do homem.

Passando dolorosamente atravez dos limbos successivos da intelligencia e do trabalho, até despon-tar na realidade da arte, o factio transfigura-se segundo a medida intellectual e moral do artista cujo cerebro atravessou. O que anteriormente era a maldade egoista na sua forma mais estreita, mais mesquinha, mais profundamente esteril e mais antipathica, torna-se a nova creação tão fecunda, tão elevada e tão luminosa, que se chama a *Cousine Belle* ou que se chama o *Tartufe*; ao passo que o que na

creação natural existia de mais candido, de mais innocente e de mais virginal, se converte no *Menino da selva e o seu cão piloto*. Um cavador de enxada, sujo, suado, andrajoso, descurvando-se de cima da geira sachada e descobrindo a cabeça ao cahir da noite, na longa tristeza dos campos, torna-se o *Angelus*, de Millet; enquanto o que ha mais fresco, mais elegante e mais requintadamente perfumado na aristocratica belleza da mais correcta e da mais perfeita das mulheres, não vem a ser nas artes graphicas senão a tampa rasteira e pelintra de uma caixa de ligas ou de um pote de pomada.

Assim como o contacto da mediocridade diminue e degrada a proporção natural das cousas, do mesmo modo o talento artistico expurga, exalta e ennobrece, pelas suas simples propriedades de refração, todas as imagens que nos transmite.

A arte é a eterna desinfectante de toda a podridão em que toca. Perante a evocação do genio as cousas mais abjectas, passando com toda a sua intensidade viva da realidade natural para a realidade artistica, deixam por esse simples facto de ser uma vergonha de raça, de nação ou de familia, para se converterem n'uma conquista e n'uma gloria da humanidade.

Sendo o Bello, como está dicto, o producto de uma certa associação de idéas, operada nos espiri-

tos sobre que actua a obra de arte, de que modo deverá proceder o artista para que a sua obra determine um tal phenomeno?

A isto responde-se, que o artista não tem que preoccupar-se senão de ser absolutamente sincero na sua fidelidade á natureza, e de ser o mais completamente perfeito no seu processo de exprimir as apparencias da verdade.

Nada mais ha que lhe ensinar em esthetica. Porque nós desconhecemos todas as leis que regulam a relação das formas exteriores, das linhas, dos sons, das côres, com o processo psychologico da filiação das idéas.

Emquanto se não precisar rigorosamente a razão por que um quadro, representando um lanço de caminho em azinhaga por entre os campos nos faz pensar nos dias alegres da nossa esvahida mocidade, como se fôsse essa mesma estrada a que leva na vida ao desinteresse, á esperanza, ao amor; emquanto pintado por outro artista, em igual dia, em igual hora, para igual fim e com igual intuito, esse mesmo quadro, as mesmas arvores, a mesma campina, as mesmas pedras, a mesma estrada, nos não sugere senão uma sensação melancholica de canção da existencia e um vago desejo dôce da morte; emquanto os physiologistas do systema nervoso nos não explicarem o segredo de mil analogias inteiramente

mysteriosas, achadas pelo nosso espirito entre sensações na apparencia mais extranhas entre si; emquanto, por exemplo, elles nos não disserem por que razão, para um grande numero de individuos, o nome de Luiza é azul, emquanto o nome de Anna é branco, e o nome de Ricardo é vermelho, o cheiro da verbena é frio, emquanto o cheiro do cravo é quente, a letra A é grave e a letra I é aguda; emquanto isto se não esclarecer — digo eu — a esthetica poderá estar sufficientemente constituida para os usos especulativos da critica, mas não o está decerto para a technica de nenhuma das bellas artes.

Expondo o mais succintamente que me é possível o resultado das minhas investigações, é claro que eu não quero de modo algum impôr a V. Ex.^a a minha theoria. . . E, não obstante, o argumento dos chapéos, adduzido para evidenciar que o Bello não passa de um factó subjectivo elaborado no nosso espirito e sem realidade exterior, é um argumento de tal modo rigoroso, que todas as observações congeneres o confirmam. A mesma paizagem, cujo aspecto nos deixou indifferentes a primeira vez que a vimos, acompanhados de uma pessoa querida, que depois nos morreu, produz-nos subsequenteemente uma impressão profunda de um encanto amargo, inexprimível. Outro logar, que nos aprazia quando o frequentavamos sob o dominio absorvente de uma idéa

ou de uma paixão, tornou se nos antipathico e odioso, desde que essa idéa cahiu, ou que essa paixão se apagou.

A aria que ainda ha pouco nos fazia chorar de sentimentalidade, faz-nos sorrir de desdem, e toda a obra de Offenbach, que ha dez annos inundava de alegria o boulevard e o mundo, é hoje de um comico lugubre como o espectro da chacota á beira do tumulo de um imperio que morreu n'uma orgia, mascarado de macaco.

E, passando da relação de idéas com idéas dentro do nosso espirito, para a relação das idéas proprias com as idéas dos outros, ou — por outras palavras — ao respeito da moda, note V. Ex.^a que a moda não exerce sómente a sua influencia sobre a fôrma dos chapéos, exerce-a egualmente em todas as concepções do homem relativamente ás apparencias das cousas; a moda domina o nosso gosto na construcção das casas, na plantaçào dos jardins, nas raças dos cavallos e dos cães, no estylo litterario, no proprio estylo scientifico, nas formas do drama, da poesia e do romance, na evoluçào da melodia na musica orchestrada, nos processos de pintar, e até nas mesmas formas do corpo humano, na expressào da superioridade no homem e na expressào do encanto na mulher.

Ha todo um abysmo de differença entre a belle-

za anatomica do homem de Platão e a do homem de Diderot.

A importancia do musculo, como V. Ex.^a sabe, desapareceu da estatuaria, porque o tempo moderno cessou de prestar attenção aos musculos. A cabecinha pequena do athleta e do gladiador, parte complementar da belleza na figura grega, não exprime na esculptura contemporanea senão a característica aviltante dos homens subalternos e das raças inferiores.

As mulheres que mais consideravel papel têm tido na historia das paixões lyricas e no dominio das imaginações pelo prestigio do amor, estariam longe de ser aquellas em que mais votos recatiriam n'um concurso de belleza, e é sufficiente a influencia de uma d'essas mulheres, tornada fascinadora pela celebridade, para alterar em toda uma geração o typo da formosura consagrada pela geração anterior. Sarah Bernhardt, por exemplo, poz em moda todo um systema de linhas inteiramente novas na plastica da seducção.

Apesar, porém, de toda esta serie de confirmações, não, eu não quero impôr a V. Ex.^a a minha theoria do Bello. Quem sabe se a estas horas V. Ex.^a não terá já achado outra infinitamente superior á que eu formulo, o que no emtanto confirmaria ainda o meu principio de que o Bello não existe realmente fóra

de nós, e por isso mesmo elle se presta a ser definido de tantas maneiras diversas quantas são as variadas orientações da vida cerebral em cada individuo! O meu unico fim é expôr a significação dos termos que emprego, assentando assim claramente as bases da refutação aos principios de critica d'arte enunciados por V. Ex.^a

Isto posto, resta-me apenas indicar qual deveria ser, a meu vêr, a obrigação da critica perante os trabalhos de arte e como V. Ex.^a faltou, na sua qualidade de critico á alludida obrigação ao enunciar o erro funesto de que a *cebola é feia*, de que os *pintores devem pintar lindo*, e de que as *meninas não devem mexer nas cebolas*.

O artista é de ordinario — e não precisa de ser outra cousa — um productor inconsciente do alcance philosophico, do alcance social e do alcance esthetico da sua obra, porque nem é um philosopho, nem um sociologista, nem um critico; é um creador. Essa é a sua inferioridade, a sua grandeza e a sua gloria. Todo o intuito extranho ao de produzir realidades o diminue e o degrada.

O principio da intenção na arte destroe-se com uma palavra: A commoção que o artista produz é independente da que elle mesmo experimentou. Molière é um triste. Cervantes é outro. Shakspeare tem pelo contrario a natureza alegre de um trabalhador

methodico, de um burguez satisfeito. Sabe-se qual era a opinião de Flaubert sobre a sua incomparavel obra prima — «*Madame Bovary* — dizia elle — *n'est que de la m... Parlez moi de Hugo et de Chateaubriand!*»

Ora, se a commoção do publico não corresponde á do artista, se o que eu sinto ao vêr um quadro é em geral uma cousa inteiramente differente da que o artista sentiu ao pintal-o, é porque ha uma terceira influencia superior a mim, superior ao auctor, a qual nos domina a ambos. Esse poder estranho é o da natureza, entrevista por mim, interpretada por elle.

Não é pois pela quantidade de idéas e de opiniões pessoaes affirmadas na sua obra, que o artista nos commove, mas sim pela maior ou menor porção da natureza viva que n'ella se condensa e palpita.

Que nos importa a sciencia? que nos importa a philosophia ou a esthetica do auctor?

Ainda agora em França se está discutindo, se, ao escrever o *Tartufo*, Molière quiz fazer uma personagem comica ou uma personagem dramatica.

Shakspeare não sabia cousa alguma da pathologia cerebral, que só muito depois d'elle veio a constituir-se e a entrar no quadro das sciencias medicas, e, todavia, os nevropathas, os vesanicos e os allucinados de Shakspeare, como *Macbeth*, como *Hamlet*, como o rei *Lear*, pelo simples esforço que

elle empregou para os reproduzir fielmente da realidade, são casos perfeitos de molestias que só muito mais tarde se descobriram, offerecendo a symptomatologia completa de enfermidades que a sciencia contemporanea diagnosticou. As obras de medicina recentemente publicadas na Inglaterra e nos Estados Unidos ácerca das molestias mentaes das personagens shakspeareanas demonstram claramente que, pelo simples rigor com que observa a natureza e pela fidelidade com que a reproduz, o artista não só attinge a sciencia, mas ultrapassa-se.

Na maneira de commover em arte, o processo é o mesmo que na maneira de ensinar.

Finalmente, em todos os pontos de vista em que o considerarmos, o artista só tem um meio de ser superior — é ser fiel á natureza e ser fiel á sua propria commoção, ser exacto e ser sincero.

O grande Fromentin, escriptor da mais nobre raça, transviado na pintura, eminente de mais como critico para poder passar da mediania como pintor, simplificou singularmente o thema da arte, dizendo:

«Do que se trata, presentemente, é de dar a cada cousa o seu interêsse, de pôr o homem no seu devido lugar, e, em caso de necessidade, de passar sem elle. Chegou o momento de pensar menos, de pôr o fito mais baixo, de olhar mais ao pé, de observar melhor, de pintar egualmente bem, mas de

outro modo. A pintura de hoje é a da multidão, do cidadão, do homem do trabalho, do *parvenu*, do primeiro que appareça, inteiramente feita para elle e d'elle. Trata-se de ser humilde com as cousas humildes, pequeno com as pequenas cousas, subtil com as cousas subtis, acolhendo-as todas sem omissão e sem desdem, entrando familiarmente na sua intimidade, indagando com affecto a sua maneira de ser. E' um caso todo de *sympathia*, de curiosidade e de paciencia. De ora ávante o genio consistirá em não preconceber cousa alguma, em não se saber que se sabe, em nos deixarmos surprehender pelo modêlo, em não lhe perguntar senão a elle como quer que o representem. Quanto a aformosear, nunca; ennobrecer, nunca; corrigir, nunca; — outras tantas mentiras e trabalho inutil. Em todo o artista digno d'este nome ha um não sei que, que se encarrega de tudo isso, sem esforço, naturalmente.»

Os idealistas, meu senhor, são a peste da arte. E' d'elles que vem á poesia, ao romance, á pintura, a chaga do pedantismo.

A pedanteria é a morte da arte, porque é a sua immoralidade e a sua vergonha.

Para que a arte viva na admiração e se mantenha no respeito dos homens, é preciso, primeiro que tudo, que ella seja honesta, isto é, que seja veridica. Para isso — como diz Fromentin a respeito da pin-

tura na Hollanda — um conjuncto de qualidades mo-
raes: a ingenuidade, a vontade paciente, a rectidão
— simples virtudes domesticas transplantadas da vi-
da intima á pratica das artes.

Thoré, o illustre critico, anterior ao advento da
moderna formula naturalista, dizia, já ha vinte e tres
annos, que o verdadeiro artista se limita a represen-
tar o que vê e a exprimir o que sente: dois termos
inseparaveis de toda a creação artistica. E' o *eu* e o
não eu da philosophia praticados singelamente e ir-
resistivelmente: uma forma real tomada do mundo
exterior e avivada pelo sentimento que inspira ao
homem interior. A natureza e a humanidade são
conjunctamente e indissolavelmente o objecto e o
assumpto de todas as artes, assim como da sciencia
e da industria.

A arte, diz Thoré, propõe, a sciencia expõe, a in-
dustria dispõe.

A missão da critica é como a da sciencia: *expôr*;
o que — com relação ás obras de arte — quer dizer
explicar-as, mostrando em que grau a realidade da
arte corresponde á realidade da natureza, até que
ponto a maneira de vêr e a maneira de exprimir do
artista se filia e se reforça na tradição da sua raça e
do seu paiz, e de que modo emfim as condições in-
trinsecas da sua personalidade, o seu temperamento
e a sua educação intervieram e actuaram na expres-

são da imagem que a sua technica nos transmite. O que quer dizer que as obras de arte têm de ser explicadas taes como ellas são, taes como o artista as fez, e não como o critico desejaria que elle as fizesse.

D'este modo a *escolha do assumpto* está por sua natureza inteiramente fora da competencia da critica.

A *escolha do assumpto* é já como que uma parte do estylo, um dos elementos constitutivos do seu embrião, o primeiro movimento determinante do seu aspecto e da sua expressão. E o estylo é na obra de arte a cousa entre todas inviolavel e sagrada. O estylo é a propria personalidade do artista, o estylo é a alma do auctor encarnada na sua obra, o estylo emfim é o homem.

A *escolha do assumpto*, parte integrante e inicial do estylo, explica se pois com um facto do temperamento, do character, da idiosyncrasia mental do artista, mas não se *impõe* e por consequencia muito menos se *censura*.

Perguntar reprehensivamente a um artista qualquer, por mais modesto e obscuro que elle seja, o motivo por que não pintou antes rosas, em vez de pintar cebolas, é — releve-me V. Ex.^a dizer-lh'ó — um acto que se me figura de leve impertinencia, um acto analogo ao de perguntar a Chardin

porque não pintou a *Ronda da Noite*, e a Rembrandt porque não pintou antes o *copo d'agua*; porque não fez Berchoux a *Historia de França*, e porque não fez Michelet o poema da *Gastronomia*; porque não escreveu Eça de Queiroz os versos da *Musa em férias*, e porque não fez Guerra Junqueiro o romance do *Padre Amaro*; por que motivo finalmente não faço eu estatuas como V. Ex.^a, e por que motivo não planta V. Ex.^a batatas como eu.

A verdade é que cada um faz o que muito bem quer, uns melhor, outros peor, estes com modestia, aquelles com gloria, todos com egual honra. E a unica cousa que nós outros trabalhadores temos o direito de nos perguntar, para o fim de sermos justamente classificados no apreço dos nossos semelhantes, não é o que, é o como.

E, todavia, se eu fôsse a auctora do quadro das cebolas, cuja escolha d'assumpto V. Ex.^a entendeu não poder em sua consciencia deixar de censurar, eu responderia a V. Ex.^a, e dir-lhe-hia:

Eu não pinteí rosas e pinteí cebolas, porque acho as cebolas infinitamente mais bellas do que as rosas. Como obra da natureza, a cebola é mais legitima, é menos desnaturada que a rosa, a qual, como todas as flôres de luxo, não é tanto um producto ingenuo da terra, como é uma obra da industria á semelhança do pó de arroz e da pomada de Opo-

ponax. Emquanto á forma pyramidal, as curvas do seu contôrno são muito mais elegantes que as da rosa, que é redonda. Emquanto á côr, ella é de uma finura cambiante e translúcida, de uma delicada transparencia de perola, de topazio, e de ambar, de um tom louro e quente, de um tom vivo de sol, ao qual nenhuma côr de flôr se compara. Pelas idéas que lhe associo, a cebola é para mim a imagem da vida agricola dos campos, assim como a rosa é a imagem da vida contrafeita e artificial das salas. Emquanto não relaciono o aspecto e o perfume das rosas senão com os potes de porcelana e de crystal, com os vestidos de musselina, com os chapéos de palha, com a valsa ao piano, com o album na jardineira, relaciono o aspecto e o cheiro da cebola com a vasta campina sachada, com o cheiro acre da terra revolvada de fresco, ao fim da tarde, na primavera, quando a primeira baforada de calor annuncia o estio que vem, quando as mondadeiras cantam nos trigaes, raparigas encruzadas no chão entrançam as résteas nas eiras, chlam as noras, a agua das regas borbulha em cachão pelos alfôbres sequiosos, e os moços refrescam no tanque para empilhar na carreta que ha de ir para a feira de madrugada, as couves lombardas, as mãos de rabanêtes e de nabos, e as môlhadas da alface, dos coentros e da pimpinella: — ésto intenso e calido da abundancia da terra,

da sã alegria da vida rustica, da lavoura ao sol, e da merenda fresca ao perfume das seivas, debaixo do parreiral, ao pé do poço. E' tudo isto o que uma simples cebola me lembra, e com isto ainda a minha infancia no campo, os meus passeios de adolescente atravez dos trêvos e das barbas dos milhos nas terras de sementeira, por entre as alfazemas em flôr na verdura dos quintaes; e de entre estas imagens innocentes, risonhas e amadas, vindo para mim como se me quizesse cingir n'um longo abraço maternal, o grande espectro, dôce, amavel e grave, que se chama a patria. E eis ahi porque eu preferi pintar cebolas a pintar rosas.

Se eu fôsse o pae, o marido ou o irmão da pintora que teve a honra de incorrer na censura de V. Ex.^a e na allusão galhofeira ás *lindas mãosinhas que mexem em cebolas*, eu pediria ainda a V. Ex.^a que me quizesse fazer a fineza especial de se occupar com preferencia de outra qualquer cousa antes do que da lindeza das mãos da minha familia e da sua incompatibilidade com o manuseamento de ingredientes culinarios que V. Ex.^a só acha proprios *para fazer chorar as cozinheiras*, mas que, pela minha parte, eu reputo indispensaveis ao tempêro da minha panella. Pello-me por salada com cebola, e teria horror á minha familia se ella julgasse ter de corar perante os escriptos de V. Ex.^a do prazer que

me dá, preparando-me por suas mãos saladas a meu gosto.

E, a proposito de mãos, eu diria mais a V. Ex.^a, que, fóra dos *ateliers*, onde as modêlos-mulheres (especie diferente das mulheres modêlos) *posent la main*, na sociedade propriamente dicta e nas casas dos particulares não ha *mãos lindas*. Ha mãos que fazem musica, ou que fazem quadros, mãos que fazem jantares, ou que fazem camisas: são as mãos que prestam; e ha mãos que não fazem cousa nenhuma: são as que não prestam. Não conhecemos outras. Houve tambem, em tempo, as chamadas *mãos de anneis*, eram as que faziam *trouxas d'ovos* e *barrigas de freira*, sob o reinado do guloso e chorado monarcha senhor D. João V; mas essa categoria aristocratica de mãos desapareceu com os dominios prelaticios e freiraticos da civilização portugueza.

Mãosinhas são de carneiro, não são de gente pensante e séria.

A distincção de mão para mão entre mulheres honestas não está na lindeza, está na lealdade.

A mão de minha mãe tinha um callo de abrir e fechar a porta da despensa e a arca da roupa branca, de regar os seus morangueiros, de cortar o grande pão que nos dava com marmelada para a merenda e de engommar os bibes lavados que eu ves-

tia quando era pequeno; e é precisamente por causa do callo d'essa mão, que — depois de ter barbas na cara e cabellos brancos na cabeça — eu me punha de joelhos para a beijar, de todas as vezes que ia lá cima, pelas festas, á minha aldeia.

Concluindo, peço perdão a V. Ex.^a de me ter alongado tanto.

Tudo o que eu queria dizer com relação ás theorias estheticas de V. Ex.^a se poderia resumir n'esta simples palavra — *não*. Nada porém mais difficil de dizer do que esse monosyllabo. Contava-se em Sparta que os persas eram escravos por não saberem dizer *não*. Nós outros passamos muitas vezes por tolos e resignamo'-nos suavemente a isso por motivo equal. Eu queria dizer *não*, mas gastei para isso quarenta paginas. Ai! ai! muito custa não ser persa!

De v. ex.^a

Admirador, servo e hortelão reverente

SIMPLICIO FEIJÃO.

A SUA ALTEZA A PRINCEZA D. MARIA DAS NEVES

Outubro, 1874.

Princeza. — Quando na noite de S. Bartholomeu alguns catholicos fervorosos completaram em França a obra do movimento religioso iniciado no mundo por um hispanhol e por uma hispanhola, — Santo Ignacio, o biscainho, e Santa Thereza, a castelhana, — o corpo do almirante Coligny, atravessado com um chuço pelo ventre, foi despejado de uma janella a um pateo do Louvre. O cadaver do martyr lutherano cahiu em baixo, n'uma onda de sangue, aos pés do duque de Guise, e uma voz disse: «E' o almirante.» O principe catholico pretendia render á sua religião esta fineza delicada; calcar sob o seu pé serenissimo a face d'aquelle hereje morto. Considerando porém que podia esse cadaver não ser o de Coligny, disse com prudencia e sabedoria notavel: «Limpem-lhe a cara!» O sr. d'Angoulême aproximou-se, ergueu o cadaver, e com uma rodilha limpou-lhe do rosto uma pasta de sangue coagulado. Á luz dos archotes viu-se então um livido per-

fil austero como a honra, duro como a vingança, immovel como a eternidade. Era effectivamente Colligny. O duque, reconhecendo-o, deu-lhe o pontapé.

Princeza, os Guises, que fizeram a sua carreira politica alliando-se com a filha de uma má mulher, e explorando os Bourbons, como os agiotas exploram os fidalgos prodigos e ineptos, deixaram uma memoria sordida e indigna. Todavia o facto que eu acabo de ter a honra de narrar a vossa alteza merece attenção, porque encerra um bom e saudavel exemplo aos historiadores e aos criticos. Se aquelles que houvermos de julgar nos apparecerem na historia cobertos com o seu proprio sangue ou com o sangue dos seus semelhantes — que elles sejam martyres ou que sejam algozes, não os punamos já-mais sem primeiro lhes limparmos o rosto.

Tal é, minha senhora, a razão critica em virtude da qual eu não subscrevo as accusações terriveis que uma parte da imprensa portugueza, tanto em prosa como em verso, tem ultimamente dirigido a vossa alteza tornando-a mais repulsiva e mais odiosa que Lucrecia, a envenenadora, ou Maria, a sanguinaria.

A sinistra amazona, que os viajantes nos descrevem em legendas lugubres, percorrendo ao lado de D. Affonso os campos das batalhas, sorrindo aos cadaveres que juncam os despenhadeiros e os barrocaes, varados pelas baionetas, esmagados pelas car-

retas, ao luar voluptuoso das noites hispanholas, rindo para o ar com as visagens pavorosamente grotescas da agonia; — essa dilettante da morte, semi-monja, semi-bohemia; cheirando á sacristia e á caserna, á estrebaria e ao claustro, ao fumo dos cigarros e ao do incenso; ao mesmo tempo ascetica e carnal, desejada igualmente pelos anjos, seus irmãos no espirito, e pelos soldados, seus companheiros pela carne; não se sabendo se vem do altar, se vem da tarimba; essa mulher, indecifrável esphinge, tenebroso enigma obscurecido e manchado pelo fumo das aldeias incendiadas e pelo sangue espadanado do trote da sua hacanea, não pode ser julgada sem que se saiba ao certo quem ella é. «E' a princeza» dizem alguns. E referem-se a vossa alteza. Meu Deus! — digo eu — quem é que pode reconhecer uma princeza sob essa mascara execravel?

As princezas que vão ás batalhas batem-se ao lado dos homens de sua familia, como faziam as senhoras da casa de Bouillon, na Lorena, cujas ricas armaduras ainda hoje se mostram como trophéos nacionaes nos museus de Paris.

As mulheres da classe baixa, as mulheres do povo, quando estão em campanha batalham como Joanna d'Arc, a imagem mais virginal e mais pura do heroismo guerreiro, ou soccorrem os feridos e consolam os moribundos debaixo do fogo, como

Mére Chocolat, ha pouco fallecida em Paris, a qual era o anjo caridoso dos acampamentos, tinha perdido um braço no Mexico e guardava no corpo seis balas.

Taes são as mulheres quando acompanham os homens na guerra.

Seguir um exercito para animar, com um sorriso meigo, com um olhar amoroso, com uma palavra terna, a carnificina, o incendio, a assolação, para esmagar a piedade e para estrangular o perdão, é um papel inédito, que nunca mulher alguma representou ainda no mundo. E é um contrasenso que faz estremecer de horror o imaginal-o: a mulher, a esposa, o carinhoso ser amante e amado, o que é na terra a summa dedicação, convertendo-se no summo odio!

Se ha realmente mulher que, desfigurada pelo sangue derramado em tórno d'ella pareça esta cousa nova, contradictoria e horrivel, antes de se entregar o seu presupposto nome á execração do mundo e ao juizo de Deus, que venha a rodilha do sr. d'Angoulême, e que se limpe a cara! Porque o que temos deante de nós não é uma personagem, é uma nodoa.

Vossa alteza comprehende bem que dando-me a honra de dirigir submissamente a vossa alteza estas linhas respeitosas, o meu fim, minha senhora, não é de nenhum modo accusal-a; é simplesmente prevenil-a para que vossa alteza não se deixe calumniar.

Na historia dos successos d'este mez ha casos ce-

lebres que me obrigam a presumir que a corrupção da nossa idade tem obliterado muito na familia a pureza da comprehensão antiga do decoro pessoal e da honra domestica. Os jornaes falam-nos de uma imperatriz que fugiu ao marido; de uma princeza que mancommunada com o esposo roubou o seu hotel; e da mulher de um marechal de França que n'uma pagina romanesca, sentimental, opulenta de giros de locução e de processos de estylo, se gloria de ter preparado a seu marido uma fuga miseravel que será na historia o immarcessivel opprobrio e a perenne vergonha do seu nome de cavalheiro e de soldado.

Estas tres senhoras, praticando actos de natureza aparentemente diversa, chegam juntas ao mesmo fim: a dissolução conjugal e a deshonra domestica: a primeira porque abandona o marido; a segunda porque o ajuda a roubar; a terceira porque o ajuda a fugir. As duas primeiras são princezas; tanto peor para os reis de que procedem! A ultima é uma burgueza; tanto peor para o povo de que sahiu!

O amor conjugal não é simplesmente um sentimento; é um cultó. A posse de per si, é apenas o concubinato. A posse e o dever é que constituem a familia. Quando o dever e a posse se desunem, para os simples amantes resta apenas a miseria; para os esposos ha ainda o sacrificio, porque para elles acima da dedicação ao objecto amado existe o respeito ao amor.

A mulher deve acompanhar o homem á desgraça, ao infortunio, á morte, se quizerem. Não pode acompanhá-lo á deshonra nem ao mal. A obrigação da esposa, é guardar, no seu amor pelo menos, no seu proprio ser immaculado, do marido perverso alguma cousa boa, do marido infamado alguma cousa pura.

Henrique Flameng estava condemnado á morte como hereje. Na vespera do dia em que elle devia ser queimado, os juizes propuzeram-lhe o perdão a trôco do simples depoimento de que não era legitima a sua mulher. Aquelle pobre homem, simples e obscuro, seria pelo facto d'essa declaração restituído á sua liberdade, á sua familia, á vida, ao mando, á felicidade. Elle tinha porém uma fé; a da santidade do casamento. Negou a declaração pedida e morreu na fogueira, preferindo á sua vida a honra da sua casa.

E' este heroismo o que devem tomar para norma da sua dedicação as mulheres heroicas. Quando a perversidade, a deshonra, a ignominia envolvem o nome de um homem, a mulher se não pode pelo seu affecto regenerar-lhe o coração, pode cobrir-lhe pelo menos a memoria perseverando no bem. Não é inteiramente maldito aquelle de quem se pode dizer depois da narração de todos os seus erros ou de todos os seus crimes: «Mas era o marido de uma terna e dôce mulher, digna, pura, candida e boa.»

INDEX DO TOMO II

Ao senhor D. Carlos...	5-76
À Associação Catholica do Porto.....	77-101
A John Bull	103-143
A monsenhor Pinto de Campos.....	145-157
Ao sr. ministro do reino.....	159-171
Em resposta a um bilhete.....	173-186
Ao sr. Carlos Bento.....	187-207
Ao <i>Diario Illustrado</i>	209-238
A sua eminencia o sr. Patriarcha.....	239-247
Ao mesmo senhor	249-257
À côrte	259-269
Ao sr. Anatolio Calmels.....	271-312
À princeza D. Maria das Neves.....	313-318

JD-13

